

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU/MG

TAYNÁ PORTILHO DO PRADO

Discursos construídos entre becos e vielas: jovens, crime e território

UBERLÂNDIA

2018

TAYNÁ PORTILHO DO PRADO

Discursos construídos entre becos e vielas: jovens, crime e território

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Regina Pereira

Coorientadora: Prof^a Dr^a Renata Fabiana Pegoraro.

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P896d Prado, Tayná Portilho do, 1990-
2018 Discursos construídos entre becos e vielas [recurso eletrônico] :
jovens, crime e território / Tayná Portilho do Prado. - 2018.

Orientadora: Eliane Regina Pereira.
Coorientadora: Renata Fabiana Pegoraro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.309>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Psicologia. 2. Juventude e violência. 3. Criminalidade urbana. I.
Pereira, Eliane Regina, 1975- (Orient.). II. Pegoraro, Renata Fabiana,
(Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. IV. Título.

CDU: 159.9

Maria Salete de Freitas Pinheiro - CRB6/1262



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO JUNTO AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

Programa de Pós-graduação em Psicologia – PGPSI

Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico - nº 296/2018/PGPSI

Data: 28/03/2018

Hora de início: 09hs00min

Discente: Matrícula nº: 11612PSI020 Nome: Tayná Portilho do Prado

Título do Trabalho: “Discursos construídos entre becos e vielas: jovens, crime e território”

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação

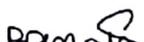
Projeto de Pesquisa de Vinculação: Jovens em situação de privação de liberdade: essa medida educa e prepara para a reinserção social?

Reuniu-se, na sala 2C46, do Campus Umuarama, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Prof. Dr.^a Eliane Regina Pereira, orientadora da candidata; Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho (Membro Interno) e Prof. Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins (Membro Externo).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa Prof. Dr.^a Eliane Regina Pereira apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais. Em face do resultado obtido, a Banca considerou a candidata A **PROVADA**. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU. Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos às 14 horas e 26 minutos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho (Membro Interno)



Prof. Dr. Pedro Pablo Sampaio Martins (Membro Externo)



Prof. Dr.^a Eliane Regina Pereira (Presidente)

Dedico à minha família:

Selma e Alecrim,
por toda doçura que
mantém meus olhos
brilhando.

AGRADECIMENTOS

A paixão de dizer/2

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas.

(Eduardo Galeano)

O pesquisador, assim como o narrador de Galeano, também está todo brotado de pessoinhas e grávido de muita gente, uma vez que constituir-se pesquisador é tomar uma postura caminhante, transitar, experimentar, afetar e ser afetado pela situação pesquisada. Neste percurso, deparei-me com múltiplas e diversas vozes, de modo que tanto no processo quanto ao final dessa jornada vários discursos foram questionados, incorporados e gerados. Com isso, muitas outras pessoas constituíram esse trabalho e, embora muitas vozes não estejam evidenciadas no corpo da pesquisa formal, elas foram igualmente importantes nessa trajetória: tecendo, transformando essa caminhada e, principalmente, ajudando-me a chegar ao fim dela.

Por isso, agradeço às professoras Eliane Regina Pereira e Renata Fabiana Pegoraro pelas orientações recebidas ao longo desses dois anos de aprendizado, em que compartilharam aquilo que tinham de melhor. À Universidade Federal de Uberlândia, ao programa de Pós-Graduação em Psicologia e ao Instituto de Artes, instituições em que circulei durante este período e onde pude estabelecer variadas e intensas relações.

Aos membros das Bancas de Qualificação e Defesa, Daniela Franco Carvalho, Nilson Berenchtein Netto, Pedro Pablo Sampaio Martins, Emerson Fernando Rasera e Maristela de Souza Pereira, agradeço pela participação nestes momentos singulares e extremamente importantes para o trabalho, em que pude contar com a disponibilidade de vocês para uma leitura cuidadosa e apontamentos enriquecedores.

Aos participantes da pesquisa e às outras pessoas que conheci neste contexto, obrigada por me acompanharem em uma aventura que eu não sabia por certo onde daria, pela confiança e por se abrirem a trocas. Vocês mudaram a minha vida e espero que esses encontros tenham sido tão potentes para vocês quanto foi para mim.

À minha mãe, Selma Portilho do Prado por ser fonte inesgotável de amor, compreensão e apoio. Queria escolher as palavras mais lindas do mundo para agradecer a você pela vida e pelo encanto que você me faz ver nela. Obrigada por respeitar minhas transformações e por acompanhá-las de forma paciente. Você é a mulher mais bonita que eu conheço, amo vo-

cê! Ao meu gatinho Alecrim, obrigada pelo companheirismo de sempre e, principalmente, nos momentos de escrita em que ficou ao meu lado, cochilando, brincando e resmungando.

À Ana Flávia Nascimento Manfrim com quem dividi o cotidiano do mestrado e que, pela segunda vez, entrou comigo em um grande desafio, tornando-o mais leve e possível. Agradeço, imensamente, por nossas conversas, pela visão colaborativa e generosa, por construir uma amizade tão rica e fundamental na minha vida. Parece que o dia da realização do “projeto local”, com chuva, durou mais dois anos e nós conseguimos passar por ele juntas.

Ao Antônio Augusto Oliveira Gonçalves que, apesar da distância física em muitos momentos, sempre esteve presente nesta jornada com conselhos, leituras, sugestões de textos e carinho. Obrigada pela sintonia nesses anos e por compartilhar momentos divertidos, principalmente, durante a reta final, na feirinha em Goiânia.

À Gabriela Ribeiro Freitas, amiga e companheira na caminhada da vida que me presenteia com reflexões que ampliam as minhas possibilidades de estar no mundo. Sua força, simplicidade, seu compromisso e cuidado com as outras pessoas e com você mesma me inspiram, obrigada!

Ao Lucas Borges de Carvalho, amigo de alma com quem cultivo uma amizade doce e cheia de trocas. Sinto-me privilegiada em ter você por perto e por poder contar contigo durante o mestrado e em qualquer outro momento da vida. Obrigada por acreditar em mim do jeito que você acredita, isso me ajudou muito.

À Silvia Martins, que passou de colega de curso/profissão para amiga inseparável. A arte nos uniu e eu aprendo todos os dias com a sua fogueira, como diria Galeano, que incendia a vida com poesia e performance. Obrigada por todos os cafés acompanhados de conversas sobre o mestrado e sobre as coisas que acreditamos e não abrimos mão!

À Mariana Cortes Dutra, uma surpresa de amizade que apareceu repleta de luz. Você tem um brilho incrível e por tantas vezes ele faiscou em mim. Agradeço por poder contar com sua torcida para que eu conseguisse terminar este trabalho e pela disposição a me ajudar, além de arejar as minhas ideias com sua visão, cheia de artes e de potência.

À Bárbara Ferreira Teles, “Bb Teles”, parceira de esquisitices e maravilhas. Obrigada por se fazer presente na minha vida e, principalmente, durante o mestrado. Obrigada por tanto carinho, companheirismo e força, seu coração vibra de forma contagiante e me inunda de boas energias.

À Márcia Franco dos Santos Silva agradeço por ser essa mulher incrível que me ajudou de inúmeras formas nesta etapa. Interessou-se pelo trabalho, ajudou a refletir sobre ele em vários momentos, apontou perspectivas que eu não conseguia ver, ouviu meus desabafos, ori-

entou para transformar as vivências da pesquisa em trabalhos artísticos, dos quais eu me orgulho muito em ter feito. E, ainda, foi inspiração para que eu criasse a “Taynazinha”, meu recurso estético para lidar com as dificuldades da vida. Admiro muito sua maneira corajosa de se colocar no mundo, impregnada de reflexões potentes e aberturas para a vida e para o outro.

À Carina de Cassia Poletto e sua família, agradeço por todo cuidado comigo desde que nos conhecemos. Desde bolos de cenoura com calda de chocolate a conversas na porta de casa que fazem eu me sentir “em casa” no mundo. Esta rua não seria a mesma sem você e é bom saber que eu posso contar contigo em qualquer hora do dia ou da noite.

Ao Gabriel Menezes Nunes, que chegou aos 45 do segundo tempo, em meio ao caos de prazos e da pressão de terminar o mestrado e que, ainda assim, tornou os últimos dias mais leves e divertidos. Obrigada pela companhia, por me ensinar a andar de skate, pelos pratos elaborados, pelo incentivo, por me lembrar de que eu sou “durona” e ser afago quando eu me esquecia.

Aos Portilhos, familiares que estiveram comigo neste processo se preocupando e torcendo a cada passo dado. Obrigada por acompanharem este processo com paciência e afeto, eu sei o quanto você torceram para que eu conseguisse terminar esta etapa e o quanto desejam minha felicidade sempre. Aos que estiveram geograficamente mais perto, tio Lúcio Antônio Portilho, tia Ana Lourdes Portilho do Prado, Bárbara Portilho Teixeira e suas famílias, obrigada por cuidarem amorosamente de mim.

E ao meu amado avô, Sebastião Sousa Portilho (*in memoriam*), por todas as suas histórias que fazem parte de quem eu sou, carrego seu amor em todos os momentos.

Menimelímetros (Ribeiro, 2016)

Os menino passam liso pelos becos e vielas
Vocês que falam "becos e vielas"
sabem quantos centímetros cabe um meni-
no?
sabem de quantos metros ele despenca
quando uma bala perdida o encontra?
sabem quantos "nãos" ele já perdeu a conta?

Quando vocês citam "*quebrada*" nos seus
tccs e teses
vocês citam as cores da parede natural tijolo
baiano?
vocês citam os seis filhos que dormem
juntos?
vocês citam que geladinho é bom só porque
custa um real?
vocês citam que quando vocês chegam pra
fazer as suas pesquisas seus vidros não se
abaixam?

Não citam, não escutam
só falam
falácias

É que vocês gostam mesmo é do gourmet
da quebradinha
um sarau, um sambinha, uma coxinha
mas entrar na casa dos meninos que sofreram
abuso durante o dia
não cabe nas suas linhas

suas laudas não comportam o batuque dos
peitos
laje vista pro córrego
seu corretor corrige as estruturas dos madeirites

Quando eu me estreito no beco feito *pros menino* "p" de (im)próprio
eu me perco e peço por não saber nada
por não ser geógrafa
invejo tanto *esses menino-mapa*

percebe, *esses menino* desfilam moda
havaianas azul, branca, preta, 35/40 todos
que é tamanho exato pro seu pé número 38
esses menino tudo sem educação que dão
bom dia
abre até portão
tão tudo fora das grades escolares
nunca tiveram reforço de ninguém
mas reforça
a força, a tática
do tráfico
mais um refém

esses menino não sabem nem escrever
mas marca os beco tudo com caquinho de
tijolo
p c c
você vê
vê? Vê? Vê?
Não vê

que *esses menino* sem carinho
não tem carrinho no barbante

pensa comigo que bonito se fosse peixinho
fora d'água

[assobio]

a *desbicar* no céu

mas é réu na favela

lhe fizeram pensar voos altos

voa, voa, voa

aviãozinho

e *os menino* corre-corre

faz *seus corre*, corre, corre

podia ser adaga, flecha, lança

mas é lançado pra fora

vive pela margem

na quebrada do menino não tem nem ôni-
bus pro centro da capital

isso me parece um sinal

é tipo uma demarcação de até onde ele
pode chegar

e *os menino malandrão*

faz toda lição

acorda cedo

dorme tarde

é chamado de função

tem prestígio

não tem respeito

é sempre suspeito de qualquer situação

você já parou pra ouvir alguma vez o so-
nho *dos menino*?

é tudo coisa de centímetros

um pirulito, um picolé, pai, uma mãe

um chinelo que lhe caiba no pé

um aviso

quanto mais retinto o menino

mais fácil de ser

extinto

seus centímetros não suportam 9 milíme-
tros

esses meninos sentem metros

RESUMO

A complexidade da questão do envolvimento de jovens com o crime impõe a necessidade de um olhar atento para contribuições trazidas por teorias em variadas áreas, como teorias da exclusão social, do crime organizado e do quadro institucional e cultural em que a criminalização do uso de drogas se insere no Brasil. É preciso atentar-se, também, pela forma como isso chega aos territórios mais diretamente afetados por estes aspectos e os modos pelo quais os jovens se apropriam dessas dinâmicas. Diante disso, o presente estudo objetiva compreender como jovens que se envolvem com a criminalidade produzem discursos neste contexto, considerando, especificamente, seus entendimentos sobre si, sobre o crime e sobre o território. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas, com três jovens que possuíam envolvimento com o crime, aproximando-se de suas histórias de vida e de suas percepções neste contexto. Durante as entrevistas, foi possível caminhar com duas participantes, o que permitiu aprofundar em algumas questões, bem como apreender modos como elas se articulavam com o espaço. As entrevistas foram gravadas, transcritas e somadas às observações registradas em diário de campo. O processo de análise teve como aporte as contribuições do Círculo de Bakhtin em diálogo com os conceitos de espaço, território e de territorialidades e resultou em uma análise temática, organizada a partir de três aspectos: 1) *Território*, que versa sobre os espaços pelos quais os entrevistados circulam e como se dá a ocupação destes, ressaltando as diferentes facetas assumidas no cotidiano; 2) *Territorialidades: crime e uso*, que entende o crime e uso como uma das territorialidades do bairro e, assim, contempla as relações e vivências no contexto de venda e uso de drogas a partir dos entrevistados; 3) *Visão de Criança*, que abarca os enunciados com considerações a respeito de ser criança. Diante disso, os deslocamentos realizados neste trabalho possibilitaram múltiplas apreensões sobre confinamentos vivenciados no cotidiano da cidade, no que diz respeito aos modos como os diferentes sujeitos (não)circulam no espaço coletivo. Com isso, foi possível reconhecer a existência de “barreiras invisíveis” na cidade, que, apesar de ocultas no plano físico, são fortemente marcadas nos discursos de seus habitantes, se infiltrando de forma rígida na construção de enunciados sobre a cidade, seus bairros e seus moradores. Da mesma maneira, esses deslocamentos colocaram em movimento entendimentos sobre o crime, sendo que aquelas barreiras entendidas, cotidianamente, como cerradas e determinantes na vida de quem dele participa, mostraram-se fluidas, como um elemento com o qual se dialoga de diferentes formas, permitindo aproximações e afastamentos de acordo com o contexto.

Palavras-chave: Juventude; Criminalidade; Território.

ABSTRACT

The complexity of the issue of involving young people with crime imposes the need for a careful look at contributions brought by theories in various areas, such as theories of social exclusion, organized crime and the institutional and cultural framework in which the criminalization of drug use is inserted in Brazil. Attention must also be paid to the way in which it reaches the territories most directly affected by these aspects and the ways in which young people appropriate these dynamics. Therefore, the present study aims to understand how young people who engage in crime produce speeches in this context, specifically considering their understandings about themselves, crime and the territory. For this, individual semi-structured interviews were conducted with three young people with involvement in crime, seeking to approach their life histories and their perceptions in this context. During the interviews, it was possible to walk through the territory with two participants, which allowed to deepen in some questions, as well as to apprehend ways they were articulated with the space. The interviews were recorded, transcribed and added to the observations recorded in the field diary. The analysis was based on the contributions of the Bakhtin Circle in dialogue with the concepts of space, territory and territoriality and resulted in a thematic analysis, organized from three aspects: 1) Territory, which is about the spaces by which the interviewees circulate and how their occupation occurs, highlighting the different facets assumed in everyday life; 2) Territorialities: crime and use, which understands crime and use as one of the territorialities of the neighborhood and, thus, contemplates the relationships and experiences in the context of the sale and use of drugs from the interviewees; 3) Child Vision, which encompasses statements with considerations about being a child. Thus, the displacements carried out in this work allowed multiple apprehensions about confinements experienced in the daily life of the city, with respect to the ways in which the different subjects (not) circulate in the collective space. With this, it was possible to recognize the existence of "invisible barriers" in the city, which, although hidden in the physical plane, are strongly marked in the speeches of its inhabitants, infiltrating rigidly in the construction of statements about the city, its neighborhoods and its residents. In the same way, these displacements set in motion understandings about crime, and their barriers, understood daily as closed and determinant in the lives of those who participate in it, have shown themselves to be fluid, as an element with which they dialogue in different ways, allowing approximations and deviations according to the context.

Keywords: Youth; Crime; Territory

Figura 1 – Ilustrações feitas a partir do campo de pesquisa



Fonte: Desenhos da autora

SUMÁRIO

1	Ser <i>menimelímetro</i>: jovens, criminalidade e território em outras pesquisas	20
1.1.	Violências e desigualdade social	20
1.2.	“Mundo do Crime”	23
1.3.	Território e jovens envolvidos com o crime: Revisão de Literatura	25
1.3.1.	<i>Caracterização Geral do Material</i>	26
1.3.2.	<i>A Visão de Infância, Adolescência e Juventude</i>	28
1.3.3.	<i>Envolvimento com o crime</i>	33
1.3.4.	<i>Abordagens ao território</i>	37
2	<i>Laudas que comportam o batuque dos peitos: percursos metodológicos</i>	41
2.1.	Delineamento teórico-metodológico	41
2.2.	Procedimentos de construção do corpus de pesquisa	45
2.3.	Considerações éticas	48
2.4.	Participantes	48
2.5.	Procedimentos de análise	50
3	<i>Meninos corre-corre: tecendo diálogos</i>	53
3.1.	A Vila: um território singular	53
3.2.	Território	57
3.3.	Territorialidades: crime e uso	67
3.4.	Visão de criança	81
4	Para não concluir	85
	Referências	89
	APÊNDICE A – Revisão de Literatura: Categorias de Análise	97
	APÊNDICE B – Análise temática da entrevista de Elza	118
	APÊNDICE C – Análise temática da entrevista de Lina	124
	APÊNDICE D – Análise temática da entrevista de Chico	131

A rua e o papel: trânsitos iniciais da pesquisa

Na periferia da cidade, entre becos e vielas marcados por spray, grafites e histórias, em meio a ruas sem sinalização, onde bicicletas transitam em todos os sentidos, dentre casas com seus muros predominantemente de tijolos ou cimentos e portões cinza - algumas escapam pintadas alegremente com cores vibrantes - circulam pessoas exibindo diversidade e, ao mesmo tempo, unidade.

O espaço da rua, difícil de ser delimitado, exerce movimento dialógico com a não-rua marcada por casas com portões abertos e fechados, comércios que funcionam em horários alternados entre o dia e a noite, carros e ônibus sempre de passagem entre um lugar e outro, corpos que se dispõem ou não para os *afetamentos* do caminhar.

Diante disso, a rua se apresenta com barulhos, odores, informações e confusões contrapondo-se ao espaço delimitado da folha de papel, branco, limpo e a ser preenchido.

Perec (2001, p. 31) remete a ação de escrever da seguinte maneira: “Escribo: vivo en mi hoja de papel, la cerco, la recorro. Suscito espacios en blanco, espacios (saltos en el sentido: discontinuidades, pasajes, transiciones)”. A folha em branco é, portanto, mais que suporte para a ação de escrever, é um universo convidativo e desafiador, é espaço recortado com promessa de ser preenchido por ideias, imagens, palavras soltas, verbos, substantivos, símbolos.

Esta pesquisa transita entre esses dois espaços: a rua, lugar onde se vive a pesquisa de forma sensível; e o papel, onde o vivido toma forma material e pretende se impregnar dos espaços e pessoas que a compuseram, tal qual aponta a crítica ácida de Ribeiro (2016) em sua poesia “Menimelímetros” aos pesquisadores que não “*abaixam os vidros*”.

Assim, os meninos e meninas que encontrei ao longo deste trabalho, mesmo com suas singularidades, assemelham-se aos meninos e meninas-mapa da poesia de Luz Ribeiro e, em alteridade com as vozes e espaços que os constituem, eles marcam uma voz central nesse trabalho em diálogo com outras teorias e reflexões. Entretanto, em momentos anteriores à pesquisa, deparei-me com outros meninos e meninas-mapa cujas vozes ajudaram a tecer este trabalho e que tiveram suas vidas marcadas pelas características dos territórios periféricos onde viviam e pelos desencontros com a rede de cuidados e de garantia de direitos.

Embora estes encontros tenham acontecido “fora da pesquisa”, os diálogos possibilitados por eles foram e são igualmente relevantes na minha constituição enquanto pesquisadora e na própria pesquisa em si, sendo importante evidenciá-los.

Ao longo de minha vida, circulei por regiões periféricas, entendendo sua relevância na minha constituição. Mudei-me de cidade e um novo mapa e novas relações se configuraram. Porém, a circulação em contextos periféricos na nova cidade se manteve, inclusive profissionalmente.

Nos últimos anos do curso de Psicologia, fiz estágio em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) situado em um bairro periférico de Uberlândia-MG. As atividades desenvolvidas neste local eram variadas e todas permitiam grande contato com a população que o habitava.

Pude, através desse serviço, aproximar-me de relações estabelecidas ali, em especial nas atividades de grupo com crianças do bairro. O grupo acontecia no serviço e recebia crianças de um amplo território delimitado pela área de abrangência do CRAS. Vale destacar que neste território havia uma ocupação e muitas crianças que viviam nele participavam dos encontros. Assim, as crianças assentadas que participavam do grupo contavam sobre as marcas desse espaço no cotidiano e o modo como se apropriavam delas, sendo que valorizavam essa condição e o modo como viviam.

Entretanto, as crianças que compartilhavam do mesmo bairro, mas não estavam na condição de assentadas viam as crianças assentadas como menos privilegiadas e, assim, os encontros geravam diálogos e tensões com as falas trazidas pelos dois grupos.

Em outro momento, depois de formada, trabalhei durante um ano como Agente Redutora de Danos nesse mesmo município. No dia a dia, circulávamos em duplas ou trios para promover os fatores destacados pela política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, bem como integrar e ampliar o serviço de saúde para além das áreas de abrangência, vinculando pessoas com diversas questões a lugares que pudessem atender suas necessidades.

O bairro no qual atuei era, mais uma vez, periférico e seu entorno era composto por um condomínio de luxo cercado por altos muros e concertina; uma fazenda que compõe área rural da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); uma rodovia e uma reserva ambiental.

Neste último ponto havia grande circulação de pessoas do bairro e de outras regiões da cidade para fazer uso de drogas. Esse era um lugar de fluxo intenso e a nossa passagem por ali era frequente, onde encontrávamos pessoas com diversas demandas para o cuidado, tanto em relação ao uso abusivo, quanto de serviços básicos de saúde (curativos, pré-natal, vacinação, tratamento de dente, entre outros).

Circulávamos, também, por vários dispositivos da rede nos diversos níveis de atenção e, principalmente, no Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSi) e no Centro de

Atenção Psicossocial Álcool e outras drogas (CAPSad). Em complemento às atividades de circulação, fazíamos semanalmente o “ponto fixo” na praça do bairro que se localizava próxima à Unidade Básica de Saúde, à escola pública e avenida principal. Essa proposta consistia em desenvolver atividades em local e horário fixo para aproximar de outros moradores do bairro e ser vistos por eles, explicando e ampliando o serviço.

Assim, levávamos materiais diversos para esse local (sucatas, tinta, papel, jogos) e, como se tratava de atividade aberta, os encontros eram sempre surpreendentes e se constituíam no próprio fazer. As crianças do bairro eram participantes frequentes do “ponto fixo”, protagonizando esse momento com possibilidades de atividades e conversas.

Por acontecer sistematicamente, um grupo de crianças participou de numerosos encontros e assim, pude conhecer suas histórias, suas visões de mundo e aprofundar laços. Neste processo, características da região, tais como tráfico de drogas fortalecido, grande circulação de pessoas que fazem uso de drogas, distância considerável do centro da cidade, falta de equipamentos públicos de lazer, e proximidade com um condomínio de luxo ressaltando desigualdades sociais eram trazidas pelos meninos em diversas situações, constituindo uma visão caledoscópica sobre como era viver naquele território e constituir-se criança ali.

Neste movimento, as falas circulavam e dialogavam entre eles próprios, bem como com a equipe, a sociedade e seus discursos. Em um dia de circulação, fomos acompanhados por uma das crianças que participava do “ponto fixo”. Ao passar pelo muro do condomínio fechado, ela viu uma fresta e olhou através dela, em seguida ela disse que *“lá [dentro do condomínio] é onde mora o sol”*.

As desigualdades sociais e a proximidade com o uso e tráfico de drogas, bem como com os efeitos disso, ganharam contrastes mais intensos quando trabalhei como Técnica Social do Programa FicaVivo!, em outra região periférica da cidade. O FicaVivo! é um programa de controle de homicídios entre jovens de 12 a 24 anos em situação de risco social que vivem em regiões com altos índices de criminalidade. O programa possuía caráter preventivo e se localizava dentro da Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas, sendo executado na época através de parceria entre o Governo de Minas e a OSCIP¹ Instituto Elo, isto é, Terceiro Setor.

As atividades do programa eram baseadas em dois eixos de atuação: intervenção estratégica e proteção social. O grupo de intervenção estratégica reunia os órgãos de Defesa Soci-

¹ De acordo com Cardoso (2014), OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – é uma qualificação proveniente da Lei nº 9.790/99, regulamentada pelo Decreto nº 3.100, de 30 de junho de 1999 (Lei do Terceiro Setor).

al, o Poder Judiciário, o Ministério Público e as prefeituras municipais das cidades onde havia a implantação do programa com intuito de planejar e coordenar repressões qualificadas e eficientes. Quanto ao eixo de proteção social, era constituído a partir de ações de atendimento e de trabalho em rede. Para isso, o programa contava com uma metodologia específica que previa o desenvolvimento de oficinas no território, ofertando diversas atividades que se transformavam em potentes espaços de aproximação e cuidado desses jovens.

Os bairros nos quais trabalhei dentro do FicaVivo! se localizam geograficamente no entroncamento de rodovias que ligam Uberlândia a outras cidades, estando mais uma vez à margem. Além das características comuns com os outros locais que também estavam à margem, essa região tem como peculiaridade ser vista como porta de entrada ou porta de saída, recebendo imigrantes e permitindo uma saída estratégica da cidade. Como diziam os jovens da região, aquele era o lugar do *fluxo*, um lugar de vários acontecimentos.

Por ocorrer em espaços abertos e ter participação voluntária, o programa atendia três grupos de jovens: os que possuíam envolvimento direto com a criminalidade, os que possuíam envolvimento indireto com a criminalidade – caracterizado por familiares envolvidos ou parceiros e parceiras envolvidas – e os que não tinham nenhum envolvimento com a criminalidade, mas reproduziam discursos violentos naturalizados, produtores de sofrimento. Embora os três grupos fossem alcançados em diferentes níveis, o foco maior do trabalho incidia no primeiro, pois isso era entendido pelo programa como facilitador de vulnerabilidade que coloca vidas em risco.

No cotidiano desse serviço, deparei-me mais uma vez com uma produção cultural rica em elementos, que contava sobre como é viver nessas regiões e os modos como ela é violentamente descaracterizada.

Especificamente em relação ao jovem envolvido com a criminalidade, os símbolos são criados, apropriados e recriados constantemente através dos discursos e influenciam o modo de ser deles nos grupos dos quais participam. Assim, ser jovem, pertencer a um bairro periférico e, especificamente, a determinados grupos dentro deste, nos quais se compartilham valores como a humildade e o respeito, resulta em elementos como o jeito de andar com o tronco para frente e braços soltos, os cabelos geralmente descoloridos ou cortados com desenhos, a vestimenta composta invariavelmente por boné, camiseta, bermuda e chinelos de determinada marca – todos bastante coloridos – entre outros. Dificilmente é possível se aproximar dos jovens sem se apropriar destes elementos.

Para isso, é preciso estar em diálogo com esses sujeitos. Entretanto, diferentemente das experiências anteriores, nas quais diversas visões se cruzavam em espaços de tensão e em

movimentos de dialogia, aqui a situação se modificava e o grupo ao qual esses meninos e meninas pertenciam e suas produções eram colocados em condição de desigualdade e não de diferença.

Isso resultava na oferta de acabamentos estereotipados e limitantes para esses jovens, cerceando e oprimindo a riqueza simbólica e material produzida por eles, em um movimento que desacreditava na vida e na potência que possuem.

Essa era uma grande violência que se desdobrava em várias outras, ouvidas diariamente nos meus caminhos. Violências policiais que sofriam, a violência existente nas relações ditas amorosas. Rótulos como o de *talarico*, sujeito que *dá em cima* de mulher que *já tem dono* e, por isso, merecia apanhar ou morrer. O lugar da mulher como objeto e como sendo pertencente a alguém. O lema “matar ou morrer”. O uso de drogas. Guerra ao tráfico. Os palhaços tatuados no corpo. As letras de funk não empoderadoras. A dificuldade de circulação na cidade. A relação com a escola. A falta de espaço de lazer.

Eu, sendo o outro nas relações estabelecidas com esses jovens, produzia acabamentos diferentes daqueles que já estavam cristalizados, a partir da escuta e aproximação. Ouvia suas vozes de como era se constituir nesse território e, além disso, de constituir-se “marginal”. Oferecia outras vozes de cidadania e cuidado, construídas em diálogos marcados por vários lugares em que circulei e da potência que via neles.

Os discursos emergiam com diferentes intensidades e em variados contextos e, embora todos denunciassem a proximidade com a violência em suas relações de alteridade, um em especial me marcou pela convicção que o acompanhava. Após intervenção de alguns profissionais de saúde, o menino de 10 anos disse “*eu não sei por que essas pessoas estão preocupando comigo, eu já decidi, eu quero ser bandido*”.

As inquietações provocadas nestes encontros foram pontos de partida para este trabalho, cujo interesse é compreender como jovens que se envolvem com a criminalidade produzem discursos neste contexto, considerando, especificamente, seus entendimentos sobre si, sobre o crime e sobre o território.

Diante disso, esta dissertação foi organizada em quatro capítulos e toma emprestada a metáfora de DaMatta (1985) que compara um livro a uma casa, com fachada, jardim, sala de visitas, quartos, cozinha. O autor garante que escrever sobre a sociedade estando atento às relações sociais e seus paradoxos inviabiliza a construção de casamatas, entretanto, é possível construir barracos e choças. Desta forma, o texto-casa aqui apresentado tem suas paredes tijolo-baiano e estruturas de madeirites, como citado na poesia de Luz Ribeiro (2006). Ainda assim, é uma morada composta por grandes espaços abertos, é lugar de conversa.

É, também, texto-casa em dialogia com a rua, composta por becos e vielas pelos quais os *menimelímetros passam liso*. Nesse sentido, o Capítulo 1 versa sobre as relações estabelecidas em outras pesquisas, entre território e o envolvimento com a criminalidade, destacando a visão de criança, adolescente e jovem na qual esses trabalhos se baseiam e as perspectivas apontadas acerca deste envolvimento. O Capítulo 2 volta-se para o caminho metodológico desenvolvido na pesquisa e assemelha-se a uma cozinha, onde são narrados os modos traçados para *fazer com*. Neste ponto, prioriza-se o improviso e a criação em detrimento da execução de receitas prontas, resultando, certamente, em múltiplos aprendizados.

No Capítulo 3, adentra-se ao espaço da casa, chegando metaforicamente aos quartos. Nele, é feita uma análise temática a partir do diálogo entre as categorias pertencentes à revisão da literatura com os enunciados dos entrevistados. Disso resulta um panorama sobre ser criança, morar em um bairro periférico e estabelecer relações a partir do uso e da venda de drogas, em aproximação com aspectos do território e da territorialidade do tráfico.

Por fim, o Capítulo 4 é um convite para sentar-se em cadeiras de fio no quintal, tomar um café e refletir sobre o trabalho e suas possibilidades de abertura para outros interlocutores e para novos diálogos que giram em torno da constituição de jovens que se envolvem com o crime, a partir de uma experiência singular vivida diante de encontros igualmente únicos e ímpares nesta trajetória.

1 Ser *menimelímetro*: jovens, criminalidade e território em outras pesquisas

1.1. Violências e desigualdade social

As notícias sobre violência e criminalidade inundam o cotidiano da vida urbana, e relatos sobre assaltos, assassinatos, tráfico, agressões de variadas formas disputam lugar entre mensagens de celular, sites da internet, programação televisiva e conversas corriqueiras. Tudo com uma circulação veloz, em que o impacto de uma notícia logo dá lugar ao consumo da próxima, provocando outra reação ou prolongando a anterior.

Carvalho, Freire e Vilar (2012) apontam para o processo de transformação da informação em produto, de forma que passa a assumir características relacionadas ao procedimento industrial, em detrimento de instruir, noticiar, indagar, esclarecer e dar forma aos questionamentos da população.

Com isso, de acordo com os autores, a mídia promove a cultura da violência e, baseando-se na relação econômica entre o que é produzido e aqueles que consomem essa produção, dilui a informação jornalística em descrições minuciosas e prolongadas sobre determinadas situações, perpetuando o interesse pelo crime e levando-o ao extremo com intuito de envolver os sujeitos, até mesmo aqueles que nunca vivenciaram alguma experiência nesse sentido.

Além da banalização do tema, isso resulta em aspectos ambíguos, em que se apresenta a violência e a criminalidade como comportamentos valorizados, estampando capas de revistas e sendo noticiada exaustivamente nos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, resulta em aumento de pedidos de punição e repressão, com desdobramentos que influenciam até mesmo esferas das políticas públicas, como no caso em que a Sentença Judicial assinada pelo Juiz Federal Lincoln Rodrigues de Faria, em 22 de setembro de 2016, passou a permitir a entrada e o policiamento ostensivo nas dependências da UFU.

Nesse sentido, instaura-se um movimento dialético em relação às notícias de criminalidade, sendo que elas alimentam o circuito midiático e são alimentadas por ele; produz-se, assim, um pseudo-retrato da sociedade, o qual, por sua vez, intervém na própria sociedade.

Entretanto, mesmo derivando de diferentes fontes, o conteúdo audiovisual que alimenta o cenário da violência associado à criminalidade no senso comum não forma um coro polifônico a respeito desse movimento. Pelo contrário, forma-se um ruído único que desconsidera aspectos históricos e sociais da violência e invade os modos de relacionar entre pessoas e espaços, propagando medo e (re)produzindo ainda mais violência na sociedade contemporânea.

Carvalho, Freire e Vilar (2012) associam a origem da violência com a própria origem da humanidade e destacam a variedade de abordagens do tema por diferentes pensadores, como Marx, Hegel e Nietzsche. Dessa forma, não se pode perder de vista que se trata de um fenômeno polissêmico e plural, associado a valores simbólicos e culturais que variam de acordo com as sociedades, tal como aponta o conceito de Michaud (1989, citado por Porto, 2002, p. 152):

há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas poses ou em suas participações simbólicas e culturais.

Velho (1996) amplia essa perspectiva ao propor que a violência está para além do seu uso físico que resulta em danos, sendo dimensão fundamental de sua natureza a possibilidade ou a ameaça de usá-la. Nesse sentido, o conceito implica a ideia de poder, e sua base se estabelece de acordo com as dinâmicas das relações sociais. Neste contexto, a alteridade, definida como o encontro com o diferente, é apontada pelo autor como base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito, principalmente diante da impossibilidade de troca e de processos de reciprocidade.

Bakhtin também entende a alteridade como espaço de tensão, já que o encontro com o outro é igualmente o encontro com outros discursos. Entretanto, para além disso, a alteridade é central no processo de constituição de sujeitos, uma vez que o sujeito, situado social e historicamente, se constitui discursivamente e o diálogo com o outro possibilita a reprodução ou criação de outros discursos (Pucci, 2011).

Nesse sentido, Geraldi (2007) afirma que diferença e desigualdade não são sinônimas, sendo a diferença utilizada para esconder desigualdades. Assim, “diferenças só são percebidas nas familiaridades compartilhadas; desigualdades são recusas de partilha” (Geraldi, 2007, p. 50).

Dessa forma, os autores coincidem no entendimento do quão danoso são as recusas e impossibilidades de troca e partilha, tanto para os sujeitos quanto para as sociedades nas quais eles estão inseridos, sendo que Velho (1996) aponta diretamente para a associação entre essas recusas e o uso da violência.

Não por acaso, a desigualdade social é um aspecto com relevância no olhar para a violência. No entanto, é importante salientar que a pobreza tomada como aspecto único não explica perda dos referenciais que sustentam as interações entre grupos e sujeitos (Velho, 1996).

Desigualdade social diz respeito, também, ao que Zaluar (1996) indica como ambivalências da sociedade brasileira em que uma hierarquia é afirmada em diferentes contextos: “pela diferença de trajes e hábitos, pelos círculos sociais fechados, pelas escolas frequentadas por privilegiados, pelos diferentes tratamentos obtidos na polícia e na justiça que negam a cidadania ou os direitos universais” (Zaluar, 1996, p. 49).

Milton Santos (n.d., citado por Silva, Neves & Martins, 2011), reconhecido geógrafo por discutir questões relativas ao território a partir do conceito de formação sócio-espacial, corrobora com essa discussão afirmando que o valor do indivíduo depende do lugar que ele está. Chama atenção para o fato de que, em nosso país, há um intenso contraste no acesso a bens e serviços essenciais, tanto públicos quanto privados, e isso resulta em carência desses serviços para grande parcela de brasileiros que vivem no campo e nas cidades.

De acordo com ele, há, portanto, desigualdades territoriais na base de desigualdades sociais, de modo que as dificuldades no acesso podem ocorrer por falta de tais serviços na área ou, até mesmo, por questão de tempo ou de dinheiro.

Ao refletir sobre a vida em favelas, Sawaia (1990) refere-se à violência estrutural sentida por seus moradores e não apenas conjuntural. Assim, a “violência não está apenas no espancamento da mulher, na faca do bandido, no estupro da mocinha, etc. Está no Estado, nas condições de trabalho, de moradia, de assistência, e é presente, passado e futuro” (Sawaia, 1990, p.47).

Dessa forma, longe de objetivar alcançar uma explicação em uma visão linear de causa e efeito, Zaluar (1996), ao voltar-se para o tema da violência, ancora-se na perspectiva de que um conjunto de fatores desencadeia um emaranhado de dispositivos com vários efeitos/fluxos que se entrecruzam, sugerindo a urgência em se flagrar tais cruzamentos.

A criminalidade se insere, portanto, em vários desses cruzamentos e, nesse caso, é preciso ressaltar que existem outras formas de violência, que se diferenciam e se associam em diferentes facetas. Adorno (2002) aponta algumas delas percebidas nas cidades: violência nas escolas, violência das galeras e bailes funks, violência doméstica, violência de gangues e quadrilhas de jovens e violência de gênero.

Associar indiscriminadamente violência e criminalidade, recortando a primeira para caber dentro da segunda é desconsiderar inúmeros aspectos desses dois elementos e passar a vê-los a partir de olhares absolutamente enviesados que acabam por alimentar o crescimento de ambas.

1.2. “Mundo do Crime”

Zaluar (1999) lembra que a criminalidade começou a ser discutida de forma mais ampla a partir do final da década de 1980, quando o tema deixou de ser tratado pelo viés jurídico e médico e tornou-se igualmente social e nacional, ganhando destaque na mídia e causando comoção pública. Desde então, várias perspectivas foram lançadas sobre essa questão.

Do ponto de vista jurídico, Santos (2012) aponta que o termo “crime” refere-se a uma infração penal que a lei impõe pena de reclusão ou de detenção - isoladamente, alternativa ou associada à multa - e este pode ser categorizado como contra a pessoa, contra o patrimônio, contra a incolumidade pública e contra os costumes. Vale lembrar que esse conceito varia de acordo com as sociedades, de modo que há modificações entre o que é ou não considerado crime em outros países.

De acordo com Ferreira (2011), os estudos convencionais sobre criminalidade e violência se voltam para questões relacionadas aos grupos sociais aos quais os atores de atos criminais pertencem. Assim, o foco desses trabalhos não é nos indivíduos de maneira isolada.

No caso dos estudos brasileiros, a autora aponta para a fragilidade e inconsistência nas associações de variáveis como tamanho e densidade populacional, percentual de jovens na população, pobreza e desemprego, oferta de serviços públicos, fluxos migratórios e crescimento urbano com “delinquência” e violência.

Em contrapartida, a autora destaca outros estudos que se voltam com mais solidez para as correlações que levam em conta a estrutura social, o processo de urbanização, o congestionamento habitacional, a precariedade das condições sociais, de existência coletiva e da qualidade de vida, presença do crime organizado e do narcotráfico, bem como a fragilidade institucional frente à criminalidade (Ferreira, 2011).

Passa-se, desse modo, a considerar os contextos urbanos, materiais e simbólicos, em que os grupos sociais estão inseridos e, nesse sentido, o território ganha relevância no olhar para a criminalidade, sendo que:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (Santos, 2000, p.96).

Dessa forma, considerando seu uso no território, o termo “crime” pode ser entendido como “categoria nativa” que ganha outro campo semântico, lançando mão de variações internas e com pouca ou nenhuma consistência com o Código Penal (Zaluar, 2012).

A expressão “mundo do crime” indica um recorte dentro do tema criminalidade e, quando utilizada de forma corriqueira no território, recebe novos contornos, indicando que a complexidade do tema extrapola o conceito jurídico e não se resume em apenas uma visão.

Dentro dessa categoria, situa-se o crime organizado enquanto fator com grande proeminência na estruturação da criminalidade metropolitana, juntamente com o tráfico de drogas, e que se associa a política repressiva em relação às drogas (Ferreira, 2011).

Inclui-se, igualmente, a sua expansão através de dinâmicas apontadas por Mattos (2016), em que há a produção de “políticas locais” por traficantes e policiais. Embora de maneiras distintas, essas políticas se complementam e marcam um padrão de governo desses grupos, exemplificadas pelas invasões resultantes de disputas entre facções rivais pelo controle territorial do comércio varejista de drogas nas favelas e pelas incursões dos carros blindados da Polícia Militar e nas operações de “guerra às drogas”.

Outro aspecto pertencente ao “mundo do crime” é a sua poética e estética. Longe de *glamourizá-lo* ou fazer apologia a ele, Feltran (2013) aponta que a tradição musical do rap² fornece possibilidades de produzir entendimentos sobre a emergência do crime na perspectiva da própria periferia, já que os locutores das músicas são seus moradores e seus discursos se voltam para ela, tendo como interlocutores um amplo alcance que inclui policiais, patrões, governantes e outros “bacanas”.

O autor aponta que conceitos como *sistema, crente, ladrão, vida loka, zé povinho, negro drama, anjo, irmão, preto tipo A, neguinho*, entre outros, formam um conjunto que possibilitam o compartilhamento público de visões de mundo produzidas nas periferias, e que oferta sentidos às experiências de várias gerações que vivem nelas.

Nesse sentido, a tradição musical do rap valoriza a dimensão simbólica da produção feita em territórios periféricos e, segundo Feltran (2013), produz conflitos com as categorias usuais de figuração pública dos pobres, possibilitando a desconstrução do dispositivo cognitivo da “violência urbana”.

² Feltran (2013) ressalta que as músicas e a estética do rap podem ser apropriadas por atores de outros setores sociais, inclusive da elite. Entretanto, molda-se um paradoxo se essa apropriação for esvaziada das representações criadas sobre a própria periferia e da força política que a ela reivindica. Desse modo, resta apenas a coesão entre os atores de diferentes grupos sociais pelos desejos despertados por marcas de tênis, carros e outros objetos, isso implica na radicalização do reconhecimento do outro pelo mercado e status, segregando ainda mais a periferia na figuração do todo social.

Nessa perspectiva, o crime se dá como base de uma comunidade fundamentalmente dada a valores justos, já que expressa um ideal normativo de paz, justiça, liberdade e igualdade, valores observados por Feltran (2013) como critérios de julgamento cotidianos das periferias a partir de suas etnografias, e valores componentes do lema do Primeiro Comando da Capital (PCC) – principal facção do “crime” em São Paulo. Essa visão do crime se opõe àque-la normativa de oposto da lei e da ordem e ocupa lugar central na “manutenção” da ordem nas favelas e morros, coexistindo com dispositivos normativos do Estado (Feltran, 2013).

Diante disso, ampliam-se as possibilidades de entendimentos sobre a inserção de jovens no “mundo do crime”, sendo que a complexidade da questão impõe a necessidade de um olhar atento tanto para contribuições trazidas pelas teorias da exclusão social, do crime organizado e do quadro institucional e cultural em que a criminalização do uso de drogas se insere no Brasil (Zaluar, 1996), quanto pela forma como isso chega aos territórios mais diretamente afetados por esses aspectos, bem como o modo pelo qual os jovens se apropriam dessas dinâmicas.

Pinheiro (2001, citado por Pekelman & Santos, n.d.) entende lugar como sinônimo de cotidiano e afirma que nele as experiências de vida e os diversos contextos de relações que envolvem pessoas (coletividades, instituições) se expressam, levando em conta espaços e tempos determinados.

Portanto, se as experiências de vida estão relacionadas com os lugares onde as pessoas vivem, como o território é abordado em pesquisas acadêmicas que versam sobre o envolvimento de crianças, adolescentes e jovens com o crime?

1.3.Território e jovens envolvidos com o crime: Revisão de Literatura

A pergunta sobre o lugar do território nas pesquisas acadêmicas foi ponto de partida de uma busca por trabalhos que se voltam para o envolvimento de crianças e adolescentes com a criminalidade nas bases de dados Scielo, Lilacs e Adolec. As seguintes palavras-chave foram combinadas de várias formas: criança, infância, adolescência, adolescente, juvenil, jovem, infantojuvenil, meninos, meninas, juventude, crime, criminalidade, tráfico, drogas, violência urbana.

As buscas foram realizadas nos dias 17, 20 e 22/04/2017, utilizando como critérios de inclusão: a) estar em língua portuguesa, b) ser artigo de revisão de literatura ou pesquisa e c) ter sido publicado entre 2006 e 2016. Essas palavras apontaram para uma amplidão de traba-

lhos nessas áreas, totalizando 1441 artigos. Destes, foram excluídos trabalhos em outros idiomas, bem como teses e dissertações e, ainda, aqueles que apenas tangenciavam a questão posta e focavam em discussões específicas, como: criança e/ou adolescente vítima de violência, redução da maioridade penal, medidas e sistema sócio-educativo, representação de crianças e adolescentes pela mídia, direitos de crianças e adolescentes, maternidade na prisão, vulnerabilidades, pedagogia, mobilidade urbana e questões médicas associadas a dados de mortes de crianças.

Esse recorte resultou em 41 trabalhos, sendo 9 encontrados no Scielo, 13 na plataforma Lilacs e 19 Adolec. Desses, 6 foram excluídos por estarem repetidos, restando 35 trabalhos para leitura na íntegra.

1.3.1. Caracterização Geral do Material

Os artigos foram, então, organizados em um primeiro momento de acordo com as seguintes categorias descritivas: ano de publicação, objetivos, tipo de estudo (teórico ou empírico), disciplina acadêmica que embasa o trabalho, referencial teórico utilizado para a discussão e metodologia, conforme Apêndice A.

Quanto à data de publicação, eles se distribuem por todos os anos, sendo que no período de 2006 a 2013 há uma grande oscilação ano a ano no número de produção, com a publicação de quatro trabalhos em 2006, dois em 2007, quatro em 2008, um em 2009 e cinco em 2010.

Em 2011 volta a atingir o menor número de apenas um artigo publicado e no ano seguinte, 2012, atinge o maior número, com seis trabalhos publicados, reduzindo para três em 2013. Em 2014 essa escala volta a crescer, porém de maneira menos brusca, com 4 artigos e nos anos seguintes, 2015 e 2016, volta a recuar sem grandes variações, com três trabalhos em 2015 e dois em 2016.

Três dos artigos publicados em 2012, ano com maior número de trabalhos acerca do recorte pesquisado, derivam de uma mesma pesquisa realizada nos anos anteriores à publicação, intitulada de “A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta” (Guerra & França Neto, 2012; Guerra, Soares, Pinheiro & Lima, 2012; Moreira, Guerra & Costa, 2012). Vale destacar que Andréa Guerra, que tem autoria em todos estes trabalhos havia publicado, também, um artigo em 2010 que se associa às

discussões publicadas em 2012 (Guerra, Moreira, Lima, Pompeo, Soares, Carvalho & Pechir, 2010).

Da mesma forma, três trabalhos publicados em 2006, 2007 e 2013 são derivados de uma pesquisa intitulada “Vidas Arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico”, também citada em outra publicação do ano de 2012, sendo esse último com coautoria da autora principal dos demais trabalhos (Feffermann, 2006, 2007, 2013; Abramovay, Feffermann & Régnier, 2012).

Por fim, dois artigos publicados em diferentes anos (2014 e 2015) possuem os mesmos autores e derivam de uma mesma pesquisa, intitulada “Desenho Urbano e Violência Praticada Contra Crianças e Adolescentes” (Souza, Luiz, Vitiello, Anhucci, Suguihiro & Barros, 2014; Luiz, Souza, Vitiello, Anhucci, Suguihiro & Barros, 2015).

Dos 35 artigos lidos, 15 não focam em uma disciplina acadêmica específica (Feffermann, 2006; Oliveira, Wolff, Henn & Conte, 2006; Schimitt, Pinto, Gomes, Quevedo & Stein, 2006; Feffermann, 2007; Priuli & Moraes, 2007; Moreira, Sucena & Fernandes, 2008; Meirelles & Gomez, 2009; Abramovay, Feffermann & Régnier, 2012; Feffermann, 2013; Reis, 2013; Souza et al., 2014; Luiz et al., 2015; Neiva, 2015; Zilli, 2015; Lucena, 2016).

Além disso, 17 trabalhos destacam apenas uma disciplina, sendo 12 em Psicologia (Martins e Pillon, 2008; Canetti & Maheirie, 2010; Guerra et al., 2010; Rosa & Vicentin, 2010; Patti & Romão, 2011; Bastos & Rabinovich, 2012; Guerra & França Neto, 2012; Guerra et al., 2012; Moreira, Guerra & Costa, 2012; Santos, Oliveira, Paiva & Yamamoto, 2012; Gomes & Conceição, 2014; Welter & Scortegagna, 2016), 4 em Ciências sociais (Silva Filho, 2008; Carvalho, 2010; Carvalho, 2013; Sento-Sé & Coelho, 2014), 1 em Enfermagem (Brandão Neto, Brady, Freitas, Monteiro & Aquino, 2010) e 3 publicações apresentam mais de uma disciplina, sendo que 1 artigo destaca Psicologia e Serviço Social (Telles, Carlos, Câmara, Barros & Suguihiro, 2006), 1 se volta para Sociologia, Psicanálise e Direito (Moreira, Rosário & Costa, 2008), e 1 apresenta Sociologia e Psicologia (Costa & Santos, 2014).

Quanto ao referencial teórico utilizado na discussão, 6 utilizaram a Psicanálise (Moreira, Rosário & Costa, 2008; Guerra et al., 2010; Bastos & Rabinovich, 2012; Guerra & França Neto, 2012; Guerra et al., 2012; Moreira, Guerra & Costa, 2012), 1 utilizou contribuições da Psicanálise e da Análise Institucional (Rosa & Vicentin, 2010), 1 partiu da perspectiva sócio-histórica (Feffermann, 2013), 1 utilizou o referencial teórico materialista histórico e dialético (Canetti & Maheirie, 2010), 1 utilizou-se exclusivamente das ideias de Marx (Marxismo), enquanto outro usou exclusivamente as contribuições de Adorno (Feffermann, 2007), e 1 utilizou-se das contribuições de Marx e Adorno (Feffermann, 2006). Um trabalho utilizou as

contribuições de Bauman (Oliveira et al., 2006), 1 baseou-se na Psicossociologia (Gomes & Conceição, 2014), 1 na Teoria discursiva de Michel Pêcheux e psicanálise de releitura laciana (Patti & Romão, 2011), 1 na Teoria da Criminologia Crítica (Neiva, 2015), e 1 no conceito de Capital Social com aporte em Coleman e Putnam (Reis, 2013).

Os demais 18 artigos pesquisados não explicitaram referencial teórico, dialogando com outras pesquisas similares ou trabalhos voltados para discussões mais amplas sobre violência e criminalidade. Além disso, alguns trabalhos dialogaram com as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e outros aportes legais trazidos pela Constituição Federal e Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

Os trabalhos ainda se dividem quanto ao tipo de estudo, sendo 9 teóricos e 26 empíricos. No segundo momento desta revisão de literatura, realizou-se uma leitura visando a aproximação dos trabalhos entre si, buscando analisar e compreender, em suas semelhanças e também diferentes perspectivas, três aspectos relevantes para esta dissertação. São eles: a) a visão de infância, adolescência e juventude; b) o envolvimento com o crime; e c) aspectos do território.

Amorim (2002) aponta que um texto, por si só, já é composto a partir da tensão gerada pelo encontro de muitas vozes, sendo possível perceber aquelas que sobressaem, os lugares que elas ocupam e aquelas que são silenciadas. Nesse sentido, a aproximação de diferentes textos colocando-os em diálogo, ainda que com interesse no mesmo tema, evidencia de maneira mais marcante as tensões que compõem esse debate, tanto no encontro entre interlocutores, quanto em um nível mais amplo dos sujeitos com a sociedade através de discursos produzidos socialmente.

1.3.2. A Visão de Infância, Adolescência e Juventude

Assim, no que diz respeito ao primeiro aspecto, em relação às visões de criança, adolescente e jovem que embasam as discussões dos trabalhos, oito artigos utilizam o termo “adolescência” enquanto um período da vida de muitas transformações, tanto no corpo quanto nos contextos em que eles estão inseridos, marcando uma transição entre a infância e a vida adulta (Telles et al., 2006; Martins & Pillon, 2008; Moreira, Rosário & Costa, 2008; Meirelles & Gomez, 2009; Guerra et al., 2010; Brandão Neto et al., 2010; Rosa & Vicentin, 2010; Guerra et al., 2012).

Essa perspectiva faz emergir a figura do Adolescente, com características próprias, ou um “modo de ser” como traz Telles et al. (2006). Nesse sentido, Moreira, Rosário e Costa (2008) ressaltam que o “aspecto conflitivo” é a principal característica do processo de constituição subjetiva do adolescente. Por sua vez, Brandão Neto et al. (2010) destacam que as transformações corporais e as experiências do Adolescente vão delimitar o potencial de crescimento psicológico do indivíduo. Ainda nesta perspectiva, Martins e Pillon (2008) consideram se tratar de um período de risco, em que alterações da personalidade podem ocorrer.

Além disso, as transformações corporais e a puberdade também são destacadas como marcas que desencadeiam processos subjetivos específicos dessa fase da vida em quatro artigos (Guerra et al, 2010; Brandão Neto et al., 2015; Rosa & Vicentin, 2010; Guerra et al., 2012) e sobre as quais se espera “resoluções”, uma vez que, tal como apresenta Guerra et al. (2012), o ato agressivo pode ser uma “via sintomática” encontrada pelo adolescente para lidar com o “real da puberdade”.

Gomes e Conceição (2014) também utilizam o termo “adolescência”, porém, com uma concepção que se difere das apresentadas anteriormente, entendendo-a como um processo psicossocial, em que as experiências estabelecem relação direta com o contexto social, econômico e cultural. Entretanto, de forma ambígua, o foco neste texto recai sobre o entendimento de que os adolescentes são mais atingidos por processos de fragilização ou desestabilização das identificações, já que representam uma porção social mais destituída de valores referenciais e de âncoras identificatórias estáveis. Assim, apesar de partir de um pressuposto de heterogeneidade com base nos contextos nos quais os jovens se inserem, acaba homogeneizando os adolescentes ao atribuir-lhes uma característica de forma universal.

Em uma perspectiva crítica, Oliveira (2006) destaca que duas perspectivas normativas constituíram historicamente a categoria da adolescência, ora com enfoque nas tormentas e paixões que acometem os adolescentes e a juventude, ora vendo-os como sujeitos plenos de racionalidade. Ambas promovem uma associação com crises, seja reduzindo processos afetivos a suas bases fisiológicas, seja pensando-a com base na visão do mundo adulto.

Esse enfoque negativo destacado pela autora aparece nos textos acima e reforça um paradigma em que predominam “prescrições” de comportamentos para a “adolescência normal”. Além disso, contribui para a naturalização de processos humanos constituídos na trama sociocultural e para a disseminação de visões que separam a adolescência das práticas sociais que a caracterizam (Oliveira, 2006).

Segundo Geraldí (2007), para Bakhtin a vida constitui-se em por-vir. Dessa forma, somos inacabados, porém, temos ideias de acabamento – que se modificam – a partir do olhar

do outro, já que ele produz excedente de visão, enxergando-me de maneira diferente do modo como eu me enxergo. Portanto, os processos de constituição se estendem ao longo da vida e tem o olhar do outro como contemplador/interlocutor importante.

Sensíveis a entendimentos como este, e na contramão dos artigos anteriores, sete artigos partem da problematização das visões universais produzidas sobre essa faixa etária, não atribuindo-lhe características rígidas, e optam pelo uso do termo “juventude”, ou “juventudes” como em Canetti e Maheirie (2010), ressaltando o caráter histórico e social da abordagem (Moreira, Sucena & Fernandes, 2008; Canetti & Maheirie, 2010; Abramovay, Feffermann & Régnier, 2012; Bastos & Rabinovich, 2012; Santos et al., 2012; Sento-Sé & Coelho, 2014; Lucena, 2016).

Destarte, tanto Moreira, Sucena e Fernandes (2008) quanto Santos et al. (2012) evidenciam processos sociais de criminalização da juventude, principalmente pobre, e da visão de juventude enquanto problema, sendo que ambos os textos ampliam a discussão abrangendo todas as classes sociais.

Nesta visão, portanto, entende-se que existem inúmeras possibilidades de ser jovem, sendo que os artigos de Abramovay, Feffermann e Régnier (2012) e de Bastos e Rabinovich (2012) destacam que determinadas características dos modelos de sociedade influenciam as juventudes de maneiras diferentes, como os apelos ao consumo, por exemplo.

Ainda dentro desse contexto, Lucena (2016) parte do questionamento e desmistificação das ideias sobre os fenômenos da violência e da criminalidade infanto-juvenil, explicitando a necessidade de considerar as condições de existência de crianças e adolescentes brasileiros.

Já Feffermann (2006, 2007), Oliveira et al. (2006) e Guerra e França Neto (2012) se direcionam à juventude pobre, porém as visões trazidas nesses textos se diferem de forma contundente. Assim, Feffermann (2006) assinala para esses jovens enquanto exército de reserva de mão de obra à disposição do mercado (“formal” e “informal”), enquanto Feffermann (2007) aponta que jovens de classes baixas vivem em dupla situação de risco através da socialização incompleta e das poucas oportunidades de integração no mercado de trabalho.

Feffermann (2006) e Oliveira et al. (2006) coincidem na discussão sobre o papel da indústria cultural que se traduz em uma estética juvenil globalizada e da qual esses jovens estão excluídos. Nesse sentido ressaltam a desqualificação sofrida por esse grupo na mídia e a busca de reconhecimento pela aquisição de bens.

Em outra perspectiva, Guerra e França Neto (2012) se referem aos jovens que vivem em favelas, indicando para a precariedade do conceito de organização edipiana tradicional para dar conta das variedades de organizações familiares.

O trabalho de Carvalho (2013) tem como ponto de partida crianças oriundas de contextos sociais de realojamento, indicando que elas estão diante de uma probabilidade maior de serem vítimas de ato violento do que autoras.

Já Patti e Romão (2011), Moreira, Guerra e Costa (2012), Costa e Santos (2014) e Luiz et al. (2015) destacam a visão de crianças e adolescentes enquanto sujeitos, sendo que os primeiros se referem à dimensão de sujeito dentro da psicanálise, afirmando que ela tem voz e está inscrita na linguagem e na história, enquanto os demais tratam da noção de sujeito de direitos, tal como preconizado pelo ECA, evidenciando, da mesma forma, a violação e negligência desses direitos.

Por fim, dez artigos (Schmitt et al., 2006; Priuli & Moraes, 2007; Silva Filho, 2008; Carvalho, 2010; Feffermann, 2013; Reis, 2013; Souza et al., 2014; Neiva, 2015; Zilli, 2015; Welter & Scortegagna, 2016) apresentam visões a respeito de criança, adolescente e jovem a partir do recorte do jovem no crime. Assim, Schmitt et al. (2006) propõe uma diferenciação entre jovens que cometeram atos infracionais com e sem psicopatia, em que pesa uma personalidade psicopática sob aqueles que cometeram atos mais graves e, assim como em Carvalho (2010), um histórico de reincidência criminal.

Welter e Scortegagna (2016) enxergam que esses jovens não tiveram um “desenvolvimento saudável”, de modo que há fragilidade na instauração da lei e na função paterna, repercutindo em igual fragilidade no aparelho psíquico.

Ao falar sobre o conceito de acabamento para Bakhtin, Geraldi (2007) esclarece que o sujeito é sempre inacabado, porém existe uma necessidade estética de totalidade que só pode ser dada pelo outro que produz acabamentos. Com isso, Pereira e Maheirie (2016) indicam que o outro/contemplador faz uma leitura e interpretação sobre a exterioridade do eu, sendo que os sentidos produzidos retornam ao sujeito, alcançando-o, em um processo dialógico.

Desse modo, os acabamentos produzidos nestes estudos aprisionam esses jovens, desconsideram-nos em suas totalidades e seus contextos. O ato infracional se torna maior que qualquer outra dimensão da vida desses meninos e eles passam a ser temidos e evitados, vistos como (im)próprios tal qual na poesia de Luz Ribeiro (2016).

Em outro ponto, Priuli e Moraes (2007) optam por traçar um perfil do jovem que cometeu ato infracional, no texto chamado de delito, e, embora apresente vários dados sobre esse grupo de jovens, eles acabam invisibilizados através dos números.

Da mesma maneira, Reis (2013) e Souza et al. (2014) apresentam os jovens envolvidos no crime através de estatísticas, sendo que o primeiro faz uso de dados de homicídios e o segundo apresenta percentuais de idade, gênero e atos infracionais praticados. Reis (2013), ainda, define “pequenos delitos, violência doméstica e infanto-juvenil” a distúrbios de comportamento social.

Ampliando essa perspectiva, Neiva (2015) se volta para a realidade cotidiana da maioria dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas no Brasil, caracterizando-os a partir de diversos fatores como a pobreza, a exclusão social, fragilidade de vínculos familiares, abandono, ausência de frequência escolar e os pares, entre outros.

Silva Filho (2008) também adota o termo juventude e destaca características destas, observadas durante a pesquisa, como a ruptura com gerações mais velhas, consumo como fator inclusivo na cultura e pouca noção de cidadania. Feffermann (2013) entende que os jovens no crime sofrem as influências das lógicas de mercado regidas pelo capital nas quais o tráfico e a criminalidade se inserem, assim, ora são descartáveis, ora indispensáveis.

E, por último, Welter e Scortegagna (2016) contornam o olhar para a criança e o adolescente a partir da noção de gangue, tratada enquanto grupos de pares com sistemas normativos, representações simbólicas e códigos morais próprios que podem ser tidas como “desviantes” socialmente.

Destaca-se, portanto, quatro perspectivas no que diz respeito às visões de crianças, adolescentes e jovens adotadas pelos trabalhos. A *primeira* refere-se ao entendimento da adolescência enquanto fase do desenvolvimento humano numa dimensão linear, marcada por dificuldades e tormentas que resultam na fase adulta. Esse ângulo, descontextualizado histórica e socialmente, contrapõe-se à *segunda* perspectiva, que parte da noção de inúmeras possibilidades de ser jovem, sem características dadas a priori e que se relaciona com o contexto histórico e cultural das sociedades.

O *terceiro* entendimento se volta para a patologização do jovem que se envolve com o crime. Com isso, há uma análise também descontextualizada, em que os aspectos sociais são desconsiderados e, conseqüentemente, atribui-se unicamente ao indivíduo a responsabilização pelo envolvimento, atribuindo-lhe algum transtorno ou falha em seu desenvolvimento físico ou psíquico. Por fim, o *quarto* cenário traça um “perfil” desses jovens, invisibilizando-os ao agrupar-lhes em categorias numéricas que diz respeito a características econômicas, idade, gênero e atos infracionais.

As diferentes visões apresentadas acima formam uma composição caleidoscópica, em que diferentes imagens são constituídas a partir da perspectiva de criança, adolescente e jo-

vem adotada. O mesmo acontece ao analisar o segundo aspecto, que se refere aos apontamentos acerca do envolvimento com o crime, e isso repercute de maneira direta na inclusão/exclusão do território como um aspecto relevante nos trabalhos da área.

1.3.3. Envolvimento com o crime

Impregnados pelas lógicas de normatização e desvio, Schmitt et al. (2006), Telles et al. (2006), Martins e Pillon (2008) e Guerra et al. (2012) associam o envolvimento com o crime a falhas individuais ou familiares, desconsiderando tanto o território quanto os aspectos sociais nessa análise. No mesmo sentido, como mencionado anteriormente, Guerra et al. (2012) associam o envolvimento com o crime e a puberdade, afirmando que o ato agressivo é uma forma de lidar com ela e seus embaraços.

Já Schmitt et al. (2006) associam o ato infracional a um transtorno de personalidade, no caso, personalidade psicopática, que tem como consequência uma grave disfunção na socialização desses indivíduos. Martins e Pillon (2008) optam pelo uso do termo “delinquência” e entendem que o envolvimento com o crime se trata de comportamento anti-social, assim como o uso de drogas. Além disso, apontam três concepções, a saber: ideia de doença; comportamento influenciado pelo grupo; ou como um pedido de socorro solicitando controle.

Por sua vez, Telles et al. (2006) e Welter e Scortegagna (2016) apontam um amplo contexto de vulnerabilidade social, porém, destacam a falha da família na superação de dificuldades financeiras ou sociais e afetivas como relevante no envolvimento com o crime.

A família também ganha destaque em quatro outros artigos (Bastos & Rabinovich, 2012; Guerra & França Neto, 2012; Moreira, Guerra & Costa, 2012; Gomes & Conceição, 2014) com a visão da lei paterna, ora como ausente (Bastos & Rabinovich, 2012; Gomes & Conceição, 2014), ora como ineficiente (Guerra & França Neto, 2012; Moreira, Guerra & Costa, 2012), sendo que esses trabalhos apresentam, ainda, aspectos estruturais da sociedade que influenciam nesse processo, como economia, pós-modernidade, consumismo, possibilidade de lucro rápido, invisibilidade.

Patti e Romão (2011) também apontam de maneira dual para a questão posta, balizando entre aspectos sociais e um desejo do jovem. Segundo elas, “se as necessidades muitas vezes embasam a entrada no narcotráfico, seria da ordem do desejo/gozo o que sustenta a permanência nele” (Patti & Romão, 2011, p.272).

Rosa e Vicentin (2010), Abramovay, Feffermann e Régner (2012) e Neiva (2015) destacam a vulnerabilidade social no processo de aproximação com o crime, sendo que Rosa e Vicentin (2010) e Neiva (2015) problematizam a patologização e criminalização de setores da juventude pobre, enquanto Abramovay, Feffermann e Régner (2012) focam nos modos como as desigualdades sociais, negação do direito ao acesso aos bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura operam nas especificidades de cada grupo social. Ainda, rejeitam a associação entre violência e pobreza, e definem vulnerabilidade como:

resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que proveem do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. (Abramovay, Feffermann & Régner, 2012, p.170).

O envolvimento com o crime ganha diferentes contornos em seis artigos que apresentam tanto os contextos sociais em que os jovens estão inseridos quanto o modo pelo qual se apropriam desse contexto, aproximando-se do “crime” (Feffermann, 2006; Oliveira et al., 2006; Moreira, Rosário & Costa, 2008; Moreira, Sucena & Fernandes, 2008; Brandão Neto et al., 2010; Lucena, 2016).

Assim, Feffermann (2006) e Oliveira et al. (2006) trazem a perspectiva dessa participação como uma estratégia, sendo que o primeiro se refere à estratégia de sobrevivência diante das contradições da sociedade capitalista e o segundo à estratégia de não rendimento ao fracasso separatista da cidade.

Moreira, Rosário e Costa (2008) entendem que o envolvimento com o crime é um atalho ou caminho alternativo para o alcance de uma identidade social. Moreira, Sucena e Fernandes (2008) discutem que entrar no tráfico pode ser uma postura proativa diante do fraco investimento do poder público em políticas públicas. Brandão Neto et al. (2010) apontam para a violência como forma de resistir às injustiças e obter possibilidade de consumo, bem como o relacionamento com o grupo.

Alguns textos se voltam para a combinação entre o que o tráfico oferece e o que falta a jovens que se envolvem com o crime. Assim, Guerra et al. (2010) cita a desfiliação histórica que caracteriza a subjetividade na contemporaneidade e a violência potencializada pela experiência da adolescência somadas à busca do jovem se em estabelecer-se no laço social, através do sentido social e ilusão afetiva oferecida pelo tráfico.

Essa ideia de combinação entre oferta e demanda também norteia os textos de Silva Filho (2008) e Luiz et al. (2015), entretanto, estes associam a participação no tráfico a um cenário macrossocial, onde há aumento da demanda de participação de crianças no tráfico ao mesmo tempo que há um processo de perdas de garantias do trabalho, desemprego e valorização do consumo.

O arranjo apresentado em Feffermann (2013) é composto pelos circuitos de ilegalidade com dinâmicas próprias, estimulados e combatidos ao mesmo tempo, e a sedução de jovens pelo apelo ao consumo, reconhecimento e respeito. Nesse mesmo sentido, o acesso ao consumo e a busca de reconhecimento e status também são evidenciados em cinco trabalhos (Feffermann, 2007, 2013; Meirelles & Gomez, 2009; Carvalho, 2010; Neiva, 2015), sendo que Feffermann (2007) e Meirelles e Gomez (2009) destacam, ainda, a busca de aventura.

Priuli e Moraes (2007) não aprofundam em questões próprias do envolvimento de crianças e adolescentes com o crime, indicando apenas nos resultados da pesquisa que o início da história criminal dos participantes da pesquisa remonta a um período da vida entre 7 e 17 anos de idade.

Santos et al. (2012) apostam no levantamento de vários fatores para elucidar os processos de envolvimento dos jovens com o crime, como o uso de drogas, a presença de drogas na comunidade, corrupção e truculência policial, falha na educação familiar, insuficiência e ineficácia das políticas públicas e falta de estrutura dos equipamentos públicos.

Canetti e Maheirie (2010), Costa e Santos (2014), Sento-Sé e Coelho (2014) e Souza et al. (2014) também partem do entendimento de que vários fatores influenciam nesse processo, porém não elegem fatores determinantes para essa discussão e sim “manchas” e fronteiras difusas, como citado em Sento-Sé e Coelho (2014).

Dessa maneira, Sento-Sé e Coelho (2014) desconfiam das explicações matriciais que buscam enquadrar em relações de causa e efeito e aponta a fragilidade conclusiva dos fatores de risco para a explicação da prática reiterada de ações criminais. Assinalam, ainda, para um continuum de fronteiras difusas entre brincadeira, traquinagem, transgressão e crime, sendo que o sujeito pode facilmente escorregar de um termo a outro.

Canetti e Maheirie (2010) problematizam visões produtoras de estigmas acerca da juventude, da violência e da juventude violenta, rejeitando a associação com a pobreza e moralidade. Ressaltam, também, processos de invisibilidade e visibilidade perversa, estrutura social e cidadania escassa e valoriza o caráter histórico e social da violência.

Carvalho (2013) e Costa e Santos (2014) optam por explorar possibilidades de envolvimento com o crime a partir das relações geográficas e afetivas do território, ambas singula-

res. Assim, Carvalho (2013) indica que o território onde as crianças residem e crescem assume um importante papel na maneira como se relacionam com problemas sociais, influenciando nas opções que tem ao dispor no cotidiano, não só em relação ao envolvimento com o crime, mas de maneira geral.

Ainda nessa perspectiva, Souza et al. (2014) afirmam que a prática de atos infracionais possui inúmeras determinações, não sendo possível mencionar apenas um fator, uma vez que este é construído socialmente. Em seguida, mencionam que as oportunidades de vida e acesso aos serviços sociais, aspectos subjetivos e familiares relacionados à constituição da identidade e socialização do sujeito, e aspectos comunitários, tem determinado o ingresso ou não de jovens no mundo do crime.

Diferentemente de todos os trabalhos, Reis (2013, p. 155) entende que “criminalidade e a violência afetam negativamente o desenvolvimento econômico e social, diminuem o capital social, aumentam o grau de exclusão social e de pobreza, colocam em risco a cidadania e a segurança, além de reduzirem a capacidade de o Estado governar efetivamente”.

Portanto, no que diz respeito aos apontamentos acerca do envolvimento com o crime, as vertentes apresentadas incluem, mais uma vez, a visão centrada no jovem, associando à ideia de doença e transtorno. A segunda perspectiva passa pela culpabilização da família que é apresentada como ineficaz na sua missão de prover desenvolvimentos saudáveis e instaurar leis. Nesse aspecto, ressalta a ideia de que o envolvimento com o crime é um pedido de socorro por limites.

Outros elementos começam a aparecer nas outras vertentes, passando pela vulnerabilidade social, falta de equipamentos e políticas públicas, criminalização da juventude pobre, invisibilidade e visibilidade perversa. Aqui, o contexto social ganha destaque, bem como a apropriação destes das diferentes formas pelos jovens.

Por último, tem-se o entendimento de fronteiras difusas e manchas quanto a esse envolvimento, levando em consideração uma multiplicidade de elementos contextualizados histórica e socialmente.

A partir dessas considerações a respeito da abordagem de infância, adolescência e juventude juntamente com os apontamentos sobre o envolvimento com o crime que embasam os trabalhos encontrados nesta revisão de literatura, retoma-se a pergunta que deu início a essa busca, atentando para o lugar que o território ocupa nesse recorte, o terceiro aspecto aqui destacado. Assim, como o território é abordado em pesquisas acadêmicas que versam sobre o envolvimento de crianças, adolescentes e jovens com o crime?

1.3.4. Abordagens ao território

Em 10 trabalhos o território não é citado em suas análises (Schimitt et al., 2006; Telles et al., 2006; Feffermann, 2007; Martins & Pillon, 2008; Moreira, Rosário & Costa, 2008; Rosa & Vicentin, 2010; Bastos & Rabinovich, 2012; Guerra et al., 2012; Souza et al., 2014; Lucena, 2016). Destes, Schimitt et al. (2006), Telles et al. (2006), Martins e Pillon (2008) e Guerra et al. (2012) utilizam um conjunto de noções acerca do envolvimento com o crime isoladas de qualquer contexto, fazendo com que a associação com a criminalidade seja vista em uma esfera individual, alimentando a ideia de tratamento ou confinamento para correção de desvios.

Na discussão de Guerra et al. (2010), o termo “território” aparece como território subjetivo (leis intrapsíquicas, inconsciente), sendo que, a partir deste, o sujeito olha para sua “realidade concreta” (espaço geográfico e tempo histórico).

Já oito artigos citam bairros em que residem os jovens ou suas famílias e os caracteriza. Contudo, tal caracterização não privilegia aspectos singulares desses espaços ou os modos de vida criados e recriados por seus moradores (Priuli & Moraes, 2007; Brandão Neto et al. 2010; Patti & Romão, 2011; Santos et al., 2012; Sento-Sé & Coelho, 2014; Luiz et al., 2015; Zilli, 2015; Welter & Scortegagna, 2016). Assim, prevalece uma visão homogênea em que se destaca uma série de faltas, como de equipamentos públicos, de boas condições de moradia, de alimentação, entre outras.

Moreira, Sucena e Fernandes (2008) também caracterizam os espaços onde os participantes da pesquisa vivem, descrevendo aspectos comuns entre eles. Entretanto, o faz a partir das perspectivas dos próprios jovens. Dessa forma, além das residências sem infraestrutura e dos bairros sem equipamentos urbanos, o texto apresenta as atividades de lazer pouco dispendiosas que fazem parte do cotidiano deles, como futebol, pipas, bailes e namoro. Além disso, os mesmos autores apresentam elementos de uma relação entre tráfico e território, ou seja, indica que o Brasil é corredor de passagem do comércio internacional de drogas e armas voltado para os EUA, a Europa e a Ásia. Destacam que a maioria dos jovens entra no tráfico do próprio bairro e que, apesar de não ser uma regra, ser da comunidade favorece a entrada. Nesse ponto, também são apontadas relações afetivas da comunidade e como elas podem ser facilitadoras.

Feffermann (2006) e Gomes e Conceição (2014) tangenciam o território, sendo que os segundos autores o citam enquanto fator importante na defesa da Liberdade Assistida e a distância entre território e escola, de modo que o conteúdo escolar não se aproxima da vida coti-

diana dos jovens. Já em Fefferman (2006), ele aparece apenas em dois pontos e associado às estruturas do tráfico, com isso, a autora diz que o tráfico de drogas faz parte da vida de parcela da população das periferias da cidade de São Paulo e que os locais de venda se espalham pela cidade, variando especificamente em relação ao produto, à procura e à administração.

Apesar de não desenvolver discussões referentes ao território, Meirelles e Gomez (2009), Carvalho (2010), Feffermann (2013), Reis (2013) e Neiva (2015) pontuam elementos relevantes dessa dimensão na constituição de sujeitos e no envolvimento com o crime. Dessa forma, Neiva (2015) apenas cita que o território pode ser fator de proteção ou de risco com base no ambiente em si e nos vínculos estabelecidos.

Da mesma maneira, os textos de Meirelles e Gomez (2009) e Feffermann (2013) enfatizam a existência de divisões pelas facções do território geográfico de determinados bairros onde o comércio de drogas é forte e as implicações dessas relações estabelecidas entre elas e os jovens na permanência ou desistência do trabalho no tráfico.

Os trabalhos de Carvalho (2010) e Reis (2013) são construídos a partir da noção territorial, sendo que o primeiro contextualiza historicamente Luanda, abordando o cenário de guerra, migração e explosão demográfica das áreas urbanas, relacionando tal contexto ao surgimento das gangues nessa região, em que jovens se reuniam nas ruas da cidade, em grupos sem estrutura própria, com interesse recreativo.

O segundo trabalho parte do questionamento de por qual motivo determinados bairros periféricos das grandes cidades, como Campo Grande- MS, têm índices relativamente altos de criminalidade, enquanto outros conseguem fazer relativo controle. No desenvolvimento do trabalho, há a caracterização dos bairros pesquisados através de retomada histórica, distância do centro, número de habitantes, equipamentos estatais do bairro e preconceito do bairro na cidade reforçado por histórias locais e destaque na mídia. Entretanto, foca-se no conceito de capital social, apontando para a necessidade de investimento em políticas culturais e de lazer na região visando seu aumento.

Em Guerra e França Neto (2012), o território é destacado em várias partes do texto e embasa as discussões propostas, sendo que os autores salientam, inclusive, a relevância de se tentar entender a constituição do sujeito a partir dele. Especificamente em relação às favelas, o texto afirma que precisamos entendê-las “não como exceções à regra, mas como corporificações da própria forma de funcionamento de nossa contemporaneidade. Aquilo que, no fundo, define a nossa civilização” (Guerra & França Neto, 2012, p.491).

Apesar de colocar as favelas em lugar central, diferentemente da visão cristalizada de margem, tanto geográfica quanto política e social, cria-se uma tensão ao homogeneizá-las, quando território está diretamente associado àquilo que nele se produz, singularmente.

Além disso, a favela é parte constituinte do território da cidade, de forma ampla e relacionada. Assim, Milton Santos (n.d., citado por Ribeiro, 2002) aponta a cidade como organismo vivo, de modo que, em cada momento histórico, cada parte da cidade evolui de maneira diferente. Nesse mesmo sentido, Gondim, Monken, Rojas, Barcellos, Peiter, Navarro e Gracie (n.d., p. 2) complementam:

Uma cidade é capaz de produzir o lugar dos ricos e dos pobres, das indústrias e do comércio, dos fluxos e circulação de mercadorias, bens e serviços e também produzir riscos diferenciados para cada indivíduo ou grupo social. Sua estrutura espacial é necessariamente heterogênea, resultado da permanente ação da sociedade sobre a natureza. Esse espaço produzido socialmente se configura como um território que exerce pressões econômicas e políticas sobre a sociedade, criando condições particulares para sua utilização por cada ator social.

Nesse sentido, cinco trabalhos se voltam para uma discussão de cidade enquanto território, produzida e produtora de segregações que impactam de maneira diferente na constituição de seus moradores (Oliveira et al., 2006; Silva Filho, 2008; Canetti & Maheirie, 2010; Abramovay, Feffermann & Régnier, 2012; Carvalho, 2013). Em relação aos jovens pobres, Canetti e Maheirie (2010) evidenciam os processos de invisibilidade e visibilidade perversa em diálogo com o confinamento a céu aberto apontado em Oliveira et al. (2006).

Moreira, Guerra e Costa (2012) e Costa e Santos (2014) apontam a concepção de território para Milton Santos, conceituando-o historicamente. Assim, os primeiros caracterizam geograficamente o território estudado, apresentando os equipamentos que ele dispõe (campo de futebol, praça, galpão abandonado) e os que faltam (escola, posto de saúde). Apresentam, ainda, que os grupos rivais que comandam o tráfico na região cercam esse território, refletindo na impossibilidade de circulação e acesso a serviços próximos.

Costa e Santos (2014), por sua vez, apresentam a dificuldade de circular pela cidade, tanto pela falta de acessibilidade do transporte público para jovens pobres, quanto pela ameaça de estar diante de outros códigos que não aqueles dominados por eles em seus bairros, desse modo, a comunidade é tanto lugar de possibilidades, quanto de limites.

Portanto, a revisão da literatura indica que o território, enquanto espaço utilizado e apropriado por uma dada população, não é tido como elemento central ou de destaque para a

maioria dos trabalhos, diferente da diversidade de olhares acerca da juventude e dos apontamentos de seu envolvimento com o crime.

Assim, há uma (re)produção de não lugares nesses trabalhos, que desconsidera os modos de vida apropriados por jovens que se envolvem com o crime e permite olhá-los a partir dos modos de vida produzidos e apropriados pelos territórios nos quais o pesquisador circula, inclusive o “lugar-neutro da ciência”, ecoando em mais violência.

Nesse sentido, a noção de território precisa ser tensionada para além da composição geográfica, pano de fundo e cenário, sendo importante elemento na produção de modos de vida e, conseqüentemente, na apropriação destes em processos de constituição de sujeitos, principalmente, no que diz respeito ao envolvimento de crianças e adolescentes com o crime. Diante disso, este trabalho se interessa em compreender como jovens que se envolvem com a criminalidade produzem discursos neste contexto, considerando, especificamente, seus entendimentos sobre si, sobre o crime e sobre o território.

2 *Laudas que comportam o batuque dos peitos: percursos metodológicos*

2.1. Delineamento teórico-metodológico

Flick (2004) aponta para o processo de pluralização das esferas de vida que coloca os pesquisadores diante de novos contextos sociais e estes, por sua vez, passam a exigir novas sensibilidades para o estudo empírico de suas questões. Neste quadro, a perspectiva qualitativa ganha relevância, possibilitando a criação de caminhos para além das metodologias dedutivas tradicionais. Assim, esta pesquisa foi desenvolvida no quadro qualitativo e em diálogo com as contribuições do Círculo de Bakhtin.

As proposições do Círculo não postularam um conjunto sistematizado para realização de pesquisas e análise. Todavia, a somatória destas obras possibilitou a construção de uma análise/teoria dialógica do discurso que repercutiu em estudos linguísticos, literários e nas Ciências Humanas (Canetti, 2010).

Dentro deste contexto, o caminho e o objeto na pesquisa devem ser construídos a cada investigação, em diálogo com as contribuições teóricas de Bakhtin e demais autores de seu Círculo. Diante disso, Castro, Portugal e Jacó-Vilela (2011) alertam para a necessidade de rejeitar tais aportes como uma fórmula ou uma série de regras a serem aplicadas e, desse modo, são características desta proposta a indeterminação, duplicação e ambiguidade.

Além disso, tendo em vista que, na perspectiva bakhtiniana, os sujeitos se constituem discursivamente (Pucci, 2011), trata-se de um desafio às ciências humanas realizar investigações tendo por base sujeitos produtores de discursos, diferenciando-se da condição do *objeto do qual se fala para sujeito falante*, tal qual reforçam Magalhães e Silva (2016).

Dessa forma, a partir do prisma bakhtiniano, não é interesse do pesquisador assumir e defender uma postura neutra. Pelo contrário, os autores sugerem que cabe estabelecer relação dialógica com o sujeito participante da pesquisa, em que tanto um quanto outro falam, todavia, sem perder o lugar de pesquisador.

Isto é possível a partir dos seguintes pontos: a compreensão do texto/enunciado a partir do lugar de seu contexto de produção; e fazer uso da distância temporal e cultural entre pesquisador e participante da pesquisa com objetivo de adicionar a compreensão que escapa ao pesquisado no contexto investigado. Esses dois aspectos são imbuídos do ato ético responsável que conecta o âmbito singular da vivência do sujeito ao âmbito da teoria, sem sobrepor

o campo da teoria ao sujeito (Magalhães & Silva, 2016). Este processo corresponde, a uma atividade estética, sendo que nela,

para que um autor possa tratar de um conteúdo, de um “outro”, deve realizar alguns movimentos. Primeiramente, perceber esse conteúdo de fora, de uma posição de quem tem um excedente de visão sobre o outro. Essa percepção já implica esteticização do conteúdo, posto que aquilo que se vê de fora permite a projeção de um acabamento inerente a atividade estética. Em seguida, o conteúdo estético deve ser conhecido do autor a partir do próprio lugar ideológico desse outro. Esse movimento é definido pelo pensador russo como “enformação” da consciência do autor na consciência do outro (Bakhtin 2003a:25) que é uma tentativa de ver o que o outro vê, de sentir o que ele sente. Finalmente, o autor deve retornar a sua posição exotópica, de onde, então, terá sobre o outro uma nova percepção, que inclui aspectos inerentes ao seu posicionamento externo, mas leva em conta os aspectos da visão desse outro. (Magalhães & Silva, p. 992).

Com isso, tanto o pesquisador quanto o participante da pesquisa se implicam no processo de produção de um conhecimento singular, do qual não se pretende a generalização de resultados. Nesse sentido, Souza e Albuquerque (2012) acrescentam que o pesquisador em Ciências Humanas transita entre descobertas, tomadas de conhecimento, comunicações e produções de sentido entre eu e o outro, sendo que a especificidade desse encontro produz igualmente um conhecimento específico, que é dialógico e alteritário. Assim, para as autoras, a pesquisa com base na perspectiva bakhtiniana, constitui-se enquanto um processo de produção de conhecimento compartilhada, evidenciando as tensões entre eu e o outro e a singularidade dessa constituição.

Além disso, a obra bakhtiniana volta-se para o estudo da linguagem nas esferas da vida e da arte, adotando a perspectiva do sujeito enquanto situado social e historicamente, marcado pela produção ideológica que o circunda (Pucci, 2011). Dessa forma, a linguagem deixa de ser entendida apenas a partir de componentes formais da língua e pelas significações estáticas das palavras registradas em dicionários. Pelo contrário, aos enunciados somam-se os componentes discursivos, tornando relevante aspectos do contexto em que ele foi produzido, como o lugar, momento, interlocutores e a relação entre eles (Sobral & Giacomelli, 2016).

Assim, trata-se de um fluxo generalizado e inacabado de trocas verbais, em que os signos que a compõe são marcados pelos valores dos sujeitos e, inevitavelmente, respondem a outros signos, sendo ainda, produzidos na expectativa desta resposta (Costa, 2015).

Neste contexto, a constituição de sujeitos remete a um processo discursivo associado às interações com diversas vozes sociais. Este movimento ocorre através de um encontro de consciências, em que há um intercâmbio de sentidos e estes, por sua vez, possibilitam a reprodução do discurso alheio ou a produção de outros (Pucci, 2011).

Fiorin (2006) indica que um dos aspectos do dialogismo bakhtiniano é a constituição de um enunciado heterogêneo a partir de outros aos quais se responde, concordando ou discordando. Disso resulta a ideia de que, além da posição explícita no enunciado, revelam-se, também, as posições a partir da qual ele se constrói, exibindo “seu direito e seu avesso” (Fiorin, 2006, p.24).

Com isso, em processo de diálogo, compreensão e (re) produção de discursos há um encontro entre as palavras recebidas - e que, por sua vez, já dialogaram com outras palavras - e as contra-palavras “produzidas” a partir do repertório e da constituição do sujeito. Essas contra-palavras são mediações próprias que tornam intraindividual aquilo que antes era interindividual (Pucci, 2011).

De acordo com a autora, embora essas palavras sejam produzidas pelo sujeito, ofertando individualidade ao discurso, ainda assim, elas estão imersas na condição social que constituem o sujeito, por isso, até mesmo as contra-palavras são sociais. Dessa forma, a dialogia ocorre tanto no que diz respeito ao encontro de dois interlocutores, quanto no que se refere a esferas mais amplas, como visões de mundo e orientações teóricas e filosóficas.

Nesta conjuntura, Costa (2015) destaca, como princípio dialógico, que aquilo que é tido como externo ao enunciado é, na verdade, intrínseco a ele. Com isso, as relações alteritárias ganham lugar central e as palavras utilizadas em um enunciado se engendram numa cadeia de significações atribuídas por aqueles que já as utilizaram. Vale destacar que, de acordo com Geraldi (2007), a alteridade é pilar da perspectiva bakhtiniana e isso se traduz na existência e no reconhecimento do Outro pelo “eu” e na relação entre ambos como fundamental na constituição dos sujeitos.

Desse modo, um conjunto de enunciados em diálogo/relações dialógicas faz com que uma multiplicidade de vozes possa ser ouvida em um único enunciado, o que caracteriza a polifonia, tal qual mostra Amorim (2002). Isto posto, a autora diz que a enunciação é espaço de expressão e, também, de constituição de subjetividade, sendo que o sentido é produzido e não dado a priori, com base nas relações de alteridade. Portanto:

Relações dialógicas são, para o sujeito, fundantes de sua constituição, de sua atuação frente a vida, e esta constante tensão e luta com as palavras dos outros constituem a fluente e situada identidade de cada um (Pucci, 2011).

Isso antecipa o entendimento de constituição enquanto um processo constante, em que novos diálogos são estabelecidos a cada encontro com o outro e, nesse sentido, não se trata de um projeto acabado, finalizado, fechado, ao contrário, refere-se a um frequente vir a ser.

Diante disso, Castro, Portugal e Jacó-Vilela (2011) pontuam que essa perspectiva se afasta da consciência individual e do idealismo, justamente por encontrar seu sentido e sua origem na tensão dialógica que requer a participação do outro. Portanto, deve-se considerar a ideologia intrinsecamente às condições materiais de existência, de modo que se torna impossível separar a análise do contexto ao qual o sujeito está inserido.

Voltar-se para os espaços onde os sujeitos se constituem, a partir de como eles os descrevem, é um dos caminhos para aproximação e apreensão do contexto no qual ele está inserido, considerando que muitos são os aspectos que o circundam.

Silva (2017) indica que não é nova a associação entre *sujeito e meio* na Psicologia e destaca que ela é central em variadas abordagens desta, ainda que cada uma apresente singularidades a partir das diferentes definições atribuídas aos termos em questão. Dessa forma, a autora aponta que estes estudos orientam-se, com frequência, por questões referentes ao *homem e o território* e considera, em outro sentido, a perspectiva que se interessa pelo *homem do território*, com os enredamentos em torno das dinâmicas históricas e psicossociais dessa reorientação.

Diante da segunda perspectiva, os conceitos de espaço, território e territorialidades ganham relevância neste debate e faz-se necessário elucidar as concepções aqui adotadas. A compreensão e definição de espaço envolvem intensos debates na Geografia, entretanto, podemos tomá-lo, com base na obra de Henri Lefébvre, a partir de sua estreita correlação com a prática social, portanto, como espaço social, vívido (Corrêa, 2000). Em complemento a esta visão, a obra de Milton Santos aponta para o espaço como o sistema de relações indissociáveis, indicando estreita relação entre a sua produção, a produção da vida e a constituição de sujeitos, tal qual aponta Silva (2017).

Em conformidade com esta visão, as noções de território e territorialidades contribuem, de maneira mais específica, para situar espaço-temporalmente a produção de discursos e os diálogos estabelecidos na constituição de sujeitos, esta entendida com base na perspectiva bakhtiniana. Assim, Silva (2007) afirma que território corresponde a partes de espaços apropriadas por sujeitos e grupos e, ainda:

O território, espaço apropriado, comporta condições materiais e simbólicas, relações de classe, de gênero, etárias; implica disputas. A territorialidade é expressão das for-

mas de ocupação do espaço na consolidação ou na desconstrução dos territórios. (Silva, 2017, p. 314).

Tanto a dimensão de território quanto de territorialidades aponta para uma relação intrínseca entre sujeito e território, em que um produz e, ao mesmo tempo, é produto do outro (Silva, 2017). Desta maneira, em diálogo com a perspectiva bakhtiniana, ambos assumem a dimensão de interlocutores com os sujeitos: o primeiro a partir da relação dialógica estabelecida com as bases materiais e simbólicas do lugar com o qual o ele interage em seu constante processo de constituição; e as segundas com base na dialogia em torno da multiplicidade de discursos que compõe e circundam as formas de ocupação do espaço, com foco nas relações estabelecidas neste contexto.

Apesar de ter uma base material, o território apresenta a condição de ser inconstante, uma vez que ele pode ser composto e desmanchado em diferentes temporalidades e escalas, bem como apresentar períodos permanentes, periódicos ou cíclicos (Souza, 2000). Com isso, um espaço físico ocupado, que configura um território, sofre influência das inúmeras territorialidades que o sobrepõe. Portanto, “por cima” de um território físico “flutuam” e interage uma infinidade de territorialidades flexíveis. Estas, por sua vez, dizem respeito às relações estabelecidas neste espaço e marcam uma diferenciação alteritária entre um grupo e os demais, o “nós” e os “outros” (Souza, 2000).

2.2. Procedimentos de construção do corpus de pesquisa

Pensar nos caminhos metodológicos para produção de informações nesta pesquisa foi, antes mais nada, um exercício de criar passagens, rupturas e aberturas que possibilitaram encontros com o outro e, a partir deles, com os mais variados enunciados.

Dewes (2013) esclarece que muitas áreas de pesquisa são contempladas por técnicas de amostragem e estimação padrões que permitem obtenção de informações de maneira precisa. Da mesma forma, o autor chama atenção para o fato de haver grupos para os quais tais técnicas não são aplicáveis. Estes grupos se caracterizam como populações escondidas e difíceis de encontrar em decorrência de duas situações: por não se diferenciar da população em geral ou por se tratar de um tema sensível que pode envolver ilegalidade, reprovação social ou, ainda, ambas as situações e, em decorrência disso, os participantes não queiram se expor.

Nesse sentido, durante o processo de pesquisa, percebi que os meninos e meninas com interesse e envolvimento com o crime se aproximavam dessas características, sendo difícil vê-

los pela cidade e, igualmente, eles não pareciam querer falar sobre suas vidas, muitas vezes com receio de serem expostos, tanto em relação à família quanto em relação à polícia.

Com isso, Dewes (2013) aponta para a amostragem em bola de neve como um método pautado em uma rede de amizades dos membros existentes na amostra, em que um participante indica mais um ou outros até que se alcance o número de participantes desejado.

De acordo com ele, o método é efetivo no processo de acessar populações difíceis de encontrar, porém deve-se considerar que ele não possibilita generalizações e, ainda, que pode haver viés na escolha da “semente”, nome usado pelo autor para se referir às pessoas selecionadas no início do processo para indicar os demais.

Nesse contexto, os caminhos da pesquisa consideravam encontrar com meninos e meninas com discursos que indicassem interesse pelo “mundo do crime” a partir de mediadores, pessoas que, de alguma forma, estariam em contato com eles. Assim, entrei em contato com três pessoas que eu conhecia e que desenvolviam atividades culturais e esportivas com crianças e adolescentes em regiões periféricas da cidade, explicando a pesquisa. Destes, dois não estavam mais desenvolvendo as atividades e um afirmou que mantinha o trabalho com crianças e adolescentes em uma região periférica da cidade e que alguns jovens envolvidos com o crime participavam às vezes, convidando-me para ir até o local.

Nos primeiros encontros expliquei a proposta para os participantes da atividade e, apesar de todos ali dizerem que não tinham envolvimento com o crime ou interesse por ele, alguns meninos conheciam outros jovens e se dispuseram a falar com eles. Assim, participei das atividades, aproximei-me daqueles que frequentavam as aulas, conheci outras pessoas do bairro, o próprio bairro e meninos e meninas que se admiravam com o “mundo do crime”. Dessa forma, ia às aulas duas vezes por semana e, ao fim delas, permanecia no bairro conversando e caminhando com as pessoas que eu havia conhecido.

O processo de conhecer pessoas no território foi importante para a produção dos dados da pesquisa, porém, mais do que isso, os encontros com meninos e meninas que se admiram com o “mundo do crime” só foi possível pelas indicações de outras pessoas que estavam ali, nos quais eles confiavam e me ajudaram a garantir que aquelas informações não seriam levadas à polícia.

Diante disso e levando em consideração o lugar do território nas pesquisas que versam sobre o envolvimento de jovens com a criminalidade, conforme apontado anteriormente, os procedimentos de produção de informações partiram dos espaços apontados como relevantes pelos participantes dentro do território onde eles estabeleciam relações significativas com o tema abordado. Portanto, foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, buscando

maior aproximação com os participantes, bem como com suas histórias de vida e suas percepções sobre as vivências com a criminalidade no território.

O roteiro era composto pelas seguintes perguntas: O que você faz durante o dia? Quanto tempo você mora neste bairro? Como é morar aqui? O que você mais gosta de fazer? O que você menos gosta? O que você gostaria que fosse diferente neste bairro? Como é sua relação com as outras pessoas que moram aqui? Você já morou em outros lugares? Do que você se lembra desse outro lugar? Você já foi a outros bairros? O que foi fazer? Como foi? Você já foi a outras cidades? O que foi fazer? Como foi? Você já teve alguma experiência com o crime? Como você imagina que vai estar sua vida daqui 5 anos?

De acordo com Gaskell (2002), a entrevista se constitui enquanto processo social, em que ocorre interação e troca entre entrevistador e entrevistado, permitindo diálogo entre diferentes realidades e percepções. Portanto, através desse recurso, busca-se compreender “uma certa” realidade composta pelo modo como o participante se relaciona com seu meio, suas idiossincrasias, pontos de vista, motivações e recursos diante das suas experiências.

Durante as entrevistas, foi possível caminhar pelo território com duas participantes. Estes percursos ocorreram sem definição de roteiro prévio e possibilitaram aprofundar em questões abordadas nas entrevistas, bem como apreender o modo como elas se articulam com o espaço. As entrevistas foram gravadas diante da aprovação do entrevistado e, posteriormente, transcritas na íntegra, sendo que Zago (2003) ressalta que a gravação do material é de fundamental importância por garantir maior liberdade ao pesquisador para conduzir as questões, favorecer a relação de interlocução e avançar na problematização.

Nas transcrições, o uso coloquial da linguagem foi mantido, com intuito de preservar o máximo possível o tom das entrevistas. Além disso, a substituição dos termos para adequá-los aos padrões da língua portuguesa poderia descaracterizar os modos de comunicação dos entrevistados, e conseqüentemente, vários aspectos que giram em torno da produção desses enunciados.

As observações feitas por mim durante o processo foram registradas em diário de campo, entendendo, como afirma Diehl, Maraschin e TITTONI (2006), que este é um espaço de experimentação diferente dos demais recursos constituidores da pesquisa em que supera a transcrição e a representação das experiências vividas e convida o observador a assumir posição ativa, participante dessas experiências e do próprio movimento que elas geram.

Por se tratar de pesquisa qualitativa e, considerando o grande volume dos dados colhidos nas entrevistas e do material de transcrição, bem como a profundidade dos encontros fei-

tos, apontou-se para a necessidade de um número reduzido de participantes, garantindo que os dados coletados nos encontros fossem posteriormente analisados com minúcia.

2.3. Considerações éticas

O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU através do Parecer de número 1.824.325, com o título “A relação de alteridade na constituição de crianças e adolescentes envolvidos em discursos vulneráveis” cujo contato público é Tayná Portilho do Prado, conforme pode ser acessado através do site da Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>).

A partir do interesse do jovem em participar da pesquisa, seus responsáveis foram contatados por mim para explicação dos objetivos da pesquisa, das questões éticas envolvidas, bem como para leitura, esclarecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Diante desta autorização, foi solicitada aos jovens a assinatura do Termo de Assentimento, em que o processo de leitura e esclarecimento da pesquisa e dos Termos se repetiu.

Uma via de cada um dos Termos com o contato da pesquisadora permaneceu com os participantes e seus responsáveis, possibilitando o acesso durante toda a pesquisa, caso julgasse necessário. Além disso, o caráter livre e voluntário da participação e a possibilidade de desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo decorrente disso foram enfatizados tanto nos encontros iniciais quanto durante a produção de dados no decorrer da realização da pesquisa.

A identidade dos participantes foi mantida em sigilo e, dessa forma, seus nomes e das pessoas citadas nas entrevistas foram substituídos por outros, fictícios. Em um primeiro momento, foi solicitado que os próprios participantes os escolhessem. Contudo, os nomes sugeridos remetiam a apelidos que, mais tarde, entendi que poderiam identificá-los. Por isso, foram substituídos e os nomes apresentados foram escolhidos pela pesquisadora. Outras informações que porventura pudessem identificá-los foram suprimidas neste trabalho.

2.4. Participantes

Os três jovens que participaram de entrevistas foram Elza, Lina e Chico. Elza foi indicada pelo professor que desenvolvia atividades em um bairro periférico da cidade. Ela não partici-

pava com frequência das atividades e, no dia em que nos conhecemos, ela estava apenas andando na rua, quando foi chamada pelo professor que nos apresentou.

Foram feitos três encontros com ela, totalizando cerca de 4 horas de áudio gravado (Entrevista 1, 2 e 3), sendo que todos foram compostos por um momento inicial de entrevista e outro de caminhadas pelo bairro. A menina, com 13 anos, apresentou-se dizendo que contaria tudo que sabia, que era só perguntar.

Lina, 15 anos, foi indicada por seu primo, um dos meninos que participava da atividade. A princípio, ela não se interessou pela pesquisa e não quis participar, porém, começou a frequentar a atividade e, após alguns meses, ofereceu-se para a entrevista.

A entrevista com Lina se deu em dois encontros, totalizando cerca de 4 horas de gravação (Entrevista 4 e 5), sendo que apenas no segundo andamos pelo bairro. Após isso, ela mudou-se, indo morar com os tios no lado oposto da cidade.

Chico, 12 anos, o último entrevistado, participava da atividade, porém, não tinha regularidade na frequência. Da mesma forma, possuía movimentos oscilantes em relação ao crime, sendo que em alguns momentos se nomeava como “a nova geração do crime” e em outros dizia não querer saber disso.

Foram feitas duas entrevistas com ele (Entrevista 6 e 7), totalizando cerca de 2 horas. Em nenhuma delas foi possível caminhar pelo bairro, já que Chico havia sido apreendido pela polícia em outro bairro, após comprar cigarros em uma venda e achava que estava sendo vigiado o tempo todo. Ele foi solto no mesmo dia com a presença da mãe, mas ambos foram informados de que se ele fosse visto na rua novamente, em qualquer bairro, seria apreendido e teria que responder juridicamente por isso, de modo que ele não circulava com tranquilidade.

Durante as entrevistas, Elza e Lina frequentavam a escola e Chico não. Os três se conheciam e moravam na mesma região do bairro, sendo que suas casas eram bem próximas umas das outras. Vale destacar que Lina indicou Elza para entrevista, sem saber que ela já havia sido entrevistada.

Tabela 1 - Participantes: nomes, idades e forma de acesso

Entrevista	Nome Fictício do Participante	Idade	Forma de acesso
E1, E2, E3	Elza	13 anos	Indicada pelo professor da atividade

E4, E5	Lina	15 anos	Indicada pelo primo que participava da atividade
E6, E7	Chico	12 anos	Participava da atividade

2.5. Procedimentos de análise

A análise do *corpus* de pesquisa teve início com sucessivas leituras do material produzido, composto pelas transcrições das entrevistas e pelas anotações do diário de campo. Esta etapa possibilitou entrar em contato com o conteúdo, assim como o processo de atividade estética (descrito no tópico 2.1. Delineamento teórico-metodológico), em que se buscou compreender o conteúdo a partir do excedente de visão da pesquisadora; depois, apreendê-lo a partir do lugar ideológico do outro; para, finalmente, retomar a posição exotópica, conjugando aspectos da visão do outro e do pesquisador.

Diante da necessidade de organização do material e de facilitar o acesso, posteriormente, as transcrições foram numeradas sequencialmente e agrupadas com o nome fictício do participante. Assim, uma frase dita por Lina na quinta entrevista passou a ser indicada, quando citada, da seguinte maneira: (Entrevista 5, Lina).

A Análise Dialógica do Discurso, decorrente da obra bakhtiniana, toma o enunciado como unidade da teoria/análise dialógica do discurso, dado que ele é usado nas relações dialógicas dos sujeitos em interação, e em sua base estão os signos ideológicos. Além disso, os enunciados são considerados a partir dos inúmeros aspectos de sua produção, como um todo, para compreender o *tema*, elemento dotado de sentido que vai além da língua (Sobral & Giacomelli, 2016).

Em decorrência disso, realizei nova leitura do material considerando os enunciados das entrevistas associados aos contextos, levantando os temas. Este levantamento temático foi organizado a partir das categorias pautadas na revisão da literatura: a) visão de infância, adolescência e juventude; b) envolvimento com o crime; e c) aspectos do território.

Os conceitos de espaço, território e de territorialidades foram tomados, nesta etapa, enquanto elementos que se associam ao sujeito em seu processo de constituição e que ampliam a perspectiva de *sujeito e território*, presente em várias abordagens da Psicologia, para

sujeito do território, implicado (Silva, 2017). Compartilhou-se, portanto, do entendimento do sujeito enquanto “território em movimento, [que] carrega consigo significados do espaço que constrói” (Silva, 2017, p. 315).

Diante disso, o diálogo entre as categorias pertencentes à revisão com os enunciados dos entrevistados e dos conceitos acima resultaram em nova nomeação dos temas, conforme apresentado a seguir: 1) *Território*, que versa sobre os espaços pelos quais Elza, Lina e Chico circulam, bem como os modos como se dá a ocupação destes, ressaltando as diferentes facetas assumidas no cotidiano; 2) *Territorialidades: crime e uso*, que entende o crime e uso como uma das territorialidades do bairro e, desse modo, contempla as relações e vivências no contexto de venda e uso de drogas a partir dos entrevistados; 3) *Visão de Criança*, que abarca os enunciados com considerações a respeito de ser criança. Cada tema foi subdividido de acordo com as especificidades dos formatos assumidos nos discursos produzidos.

Organizei estas informações na tabela 2, destarte, a primeira coluna à esquerda aponta os três temas das conversas, conforme citado acima; a segunda coluna indica as diferentes manifestações daquele tema; e a terceira coluna indica quais entrevistados se referiram a cada um deles. A partir desta tabela, realizei outra leitura das transcrições substituindo sua última coluna por informações específicas de cada uma das entrevistas, resultando nos Apêndices B, C e D. Cada uma destas tabelas possibilita um panorama temático das entrevistas de Elza, Lina e Chico, mostrando como era, no momento da pesquisa, a relação de cada um com o território, com o crime e com o uso, bem como algumas percepções sobre ser criança neste contexto.

Esta análise chama atenção para a repetição dos temas e dos seus conteúdos no cotidiano dos entrevistados, bem como a dialogia entre eles. Tomados em conjunto, estes panoramas sobre ser criança, morar em um bairro periférico e estabelecer relações a partir do uso e da venda de drogas possibilitam uma aproximação com aspectos do território e da territorialidade do tráfico compartilhados por Elza, Lina e Chico.

Tabela 2 - Análise temática das entrevistas

Tema	Conteúdo dos temas	Entrevistados com os quais foram produzidos este discurso
Território	Circulação	Elza; Lina; Chico
	Lugar de não circulação	Elza; Chico

	Esse bairro é perigoso?	Lina; Chico
	Casa, entre lazer, responsabilidades e falta de liberdade	Elza; Lina; Chico
	Escola, que espaço é esse?	Elza; Chico
	Outros pontos da cidade	Elza; Lina; Chico
	Julgamento dos vizinhos	Elza; Lina.
	Tráfico marca seu lugar no bairro	Elza; Lina; Chico.
Territorialidades:	Adrenalina/ correr risco	Elza; Lina.
crime e uso	Alguns pontos sobre uso de drogas: os limites, o grupo e morte	Elza; Lina.
	Medos: nenhum, morrer e ir preso	Elza; Lina; Chico.
	Discursos sobre ser preso: o contato com a polícia e a ideia de penitenciária	Elza; Lina; Chico.
	Familiares: proximidades com o tráfico e com o uso de bebidas	Elza; Lina; Chico.
	Voa aviãozinho: “menor” no tráfico	Elza; Lina; Chico.
	Responsabilidade no tráfico	Elza; Lina.
	Amigos no uso, no tráfico e fora dele	Elza; Lina; Chico.
	E o futuro?	Elza; Lina; Chico.
Visão de criança	Elemento fora do tráfico	Elza; Chico.
	Passado – momento anterior	Elza; Lina.

3. *Meninos corre-corre: tecendo diálogos*

3.1. A Vila: um território singular

As entrevistas aconteceram em um bairro periférico da cidade de Uberlândia, situada no triângulo mineiro. Optou-se por não identificar o bairro em questão, atribuindo-lhe o nome fictício de Vila, em virtude da possibilidade da assimilação dos participantes ou de levantamento das dinâmicas do tráfico de drogas nesta região, o que não é foco deste trabalho. Nesse sentido, para situar o leitor do contexto em que a pesquisa ocorreu, privilegiou-se a descrição tanto do espaço físico quanto das relações, atravessamentos e afetos experienciados a partir das minhas vivências enquanto pesquisadora e dos participantes neste local.

Vale destacar que a construção do discurso a respeito do espaço físico do bairro faz dialogar, de maneira imediata, duas perspectivas sobre ele, a saber: (a) o olhar cotidiano de quem vive no bairro, componente trazido nos enunciados dos entrevistados; e (b) elementos a partir do meu lugar de pesquisadora, estrangeiro à Vila, ainda que habitante da mesma cidade.

Assim, Perec (2001, pp. 101-102) aponta o seguinte sobre estar em cidades estrangeiras: “Nos gustaría mucho pasearnos, callejear, pero no nos atrevemos; no sabemos ir a la deriva, tenemos miedo de perdernos. Incluso no andamos de verdad, vamos siempre a toda prisa. No sabemos muy bien qué mirar”.

Da mesma maneira, inserir-se em outro bairro aproxima-se do descrito acima, sendo que a dificuldade de estar à deriva nestes espaços leva ao questionamento sobre modos de estar na cidade conhecida, as possibilidades de apreensão da cidade em sua totalidade, bem como as implicações de habitar e desabitar espaços de uma mesma cidade.

Diante disso, ao longo da pesquisa me propus a andar por este bairro em diferentes situações, algumas vezes à deriva e em outras com roteiro traçado, lançando o meu olhar para o espaço físico, para as pessoas que encontrava, para as relações e para os atravessamentos decorrentes destes passeios. Disso resultou o recorte a ser apresentado a seguir, que busca situar o leitor que toma duplamente a condição de estrangeiro, ao bairro e à situação de pesquisa, mas que dela participa em sua constituição.

Segundo alguns moradores, a formação da Vila se deu a partir da ocupação do espaço que, mais tarde, foi oficializada pela prefeitura, sendo que, neste processo, a região foi dividida em pequenos bairros. Entretanto, essa fragmentação e a nomenclatura oficial atribuída faz

pouco sentido para os residentes, que não a reproduzem em seus discursos e denominavam toda região apenas como Vila.

De acordo com as minhas observações, as ruas em várias regiões do bairro, principalmente em suas margens, não seguem a lógica de quadras planejadas com esquinas geométricas de 90°, diferentemente dos bairros vizinhos. Com exceção da avenida central, que se desenha como uma linha reta e divide o bairro ao meio, as ruas pelas quais caminhei são estreitas e tortuosas, às vezes labirínticas e sem saída, provavelmente em decorrência de sua constituição.

Outro reflexo desta ocupação do terreno se mantém na irregularidade quanto ao tamanho dos lotes. Porém, de maneira geral, são terrenos grandes e, em alguns casos, abrigam casas de várias famílias. Esta característica se estende às calçadas, variando entre extremamente largas em algumas regiões e marcadamente pequenas em outras, onde é impossível a passagem de pedestres. Vale ressaltar que, em ambos os tipos, os moradores enfeitam suas portas com jardins, sendo comum visualizar árvores e plantas variadas na região.

Ainda sobre as casas da área é possível notar o predomínio da cor cinza nos muros com rebocos de cimento e marrom das paredes de tijolo. Há ainda, casas pintadas a partir da combinação de cores vibrantes, como rosa Pink e verde-água, vermelho e azul, verde e laranja; estas se destacam facilmente entre as demais para os olhos de transeuntes que descobrem o bairro.

Por fim, outra característica que chamou minha atenção na constituição estética das casas da Vila foi a construção e as soluções adotadas para atender necessidades cotidianas a partir de materiais não convencionais, como muros construídos com telhas ou plantas, e lixeiras feitas com engradados de bebidas adaptados e fixados à parede. Isso coloca em jogo o imperativo de construir sem acesso aos materiais usuais, bem como a inventividade e criatividade de seus moradores, que acabam por transformar suas casas em composições únicas.

Para além das residências, uma série de lojas de roupas, supermercados, padarias, lojas de móveis, de som de carro se distribuem ao longo da avenida central no bairro, local onde predomina o comércio. Nela, também, se localizam bares, lanchonetes, pastelarias, pizzarias e uma casa de shows. Todo o bairro é asfaltado e há poucos lotes vagos, entretanto, é comum ver lixo em grande quantidade neles.

Próximo à avenida principal se localiza a única praça dali, que possui uma quadra sem cobertura, rodeada por muros com grafites, algumas árvores e bancos. Apesar de próxima da avenida, o acesso a ela é possível apenas por duas ruas, o que a torna difícil. Ainda assim, sempre há fluxo de pessoas nesse espaço, tanto em decorrência da escola estadual e da creche

infantil – únicas do bairro – que ficam no seu entorno, quanto para utilização como área de lazer. Isso se destaca no trecho a seguir do diário de campo e nas falas dos participantes da pesquisa, como será abordado a diante.

Essa praça é um lugar “quente” na região e, apesar de ser uma praça, fica espremida entre uma escola e algumas vielas, sendo local emblemático para o tráfico e abordagens policiais [Diário de campo, 16 de fevereiro de 2017].

Em termos de equipamentos públicos, há, também, postos de saúde próximos à avenida principal e instituições do sistema prisional, de modo que é marcante a proximidade entre as últimas e as moradias das pessoas, já que são separadas apenas por uma rua.

Em termos de infraestrutura, observei que não há bueiros no bairro para escoar água da chuva, apenas grandes escavações na terra cercadas por tela, nas margens do bairro, conhecidas por “bolsões de água”. É frequente o alagamento de casas no período da chuva que ganha destaque nos noticiários locais.

Apesar de ser comum o trânsito dos moradores para trabalhar em outras regiões da cidade, é possível notar que há grande movimento de pessoas em carros, motos, ônibus, bicicleta e a pé durante o horário comercial no interior e na região central do bairro. Após as 18h00min este movimento se intensifica de maneira marcante e o comércio se modifica para atender as demandas noturnas de alimentação e lazer.

Diante desse fluxo intenso, a sinalização de trânsito quase ausente se torna outra característica marcante da região.

nessa volta pela rua [...] observei a falta de sinalização, vi crianças maiores cuidando de crianças menores e todas na rua [...] e em alguns momentos tive a sensação que qualquer coisa de ruim podia acontecer, porque faltava o básico e o básico dá alguma segurança. Esta região, em especial, fica à margem da cidade, do outro lado da rua já está a rodovia, então é a periferia da periferia e, andando para o centro do bairro e para o centro da cidade as coisas vão se modificando com muita intensidade [Diário de campo, 01 de março de 2017].

A Vila se situa à margem da cidade e é possível acessá-la de duas maneiras: passando pelos bairros que a antecedem ou por fora da cidade através da rodovia.

Se tomarmos o caminho “cidade adentro”, passaremos por dois bairros que fazem divisa direta com a Vila. Neles, há uma série de serviços públicos (escolas, creche, UAI, CRAS) e espaços de lazer (praça, clube e ONGs) que não estão presentes na Vila ou existem em quantidade reduzida, como escola, creche e praça. Assim, eles são utilizados, também, pelos

moradores da Vila, ainda que exista uma distinção marcada entre os moradores sobre seus bairros.

Por essa via, chegaremos ao bairro através de sua avenida principal, enquanto, se tomarmos o caminho da rodovia, acessaremos o bairro inicialmente por sua margem, trata-se, assim, da periferia da Vila. Cada uma dessas áreas mantém singularidades em relação ao todo do bairro e, ao mesmo tempo, compartilham de determinados aspectos.

De maneira geral, os discursos produzidos sobre a Vila por moradores de outros pontos da cidade são de lugar perigoso, violento, dominado pela “criminalidade” e marcado pela presença de drogas. Essas falas reducionistas foram acumuladas por mim desde a mudança para esta cidade e criou uma visão compartilhada com outros bairros periféricos da cidade de que estes são lugares para não ir e, conseqüentemente, seus moradores devem ser temidos e evitados.

Tal visão foi reafirmada por um dos jovens moradores do bairro no trecho a seguir extraído do diário de campo (20/05/2017): *Fessora, sabe aquele negócio da Baleia Azul? Então, eu entrei, aí perguntaram onde eu morava. Falei que era na vila e eles falaram “ô cara, desculpa aí, vamos tirar você daqui já”*.

Segundo ele e outros jovens que participaram deste encontro, Baleia Azul³ era o nome dado a um jogo que ocorria através de redes sociais em que o participante era desafiado a fazer tarefas de complexidade cada vez maior, até chegar ao ponto de automutilação e suicídio. Como havia muita desistência, os responsáveis pelo jogo faziam ameaças aos participantes, portanto, eram pessoas temidas.

A fala do jovem, neste contexto, engendrada nas tensões sobre morar e não morar em determinadas regiões está imbuída de negociações de valores e julgamentos estabelecidos nas relações entre ele e outros habitantes da cidade, de modo que ele passa a ocupar o lugar de ser temido, independente de estabelecer ou não posturas violentas, em decorrência, exclusivamente, do lugar onde vive.

Por fim, outro ponto marcante deste bairro se refere à atividade de soltar pipas e quanto a isso destaco uma cena em especial. Havia passado a tarde no bairro e notei que o dia estava diferente: os meninos estavam sumidos, carros e motos passavam em alta velocidade duas, três vezes na mesma rua e seus condutores olhavam tudo e todos como se vigiassem o bairro. Eu havia chegado de carro pela rodovia, sem passar pelo interior bairro e não sabia se

³ Para saber mais, veja: <https://oglobo.globo.com/sociedade/o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-jogo-da-baleia-azul-21236180>)

a “agitação” era no bairro todo ou o que havia acontecido. As pessoas que ficavam cotidianamente na porta de suas casas conversando não saíram neste dia. Ainda assim, fiquei um tempo por lá, conversando com o professor que também não fazia ideia do que estava acontecendo.

Quando fui embora, mudei o caminho de rotina e passei por uma das ruas que quase nunca passava. Nesta rua estavam vários meninos envolvidos com o tráfico, eles estavam como em uma reunião, sentado em roda, bicicletas estacionadas de forma desorganizada na calçada, falas articuladas, olhos atentos para tudo ao redor e para as pipas desavisadas que poderiam cair por ali. Mais tarde, vendo o jornal local, assisti a uma reportagem que contava de uma grande ação policial que aconteceu na cidade e que havia prendido algumas pessoas suspeitas. Imaginei que aquilo tinha ligação com a agitação que eu havia percebido.

Entretanto, apesar da relevância da notícia e dos desdobramentos no bairro, o que me chamou mais atenção foi o olhar dos meninos divididos entre o trabalho e a diversão. A pipa apareceu em outros momentos e nas mais variadas conversas, como um elemento de entrelaçamento entre pessoas de diferentes idades e entre aqueles inseridos em diversos contextos, como os que atuam e os que não atuam no tráfico. A pipa deixou, então, de ser um objeto, um brinquedo e tornou-se um devir, capaz de possibilitar encontros, (re)produzir e transformar afetos.

3.2. Território

Neste primeiro recorte temático, Elza, Lina e Chico contaram sobre o bairro e a cidade em que vivem, explicitando tanto seus aspectos físicos quanto os modos pelos quais se apropriam e fazem uso dos espaços. Vale ressaltar que as ruas do bairro apresentavam-se, para eles, como um lugar privilegiado nas relações, uma vez que passavam a maior parte do dia nela, conforme explicitado nos seguintes enunciados:

Tayná: E você fica mais é o dia todo na rua?

Elza: Aham, só fico na rua.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Você anda muito aqui?

Lina: Ando, é a coisa que eu mais sei fazer de melhor é andar.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: Antes você tava ficando muito na rua?

Chico: Era.

Tayná: E aí, cê ficava o dia inteiro?

Chico: Tipo assim, eu acordava, comia, aí lá pras uma hora, depois do almoço, eu ia brincar. Eu brincava na rua de casa, aí eu ia pra outros lugar, jogava bola, brincava de um tanto de coisa, pique-pega, pique-esconde [...]

(Entrevista 7, Chico)

Neste contexto, os entrevistados contam do território enquanto lugar de circulação. Entretanto, alguns lugares são privilegiados nestes deslocamentos e se associam a atividades específicas. Assim, Elza e Lina destacaram que a praça e a casa de shows “Casa do Frevo” (nome fictício) do bairro são seus lugares preferidos, associados à conversa com amigos e colegas, bem como com o uso e venda de drogas.

Elza: O único lugar que eu gosto aqui memo é a Casa do Frevo, é a praça.

Tayná: A praça da Vila?

Elza confirma com um movimento de cabeça.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: E aí o que é que você mais gosta de fazer?

Lina: Ir para pracinha usar amarelinha. Ir para pracinha, risos.

Tayná: até rimou.

Lina: Ou senão ir pra casa das minhas amigas, gosto mais de se divertir, de andar.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: Como que você imagina que vai ser sua vida lá [outro bairro para onde vai se mudar]?

Lina: Nossa, pior coisa do mundo, rs. Fico até imaginando as piores coisas do mundo.

Tayná: Tipo o que?

Lina: Não ter lugar pra sair, não ter [inaudível]. Ter frevo [referindo-se à casa de show] todo lugar tem, né? O problema é... aqui é o fluxo de verdade, em outros lugares é mia.

(Entrevista 5, Lina)

Já Chico, sublinhou, enquanto espaços privilegiados de sua circulação, algumas ruas e a porta de escolas, sendo que, estes se relacionavam com as brincadeiras e estar com os amigos. Vale lembrar que seu discurso é marcado pelo recente cerceamento imposto à sua circulação, ao qual ainda se adaptava no momento da entrevista.

Tayná: E o que que cê achou disso tudo ter acontecido?

Chico: Eu achei ruim, né, muito ruim que eu não posso sair mais, os lugar que eu ia bão, que nois ia brinca, não posso mais. Nois ia nas porta da escola, nois ia em outros

lugar, nois ia brincar em outro lugar, nois não brincava só na rua, nois brincava aqui nessa rua ali na frente, e nois fazia um tanto de coisa, agora nois num faiz mais não, porque eu e ele tamo com prejuízo, não é só eu, eu e ele, e a menina também.

(Entrevista 7, Chico)

Dessa forma, guardadas as singularidades, as três entrevistas apontam para a circulação associada ao lazer e à presença dos amigos. Outras duas categorias ganham destaque nos enunciados dentro do tema território: (1) a casa, entre lazer, responsabilidades e falta de liberdade; (2) a escola, que espaço é esse?

Em relação à primeira, Elza e Lina apontaram que sempre tem algum familiar em casa e isto repercute nas relações estabelecidas ali, de modo que este passa a ser considerado um lugar de responsabilidades e regras, diferentemente do lazer encontrado na rua. Com isso, Elza contou que cuida dos sobrinhos e Lina das irmãs mais novas, além disso, as duas disseram que alguns de seus familiares colocam regras como hora para chegar, lugares permitidos e proibidos, refletindo em brigas.

Tayná: E o que que você menos gosta de fazer ou daqui do bairro?

Lina: Menos gosto de fazer? Ficar em casa, eu não gosto.

(Entrevista 4, Lina)

Lina: Só eu e Deus... Por causa mais das brigas. Muita gente se identifica, vai se identificar comigo [referindo à pesquisa], pelo fato que a mãe pega tanto no pé, tanta briga em cima de uma pessoa que... Acabava falando que na hora que você vê eu não vou embora, aí, quer ir embora, não quer ficar num lugar assim... Onde não pode fazer nada.

(Entrevista 5, Lina)

Já para Chico, sua casa foi relatada como um espaço de descanso e que lhe possibilita outra forma de lazer, pois disse que gosta de assistir novelas à noite com a avó, a mãe e o irmão mais novo. Embora também contou que colocava seu irmão mais novo para dormir, este ato aparece como carinho e não como responsabilidade.

Tayná: Aí cês fica brincando até de noite?

Chico: Aham, aí chega de noite, eu vou tomo banho e janto, deito, nossa e eu adoro aquela novela, a última novela das 9 e a minissérie 'os dias eram assim', cê assiste?

(Entrevista 7, Chico)

Quanto à segunda categoria, Elza e Chico contaram de suas reprovações e da evasão escolar. Chico afirmou que estava sem estudar por falta de vaga, mas, havia a possibilidade de ingressar na escola do bairro no dia seguinte, diante da intervenção do Conselho Tutelar.

Elza estudava quando deu as entrevistas, mas parou dias depois da última. Nas nossas conversas, ela contou de experiências que teve com drogas na escola (vendo colegas usando em sala e, posteriormente, fumando maconha no banheiro) e do que gosta neste espaço. Além disso, ao longo das entrevistas, Elza manifestou dificuldade para fazer somas simples e para ler, demonstrando sempre embaraço nestas situações.

Elza: Aham, os meninos me perguntavam ‘você mexe com isso?’, me perguntava ‘você fuma maconha?’. Eu falei assim ‘não’. E eu vi, uns tempo atrás, na sala, os menino tava cheirando dentro da sala.

Tayná: Cheirando dentro da sala?

Elza: Aham.

Tayná: Mas na hora da aula?

Elza: Aham, os professor tava lá, nem viu e... eu deixei passar. Depois eu comecei a fumar cigarro, do cigarro eu já não sabia tragar, minha amiga foi me ensinou.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Tem alguma coisa, na escola, que você gosta mais?

Elza: Na escola? Tem, hora do recreio, rs.

Tayná: O que você faz na hora do recreio que é tão bom?

Elza: Comer.

(Entrevista 2, Elza)

Tayná: Por que você não está estudando?

Chico: Porque na escola que eu tava, eu sai dela. Aí eu vim pra essa escola aqui e não tinha vaga. Aí, como não tinha vaga, eu ficava só em casa. Aí minha mãe foi atrás, foi atrás. Aí foi o que aconteceu esses negócio aí comigo, desses que eu fui preso, né?! Aí o Conselho Tutelar que foi e arrumou a vaga, senão eu não taria estudando.

(Entrevista 7, Chico)

Os enunciados de Elza e Chico acerca desse espaço foram acompanhados de desânimo e desinteresse em suas falas. A isto se soma a ausência deste lugar nas entrevistas com Lina, mesmo diante do início da segunda entrevista ter acontecido ao lado de sua escola. Isso resulta em um conjunto de discursos/não discursos que torna difícil a categorização deste espaço, mantendo-se como dúvida.

Outro aspecto trazido pelos entrevistados em seus enunciados refere-se ao bairro como um lugar perigoso. Assim, Lina e Chico compararam a Vila com os seus bairros anteriores, indicando aquilo que mudou ao chegar ao bairro atual.

Lina: [fala animada] brincar de bola, estourar o dedo, véi! Rs. Na época que eu morava no [outro bairro] eu gostava muito de jogar bola com os meninos e cas meninas. Subia nas árvores igual fosse macaco, fi. Nó, mas era bom demais... eu tinha 10 anos, 10, 9 anos, por aí. Na época, nooossa, era bom demais. Eu acho que era a melhor época da minha.

[...]

Lina: Ixe, aqui meu vô ficava falando assim 'meia noite você tem que tá em casa'. Fi, lá nois ficava até uma hora da manhã jogando bola no meio da rua, subindo nas árvores, escondendo, brincando, brincando, sendo criança de verdade.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: Cê morava lá perto?

Chico: Lá eu podia ir sozinho que era pertim, lá não tinha perigo.

Tayná: Aqui cê acha perigoso?

Chico: Ah, aqui eu acho um pouco, né?!

(Entrevista 7, Chico)

Entretanto, o que faz esse bairro ser perigoso? Elza, Lina e Chico indicaram que a Vila é um bairro bom, contudo, o tráfico, a polícia e a relação de ambos foram trazidos em seus discursos como algo ruim.

Tayná: Quanto tempo que você mora aqui?

Elza: Seis anos.

Tayná: Ah, tá. Como, que que você acha, como que você acha que é morar aqui? O que que você acha de morar aqui na Vila?

Elza: Uai, primeiro, tem vários jeitos. Tem... é bom aqui, no lugar de morar é bom. O ruim é que, quando eu não mexia com isso, tinha, tem muito Movimento [tráfico]. Tem altas pessoa que te oferece, mesmo você não querer, eles não... te oferece por ser gentil, oferece. Se você tá lá no meio, no meio das pessoas, tem um monte de pessoa do seu lado e você tá lá sentado de boa, eles vai te oferecer. Vai deixar passar batido.

(Entrevista 1, Elza)

Lina: É bom, aqui não é um bairro ruim, aqui é um bairro bom. O ruim é que aqui, às vezes, pode o povo pode dizer assim que é um bairro muito perigoso, pelo fato da criminalidade. Só que eu acho que não é. Porque, tipo assim, as pessoas podem dizer que é ruim, mas elas mesmo faz o bairro ficar ruim. Se ela olhar com olhar diferente, sem ser pro mundo das droga que tem por aqui, eles vai ver que é um bairro bom, mas se ver pelo lado 'ah, tem muito usuário de droga' vai ver bairro só ruim. Então, você

também tem que aprender a ver os dois lados do bairro, tanto ruim quanto bom, porque se a pessoa olhar só um lado, vai ver só um lado, não vai ver o outro.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: O que que cê gostaria que fosse diferente aqui no bairro?

Chico: Aaa, eu gostaria que eles colocasse coisa boa, né, nesse bairro. Agora, muita coisa ruim, muita biqueira, favela, não dá seu futuro, né?!

Tayná: Que que cê acha que seria bom?

Chico: Colocasse mais praça aqui perto, os lugar que criançinha pequena pode brincar. Agora cê sai pra esses lugar aqui, igual tá aqui, cê sai pra brincar... uma criança atropela, leva um tiro, cê nem sabe da onde veio o tiro, cê nem sabe porque que tá acontecendo isso.

Tayná: Cê já viu alguma história assim aqui? De alguém que tava brincando e aconteceu alguma coisa?

Chico: Já, o menino tava soltando pipa, levou um tiro de polícia, ele tinha 12 ou 13 anos. Tava soltando pipa normal, ele não fazia nada... nada, aí pegou e passou carro da polícia atrás dos bandido, deu um tiro e pegou nele, morreu.

(Entrevista 7, Chico)

Ainda com relação a este tema, Elza e Chico relataram episódios em que a circulação deles no bairro foi ameaçada ou cerceada e, apesar do tráfico ter sido apontado como elemento negativo na Vila, estas situações envolveram, exclusivamente, ações policiais.

Elza: Que nem, esses dias eu tava de boa andando lá na praça, tava com um short, com a blusa do coringa, pra que? Era a noite, os policial me parou, não tinha nenhuma pfem. Esses só me parou pra fazer pergunta, eles falou: ‘qual que é seu nome? Com quem que você mora? Onde que você mora?’. E ele falou assim: ‘sabia que aqui não tem cadeia pra mulher não? Você vai lá pra BH’. Eu falei assim: ‘por que? Eu não tenho caô, eu não sou usuária, eu não mexo com droga, eu só estudo e fico em casa ajudando minha mãe, como que vocês vai me levar pra BH’. Eles falou assim: ‘uai, nós vai te levar’, depois eu fui ver, falei: ‘puta merda, minha blusa’.

(Entrevista 1, Elza)

Chico: Agora hoje, assim, agora eu só tô brincando na rua de casa e nem na rua de casa eu posso ficar muito tempo, que se passar uma viatura, se me pegar, não tem como mais. Aí eu fico muito mais no CESEU. Aí eles não quer me ver na rua. Tipo assim, só posso ficar na rua de casa onde minha mãe dá pra me ver e saber onde que eu tô, aí eu brinco lá na porta lá. Tipo assim, aqui é a rua da minha casa, ali na frente eu

to brincando com menina, não é com menino homem, é com menina. Aí nois brinca de pique-esconde, pique-pega.

(Entrevista 7, Chico)

Outro aspecto negativo indicado por Elza e Lina se voltou para a relação com outros moradores do bairro. Ambas apontaram que se sentem julgadas por eles, tanto no que diz respeito ao uso de drogas quanto à venda.

Elza: Já basta eu cuidando da minha vida, vai outra pessoa pra cuidar da minha vida? Nem!

Tayná: Como que cuida da vida, Elza?

Elza: Tipo, falar da sua vida, assim. Como eu vou explicar? Falar, assim, o que que eu devo fazer, o que que eu não devo. Falar, tipo, julgar minha vida. Aí eu não gosto.

Tayná: Mas o povo faz isso?

Elza: Faz, uai. As pessoa fica falando.

Tayná: Que pessoas? Sem ser, que você já falou que sua mãe faz isso, que sua irmã faz isso.

Elza: Amigo.

(Entrevista 2, Elza)

Tayná: É... que que você gostaria que fosse diferente aqui no bairro?

Lina: As pessoas.

Tayná: Como assim?

Lina: As pessoas que gosta de julgar, eu queria que fosse diferente. Respeitar cada espaço de cada um, o que cada um quer. É o que o povo daqui não sabe fazer. Eles gostam muito de julgar as pessoas sem saber o que ela sofre ou que elas vivem no dia a dia e acaba julgando muito sem saber da vida dos outros. Então, é isso que eu fico com raiva, às vezes. E aí é isso que eu queria que mudasse aqui. E eu sei que não vai mudar.

Tayná: Mas você não acha que as pessoas fazem isso porque elas querem cuidar de você, assim, te proteger de alguma forma?

Lina: Eu não sei porque umas usa para o mal, outras usa para o bem. A maioria daqui do bairro dizem que não usa pro mal, mas eu tenho certeza que usa. Usa só para ver a família ser destruída também. Usa para ver briga, confusão. Outros usa mais para ajudar, mas a maioria usa para ver discussão, a família ser desunida. Mais para isso.

(Entrevista 4, Lina)

Por fim, com relação a este tema, Elza, Lina e Chico relataram sobre o modo como circulavam na cidade, sendo possível observá-lo em três níveis: (1) em pontos comerciais e de lazer; (2) na cidade, de modo geral; (3) nos bairros vizinhos.

Em relação ao primeiro tópico, os enunciados de Elza se destacaram em decorrência da não circulação em pontos como shoppings e parques da cidade, nos quais ela tinha interesse em acessar, mas não o fazia por falta de dinheiro.

Tayná: E você vai nesses outros bairros?

Elza: Não...

Tayná: Você só fica aqui?

Elza: Só fico aqui. Não tem lugar pra mim ir, não tem dinheiro pra sair. Então, só fico aqui mesmo.

(Entrevista 1, Elza)

Elza: Hora que eu tiver dinheiro, eu vou. Ir no shopping pra ficar olhando as coisa, as pessoas comer? Não...

(Entrevista 1, Elza)

O segundo tópico versa sobre deslocamentos na cidade de maneira geral. Estes, por sua vez, associavam-se à visita de parentes, principalmente, de tios, como apontaram Lina e Chico.

Lina: Gosto de ir para o [bairro 1] e [bairro 2].

Tayná: Que que tem lá de bom?

Lina: A minha tia mora lá, minha tia e meu tio.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: Algum outro bairro você já foi? Alguma outra cidade?

Chico: Já, no [bairro 3], na casa da minha tia.

Tayná: Ah, você tem uma tia aqui?

Chico: Tem, só que minha tia foi pra Madri agora, que lá é a cidade dela.

(Entrevista 7, Chico)

O terceiro tópico, por seu turno, diz respeito à movimentação na região, mais precisamente nos bairros vizinhos e foram trazidos de maneira intensa pelos enunciados de Elza, Lina e Chico. Nos três casos, essa circulação se associava a atividades de lazer, de modo que, Elza e Chico iam a esses lugares para usar a quadra ou fazer atividades oferecidas por ONGs presentes na região, enquanto Lina ia para festas.

Tayná: E nos outros bairros você vai, tipo [bairros vizinhos]?

K: eu vou, às vezes, às vezes no [bairro vizinho]. Mais quando é dia de frevo que eu vou.

T: Tem frevo lá no [bairro vizinho]?

K: Tem até... Passa de lá do [bairro vizinho] um pouco.

T: Não sabia não.

(Entrevista 4, Lina)

Tomados em conjunto, estes enunciados apontam para diferentes aspectos do território vivenciados por Elza, Lina e Chico. Isto possibilita a criação de um panorama territorial que é, também, base das relações estabelecidas por eles.

Assim, os três nomearam a Vila como um bairro bom, ressaltando o uso que fazem de espaços públicos e privados, como a praça, as ruas e a casa de show, enquanto importantes espaços de lazer e de interação com amigos e outros moradores do bairro. Eles, ainda, apresentaram elementos que gostariam que fossem modificados, como a falta de equipamentos públicos, vizinhos que os julgam, a presença ostensiva da polícia e o convívio com o uso e a venda de drogas.

As referências constituidoras dos discursos dos entrevistados acerca do território expandem a visão homogênea observada em alguns trabalhos da área, conforme apresentado na revisão de literatura (Priuli & Moraes, 2007; Brandão Neto et al. 2010; Patti & Romão, 2011; Santos et al., 2012; Sento-Sé & Coelho, 2014; Luiz et al., 2015; Zilli, 2015; Welter & Scortegagna, 2016). Estes apenas citam os bairros onde suas pesquisas foram realizadas e os caracteriza de maneira uniforme, sem abordar particularidades e singularidades dos seus moradores e de suas relações com o espaço.

Lina nos alertou que o olhar lançado ao bairro pode fazer com que vejamos apenas aspectos negativos. Porém, ela e os outros dois entrevistados apontaram outras dimensões deste espaço que fez com que ela sofresse diante do imperativo de se mudar para um bairro distante: “*E a saudade que esse lugar vai me deixar...*” (Entrevista 5, Lina).

Dessa forma, ao descrever os espaços onde os participantes da pesquisa vivem a partir das perspectivas dos próprios jovens, Moreira, Sucena e Fernandes (2008) apresentam as atividades de lazer pouco dispendiosas que fazem parte do cotidiano deles, como futebol, pipas, bailes e namoro, para além das residências sem infraestrutura e dos bairros sem equipamentos urbanos. Estas atividades também se destacaram nos enunciados de Elza, Lina e Chico, sendo que Chico ampliou esse leque adicionando outras brincadeiras como pique-pega, pique-esconde, jogar chinela.

Chico: Nós brinca de tacar chinelo. Mas, pensa, nós ri, mas nós ri, nós ri tanto que eu chego até quase desmaiar de tanto ri. Tacá chinelo é muito bão. Nós pega chinelo e começa tacá um no outro, de uma distância longe pra não acertar, ficar acertando. Nós começa a rir, nós fica rindo, nóó, nós ri demais. Hoje mesmo, agorinha, os menino vai tá lá, nós vai brincar de novo.

(Entrevista 7, Chico)

Gomes e Conceição (2014) tangenciam o tema do território ao apontar para a distância entre este e a escola, de modo que o conteúdo escolar não se aproxima da vida cotidiana dos jovens. Estas considerações dialogam com os discursos de Elza, Lina e Chico acerca da escola conforme indicado acima. Embora não seja possível afirmar que exista essa distância a partir dos enunciados deles, é notório que este espaço não apareceu como relevante no discurso dos três.

Outro ponto de diálogo com a literatura da área se refere à associação entre território e as estruturas do tráfico, conforme aponta Fefferman (2006). A autora diz que o tráfico de drogas faz parte da vida de parcela da população das periferias da cidade de São Paulo e que os locais de venda se espalham pela cidade, variando especificamente em relação ao produto, à procura e à administração.

Em relação a isso, é possível notar que temáticas do tráfico de drogas se diluíram nas falas dos entrevistados em quase todas as categorias destacadas, excluindo apenas daquelas referentes ao espaço da casa, aos deslocamentos na cidade e da perspectiva de não circulação no bairro. Dessa forma, o atravessamento deste assunto em vários discursos indica proximidade com o tráfico de drogas na Vila, apontando que ele faz parte, de diferente formas, da vida dos entrevistados e de outros moradores dali.

Assim, os discursos sobre a casa apareceram como opção de lazer ou a partir das responsabilidades e falta de liberdade. Ao mesmo tempo, os enunciados sobre deslocamentos na cidade apontaram para influência de outras dinâmicas não ligadas ao tráfico, como visitar familiares.

Além disso, a associação direta com o tráfico se excluiu dos discursos de Elza e Chico que indicaram para o território como lugar de não circulação, uma vez que os episódios que direcionaram para limitações e cerceamento dos fluxos de ambos se deram em decorrência de ações policiais. É possível entender que a ação policial de repressão se associe ao “combate” ao tráfico de drogas e, portanto, é o outro lado da mesma moeda. Entretanto, é importante demarcar que estas ações se diferem daquelas apontadas por Meirelles e Gomez (2009) e Feffermann (2013) em que a restrição da circulação, bem como a permanência ou desistência no

trabalho no tráfico, associa-se com a existência de divisões do território geográfico de determinados bairros por facções.

Por fim, o leque restrito de circulações pela cidade apontado pelos entrevistados dialoga com Oliveira et al. (2006), Filho (2008), Canetti e Maheirie (2010), Abramovay, Feffermann e Régnier (2012), Carvalho (2013), Moreira, Guerra e Costa (2012) e Costa e Santos (2014), uma vez que estes autores discutem a cidade enquanto território, com diferentes processos de segregações que influenciam na vida de seus moradores. Assim, Oliveira et al. (2006) apontam para um confinamento a céu aberto de jovens pobres em bairros periféricos, de forma que eles não transitam e são tidos como indesejáveis em outros pontos da cidade. Ademais, Costa e Santos (2014) complementam essa perspectiva ao elucidar a falta condições materiais e a não dominação dos códigos valorizados em outras regiões da cidade como fatores que dificultam a ampliação de tais movimentações.

3.3. Territorialidades: crime e uso

Neste tema, Elza, Lina e Chico falaram de aspectos de seu envolvimento com o crime, bem como daqueles relacionados ao uso de drogas. Em vários pontos, essas duas dimensões aparecem de forma mesclada.

No que tange a aproximações com crime, os três relataram apenas experiências com a venda de drogas, embora anunciassem o interesse em ser/ter mais que isso, como quando Chico diz que é a “*nova geração do crime*”. Apesar do fascínio e da vontade de fazer carreira no ramo, a função exercida por eles era bem definida e de menor prestígio na cadeia de relações estabelecidas no tráfico de drogas, tal como visto nos trechos a seguir:

Tayná: Você tem vontade de fazer? Você tem vontade de crescer no crime?

Elza: Ai, tenho.

Tayná: E aí, como que você acha que dá pra crescer no crime?

Elza: Crescer, tipo assim, as pessoas memo que... Os mala memo não é aqueles mala que tão vendendo, [é] aqueles lá que transporta droga. Vai lá no Paraguai trazer droga pra cá, o caminhão cheio de droga, isso é mala. Que nem, tem mala... Que nem, minha amiga virou pra mim e falou assim, que ela já foi mexer com isso. Ela falou assim ‘menor só serve pra abraçar coisa, só serve pra abraçar droga. Só fica em quina’. Se as pessoa... Mulher não serve pra matar pessoa. Se o gerente falou assim ‘você vai

ter que cobrar uma dívida', pôr uma arma na sua mão, você vai lá e mata o cara, como assim? Mulher não tem coragem de ficar matando pessoa.

Tayná: Então, é mais coisa de homem isso?

Elza: Na minha mente é assim, mulher não tem coragem. Eu não tenho coragem de matar pessoas. Sem fazer nada comigo? Não tenho coragem, mas bater, espancar, aí eu tenho.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Elza, você falou que você vende, né? Você já conhece todo mundo do tráfico? Até quem é o traficante mais fodão? Gerente? Todo mundo?

Elza: Aham, É... eu sei pelo nome, mas eu não sou muito de desembolar ideia não.

(Entrevista 2, Elza)

Tayná: E quais experiências você já teve com o crime?

Lina: Em qual sentido?

Tayná: É... se você já vendeu, se você já roubou, se você já... não sei, alguma coisa que você fez assim.

Lina: Já vendi, já. Já vendi o que? Durante uns meses? Ele [primo] ficava falando assim 'Lina, vai dar b.o., Lina vai dar problema'.

(Entrevista 4, Lina)

Elza e Lina apresentaram motivos diferentes para esse envolvimento, de modo que a primeira começou a vender para ajudar um amigo e a segunda porque queria/precisava de dinheiro.

Tayná: E aí, como que você decidiu que você ia vender?

Lina: Quando eu tava querendo dinheiro. Eu vendia mais quando eu precisava de dinheiro. É dinheiro minha fia, muito dinheiro.

(Entrevista 4, Lina)

Chico não explicitou em seu discurso o que o fez iniciar suas atividades no tráfico, mas a aproximação com colegas que estavam envolvidos parecia ser relevante em minhas observações durante a pesquisa. Neste caso, quando estava próximo de amigos que tinham maior envolvimento com o tráfico, ele também se envolvia mais e o contrário se dava quando ele se afastava destes. Dessa forma, a sua relação com o tráfico assemelhava-se a uma brincadeira, da qual ele se aproximava e se afastava, sendo que este movimento cessou após ser apreendido pela polícia.

Nos três casos, os enunciados indicaram para uma facilidade em entrar e sair do comércio de venda de drogas, sem prejuízos decorrentes dessas escolhas para o *Movimento*. Assim, Elza afirmou:

Tayná: E você fica vendendo também ou você só vende a noite?

Elza: Não, eu vendo todo dia, hora, toda hora.

Tayná: Hora que tem uma oportunidade?

Elza: Hora que der vontade. Não, sempre tem oportunidade.

(Entrevista 1, Elza)

Apesar da aparente flexibilidade das fronteiras de entrada e saída do comércio de drogas, Elza e Lina apresentaram em seus enunciados o comprometimento com a função, cumprindo as responsabilidades e o “código de ética” que ela exigia, como não levar prejuízo, não roubar, não vender droga para outras crianças mais novas, não falar o nome dos pontos de vendas ou de pessoas envolvidas e a importância de estar sempre atento para que ninguém tome o seu lugar.

Elza: Esses dia memo, eu choquei. Veio um menino pequeno, de oito ano, falando ‘me vê o raio aí’, falou assim ‘me dá uma’. Falei assim ‘eu não vou servir porque você é menor. Eu sou menor, não quero isso pro cê. Então, vai seguir um exemplo, vai estudar’. Uai, menor de oito anos comprando droga, que isso?

(Entrevista 1, Elza)

Lina: Para mim não. Mas, também, sempre andei pelo certo.

Tayná: Como que é andar pelo certo?

Lina: Não... Como que eu posso dizer? Não deixar faltar o dinheiro, tem que tá o dinheiro contadinho. Não roubar nada. Não pegar, tipo assim, você tá com... Tem que vender 10, você roubar 2 ou roubar 1, entendeu?

(Entrevista 4, Lina)

Estar em diálogo com os discursos que giram em torno do tráfico de drogas possibilitou a manifestação de enunciados que se voltaram para os medos neste contexto. Estes se destacaram a partir de três perspectivas que se misturam de maneira difusa nas falas: (1) não temer; (2) temer a morte; (3) temer ir preso.

O primeiro ponto se relaciona à ideia de que as entrevistadas estiveram diante de experiências piores e isso fez com que elas deixassem de sentir medo com determinada situação.

Tayná: E também não te dá medo, o fato dele [companheiro] ter passagem?

Elza: Não, não. Conheço gente pior.

Tayná: Conheço?

Elza: Que pega gente de refém, mata os refém, vai preso, sai... [...]

Tayná: Aí você pensa como conhece gente que já fez coisa pior, então, não é qualquer coisa que te assusta?

Elza: É, não é qualquer coisa que me assusta. Matar ex mulher? Matar mulher, ele deu umas cinco facadas na mulher dele.

(Entrevista 3, Elza)

Tayná: Isso não te assusta?

Lina: Não muito, porque eu já vi muitas mortes. Ainda mais quando eu estava nessa vida da droga. Mais pelo fato que quando você tá na droga você vê muita gente, seus amigos morrendo assim e você não poder fazer nada, muita gente. Muito, assim, colega que você desde o começo tava com você, morrer antes de você, porque ficou devendo, ou porquê falou demais, ou porque machucou alguém. Sempre morre, sempre tem um que morre. Então, o ruim é isso só. O ruim é você ver seus colegas que tava com você no começo morrendo e você ficando. Com medo de morrer também. Mas eu também nunca tive medo, eu sempre até falei para o meu primo, ele fala assim ‘você vai morrer, você vai morrer’, falei assim ‘eu não tenho medo da morte’ e ele é prova que eu falo isso mesmo, eu nunca tive medo de morrer. Mas sempre dá aquele medo quando você sabe que você pode morrer, dá um frio, dá um frio na barriga, porque muitos falam assim ‘não, que eu não tenho medo de morrer, que isso, que aquilo’, mas sempre dá um friozinho, dá um medinho. Por dentro esconde, esconde, mas dá. Não tem um que fala que não tem medo de morrer que não tenha medo, sempre tem.

(Entrevista 4, Lina)

O segundo e terceiro ponto apareceram relacionados nos enunciados que indicam de forma ambivalente a morte ou a prisão como únicas saídas após a entrada no crime. O diálogo com essas perspectivas corroboram para os movimentos de permanência e de desistência da “vida no crime” de Elza, Lina e Chico.

Chico: Isso não vai me levar prum caminho bom, leva caminho ruim. Tem dois caminho, ou é a morte ou cê vai preso. Algum dos dois, porque com certeza não tem outra saída, do crime não tem mais saída. É igual como se diz a baleia azul, não tem saída. É a mesma coisa, só tem a entrada, mas não tem mais a saída. Se ocê entrar acabou, se entrar cê num sai mais.

(Entrevista 7, Chico)

Lina: Ultimamente eu ando usando só os narga, sabe? Num pretendo ficar fumando maconha mais, esses trem não.

Tayná: E por que não? O que que mudou?

Lina: Ah, muita coisa. Eu acho que eu criei mais mente também... mas, também, pode ser pelo fato que eu vejo muita gente morrendo também com isso e ino presa.

(Entrevista 5, Lina)

No que diz respeito ao medo de ir presa, Elza levantou a questão de “ter o nome manchado” como algo a ser evitado com base em diálogo com a mãe e na vivência de seus irmãos.

Tayná: Tem alguma coisa que você preocupa?

Elza: Como assim?

Tayná: Em relação ao tráfico, que você tem medo.

Elza: Ir presa. Minha mãe, esses dias ela ficou sabendo que eu tava vendendo droga, ela falou assim ‘não filha, sai dessa vida, não mancha seu nome indo presa não. Manchar seu nome que nem meus irmãos’. Meu nome... O nome do meu irmão tá tudo manchado. Eles já foi preso, meus dois irmãos. Até hoje eu nunca fui presa, nunca levei um enquadre, graças a Deus.

(Entrevista 1, Elza)

Os medos evidenciados nestas falas dialogam com o contato que tiveram com a polícia em algumas situações e com as ideias que eles têm sobre ser preso. Desse modo, o que se destacou, inicialmente, quanto a esta categoria foi a proximidade com violência policial, tanto física quanto verbal e, simultaneamente, um sentimento de desprezo e ódio por policiais.

Lina e Chico relataram experiências em que foram apreendidos, enquanto Elza contou que nunca levou um “enquadre”, referindo-se à ação de policiais de interrogar e revistar suspeitos, bem comum na Vila. Contudo, essa é uma prática já esperada por ela, como algo natural, e que ela deseja que não seja acompanhada de agressão.

Tayná: E você não tem medo?

Elza: Ai, nunca levei um enquadre. Eu ter, tenho medo de apanhar, mas levar um enquadre todo mundo vai levar na vida, uma vez. Mas se for...

Tayná: Você já espera isso, então?

Elza: É, mas se for aquele enquadre normal com só revista, não bate, aí tudo bem. Que nem, tem umas pessoa que é, uns policial que é mais de boa. Tem uns que é ignorante, que já vê uma pessoa, já quer parar e quer bater na pessoa. Esses dias foi, eu tava eu e meu amigo... eles pôs a mão na cabeça e quebrou os dedos dele, fechando assim ó.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Com polícia? Que aconteceu?

Lina: Apanhei demais, demais, acha que eu apanhei pouco, apanhei demais. A policial virou para mim falou assim, eu não tinha falado nem nada para ela, ela falou assim 'você não é tão bichona?'. Aí, ela pegou e me deu um tapão, pow, 'então levanta'. Eu que fui lá que fiz?! Trouxa, levantei de novo, ela blup na minha cara com a botina, aí eu caí de vez, humm, amargou naquela hora, doeu até a alma, e dói.

Tayná: Imagino.

Lina: E quando ele fala assim 'abre a perna' e você faz graça. Ele fala assim 'abre a perna', não abre não pra você vê do jeito que ele quer, eles mete a bicuda na tua canela, minha filha, que tu abre até espaguete se você não quisesse, de tanta dor que é, tão forte a dor.

(Entrevista 4, Lina)

Apesar de não gostar de policiais, os entrevistados indicaram a necessidade de respeitá-los, sob ameaça de sofrer as consequências de qualquer ação desrespeitosa, que, nos enunciados, variou desde apreensão por desacato à ameaça de ser levado para Centro de Medidas Sócio-educativas de Uberlândia, onde apanhariam e sofreriam maus tratos.

Elza: Tô nem aí pra eles, quero que eles morra. Eu só considero esses policial quando eles tão no caixão. Que nem, eu odeio polícia, mas eu respeito, tem que respeitar [pausa]. Antes, quando eu era mais pequena, eu pensava em ser policial.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: E, depois dessa experiência que você teve, o que você acha da polícia?

Chico: Acho polícia chata, gosto de polícia de jeito nenhum. Mas, tipo assim, se um polícia me parar é claro que não vai poder xingar. Se xingar vai ser preso, ele vai puxar sua orelha, vai te bater, vai fazer, vai fazer você vomitar sangue... Eles me falou isso.

Tayná: Eles te falou?

Chico: Falou.

Tayná: Que que eles falou?

Chico: Aaa, eles falaram assim se eu ficar na rua e eles me pegar, eu for pego, vai nem falar com a minha mãe. Só sei que eles falou assim que vai puxar pela orelha, vai fazer a gente virar sangue, fazer, limpar sangue, vai passar fome lá dentro, vai comer só trem cru, eles falaram desse jeito, essas coisas.

(Entrevista 7, Chico)

Vale destacar que, durante a realização do campo da pesquisa, senti medo dos policiais em vários momentos. A presença da polícia na Vila era constante e eles circulavam em carros grandes e imponentes, ostensivamente armados e em número de quatro policiais por veículo. Além disso, olhavam para os passantes com desconfiança e esse quadro desenhava em mim uma atitude de impotência e medo diante de qualquer suspeita.

Não senti medo ao caminhar pelo bairro, nem quando passamos em pontos de venda, nem quando a conversa com terceiros tinha a ver com roubo ou coisas do tipo. Fiquei insegura quando a polícia passou por nós e isso aconteceu várias vezes. Temi que tivessem acesso às conversas [Diário de campo, 12 de março de 2017].

O fato de o bairro estar cheio de policiais fez com que eu ficasse apreensiva com o gravador e as fotos que havia tirado com Elza. Temi, mais uma vez, que fosse abordada e que eles pegassem o gravador. A máquina eu até consigo explicar tranquilamente, mas o gravador é mais complicado [Diário de campo, 30 de março de 2017].

Outro aspecto relevante abordado por Elza e Lina neste tema se refere aos relatos sobre o uso de drogas. Além de destacar outros elementos sobre suas experiências neste contexto, a morte voltou a aparecer nestes enunciados, para além do medo conforme nos trechos acima.

É importante destacar que este assunto não foi abordado diretamente nas conversas com Chico em decorrência da sua recente apreensão e da ideia que ele manifestou de estar sendo vigiado o tempo todo. Sobre a questão, ele contou apenas que a apreensão ocorreu porque havia comprado cigarros de palha e estava fumando em uma praça quando foi abordado pela polícia.

Lina: O ruim é quando eu vi uma amiga minha morrer, assim, na brincadeira.

Tayná: Como assim?

Lina: Nós tinha ido pro frevo e ela quis fazer tudo que eu fazia. Só que eu já tinha começado há tempo e ela ia ser a primeira vez dela, que ela tava com nós. Ela pegou, misturou, usou o loló. Depois que terminou de usar loló, usou amarelinha, usou amarelinha de novo, amarelinha e bebeu passante e bebida, vodka, uísque, um monte de trem, assim, misturando. Depois, ela foi lá e bebeu mais um pouco e usou amarelinha, loló. Depois ela foi lá e usou de aplicar, aplicou. Aí, usou droga, maconha mesmo, ela fumou três maconha inteirinha, assim. Depois bebeu mais, isso foi até 5 hora da manhã e ela meteu bebida, nas droga e na bebida. Ela não acordou no outro dia, acordou não, tava morta. Fez os exames nela, ela tinha dado, esqueci o nome. Tinha usado

muito trem, muita coisa na mesma hora e acabou morrendo, porque acelerou bastante o coração dela e ela acabou.

(Entrevista 4, Lina)

Elza: Que nem, meu amigo deu branco na via Casa do Frevo. Dá branco assim, mistura todo tipo de droga, vai e desmaia, dá um branco.

(Entrevista 1, Elza)

Elza: Eu conheço uma amiga que ela é cheia de tatuagem, até aqui tem tatuagem. Ela é branquinha, destaca muito as tatuagem nela. E ela é do corre também. O ruim dela é que ela cheira desbolada, eu não gosto de pessoa que cheira, não gosto. Tenho raiva. Eu custo vender, eu vou, eu custo vender, agora eu vou passar vender pra maconha, que maconha até é de boa. Eu não pego o cheiro, eu pego lá o saquim, o saquim, vou distribuir. O saquinho é amarelo. Eu vou, pego e entrego pro cara, pego o dinheiro. Quando vou cheirar minha mão, nossa, me dá aquele enjoio, aquele cheiro de crack, odeio isso.

(Entrevista 1, Elza)

Os trechos indicaram para o uso desenfreado que as incomoda. No caso de Lina, o transtorno está relacionado à morte e, no de Elza, a desmaios e ao tipo de droga. Esses são, portanto, limites apresentados por elas e que dialogam com outros aspectos, como: o cuidado do grupo com seus membros em indicar a quantidade que deve ser usada para cada pessoa, com base na experiência de individual; e o cuidado pessoal delas em evitar certos tipos de drogas, uso em grande quantidade e situações que envolvem de seringas.

Lina: Teve uma época, teve um dia que os menino tava na roda e só tinha uma [seringa]. Eles fez para eles, só que eu não quis, porque eu fiquei com medo de alguém ter uma doença nesse dia. Tinha uma só seringa. A maioria das vezes, quando nós tá em rodinha, cada um tem que ter o seu, a sua seringa. E como que é que funciona? [Começa a falar mais baixo] A gente sempre tem um cara lá dentro, que usa também, que vende essas seringa. Ele traz aquelas caixinha fechada e a gente pega. Ele pega uma e a gente usa, mas ela tem que tá tudo limpinho também, eu não... Para não correr nenhum risco, sabe?

(Entrevista 4, Lina)

O discurso de “correr risco” apareceu, ainda, em outros enunciados de Elza e Lina. Entretanto, diferentemente da visão exposta acima, nestes havia entusiasmo e fascínio por certas situações que envolviam a sensação de adrenalina diante do perigo.

Tayná: E tem alguma coisa que você não gosta no mundo do crime, “mundo do crime”?

Elza: No mundo do crime, que que eu não gosto? Deixa ver, quando você tá numa fuga com as pessoas, não tem nenhum lugar pra você ir. Você vai, pega o carro e pega uma vítima, não gosto disso. Se as pessoa tiver comigo, ou se não tiver nenhum lugar pra mim ir, o que que eu vou fazer? Vou me entregar. De vez de me entregar, eu vou e arrisco a vida de outra pessoa?! Se nós tiver naquela adrenalina vai, com arma, vai e mata uma pessoa, sem ela tiver fazendo nada. Não gosto.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Ah, cê gostava dele [amigo com quem vendia]?

Lina: Não, não dele exatamente. Do que nois fazia, isso é o que eu gostava, amava isso. É como se ama o perigo mesmo sabendo que é o perigo.

(Entrevista 5, Lina)

Portanto, as situações de venda de drogas, fuga da polícia, fazer refém, estar armado compõe o pluriverso “mundo do crime” que, para Elza e Lina, produz adrenalina e se associa à ideia de perigo. Esse conjunto somado à empolgação que acompanhou as falas indica para a atração que as envolve no enredo do crime.

Assim como no trecho acima, os amigos também se destacaram em vários outros enunciados dos três entrevistados neste tema, relacionados tanto ao uso, quanto ao tráfico e, ainda, fora de ambos. Com isso, eles estão presentes nos relatos de primeiro uso de drogas de Elza e Lina, tal qual em outras vivências em usos posteriores.

Tayná: Entendi. E aí, desde que você veio para cá, então, você tem essa vontade [de usar drogas]?

Lina: É, não é que eu tenho essa vontade. É que no começo os meus colegas usando e me chamando, aí deu vontade, aí eu comecei com isso. Comecei junto com meus colegas, eles ficavam me chamando eu fui.

(Entrevista 4, Lina)

Lina: Passar mal depois de usar? Eu acho que foi só com amarelinha, minha primeira vez que eu usei eu fiz um... os meninos fez um planeta, um planetinha e falou assim se você cheirar tudo...

Tayná: Um planeta é uma bola?

Lina: Um planeta é uma bola e uns negocinho assim, feito por dentro. ‘Se você cheirar tudo, sem parar até... eu pago madeira para você’. Que que a besta foi lá e fez? Já tava bêbada, tava no frevo nesse dia, eu já tava bêbada. Tava meio lá né?! Já tinha

usado loló, esses trem, peguei e cheirei tudinho, quando eu cheguei em casa, que eu abaixei a cabeça para dormir, meu nariz aqui, ó, começou a sangrar, mas sangrou, sangrou muito. Aí, eu fui coloquei um pano assim, né, para parar de sangrar. No outro dia, eu acordei limpei e fiquei de boa, mas também foi a única coisa que me faz ficar assim também.

(Entrevista 4, Lina)

Elza afirmou que só tinha amigos do sexo masculino e envolvidos com o tráfico de drogas, enquanto Lina tinha amigos dentro e fora do *Movimento*, ambos associados a trocas de experiências, conversas sobre a vida e momentos de diversão. Já Chico apresentou um movimento diferente, sendo que, tinha apenas amigos do sexo masculino e envolvidos quando estava no tráfico. Não obstante, depois da apreensão, passou a brincar com meninos e meninas, todos sem qualquer envolvimento.

Tayná: Tem outras menina no corre?

Elza: Tem, muitas.

Tayná: E aí, não rola... vocês são amigas ou rola um ciúme?

Elza: Ai, tem vez. Mas, não gosto de muitas não. Não dou certo com mulher, eu só tenho amigo homem. Meus amigo homem é tudo envolvido.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Quando você tá com as suas amigas, vocês fazem o quê?

Lina: Mexe com os meninos na rua, brinca demais, usa narguilé. Mas minhas amiga, tipo assim, nenhuma usa droga. Não, tem uma outra que usa, mais consome, quem usa mesmo é só narguilinha, narguilé, narguilé de canetinha.

(Entrevista 4, Lina)

Tayná: Mas, e os outros amigo? De antes, que cê brincava na rua?

Chico: De antes eu não brinco mais não. Agora eu to escolhendo mais minhas amizade.

(Entrevista 7, Chico)

Outro aspecto relevante trata da aproximação entre familiares com o tráfico de drogas e uso de bebidas. Desta maneira, Elza, Lina e Chico possuíam algum parente fortemente envolvido com o tráfico, sendo, respectivamente, irmãos, tio e pai/padrasto. Elza e Lina demonstraram que se identificavam e tinham grande admiração por estes familiares, conforme nos seguintes trechos.

Tayná: Se você não tivesse esse irmão, você acha que seria diferente?

Elza: Humm, não. Mas eu gosto do meu irmão. Eu amo meu irmão. Meu irmão sendo desse jeito ou não, mas eu tenho orgulho dele. Que nem, eu sou desse jeito porque? Meu irmão, puxei meu irmão.

Tayná: Esse jeito qual?

Elza: Meu irmão é cara fechada, se alguém falar um "a" pra ele já estressa, que nem eu. É, sangue quente.

(Entrevista 3, Elza)

Lina: Meu tio mais foda, de todos!

Tayná: Ele é foda por que? Eu preciso entender.

Lina: Não coloca o nome dele aí.

Tayná: Não, eu não coloco nome de ninguém, mas ele então é brabo?

Lina: Ele, ele é lá da Vila, né doido. Ele foi expulso do bairro.

Tayná: Daqui? E aí ele foi para lá?

Lina: Sabe uma biqueira que lançou ali? É dele [...] ele é amigo do fulano. O fulano falou, assim, se alguém encostasse a mão nele, ia se ver com ele .

Tayná: Então ele já tá protegido?

Lina: Já. Não cita o nome do fulano.

(Entrevista 4, Lina)

Isso repercutia sobre os modos de estar nesse bairro, já que eram constantemente associadas a estes parentes. Isto resultava em ser reconhecidas na Vila por diferentes atores, moradores e policiais, de modo que Elza indicou a respeito dos últimos:

Tayná: Onde mais você acha que você deixa sua marca aqui no bairro?

Elza: Uai, todo lugar que eu passo, todo mundo me conhece. Ou como [apelido], que nem os menino falou, ou a irmã do Cleiton [nome fictício], que todo mundo conhece meu irmão.

Tayná: Seu irmão, então, é famoso aqui no bairro?

Elza: Né? Famoso...

Tayná: E o que que você acha disso?

Elza: O que? Meu irmão?

Tayná: De te conhecerem como irmã dele.

Elza: ah, eu acho bom... Nem sempre.

Tayná: Quando que você acha bom, quando que você não acha?

Elza: Eu não acho bom quando os policia pergunta 'como que é o nome da sua mãe?', 'como que é o nome do seu pai', 'qual que é o nome dos seus irmão?'. Aí, já

puxa a ficha do seu irmão, pergunta 'lá na sua casa tem droga'. Eu virei assim 'não'. Eles falou assim 'posso ir lá olhar? Posso levar os cachorro?' Falei assim 'pode'. Nois mudou mesmo. Eu acho ruim por causa disso, meu irmão tem muita passagem. Muita.

Tayná: Aí acaba que...

Elza: Acaba sendo ruim pra mim. Eles acha que eu faço a mesma coisa que ele, dos tempo que ele chamava uns caô pra cima deles.

(Entrevista 3, Elza)

Apesar de admirar o tio, Lina não tinha o apoio dele nem dos demais tios maternos quanto ao uso de drogas, uma vez que este tio disse que se soubesse de algo neste sentido iria repreendê-la. Entretanto, uma vez por ano, Lina viajava para encontrar seu pai em outra cidade e, nestas ocasiões, bebia com os tios paternos.

Lina: [...] Só sei que eu fui numa ilha ano passado. Huummm, xonei naquela Ilha. E lá eu bebo muito com os meus tios, aqui eu já não posso beber porque minhas tias já fica falando merda.

(Entrevista 4, Lina)

Lina: É porque cê nunca viu eu bebendo com meus tios, lá na [cidade do pai]. Fessor, lá na [cidade do pai] o povo é cachaceiro mesmo... não tem noção, eu aprendi a beber lá. Tá achando que aqui eu sou cachaceira?! É porque cê nunca me viu lá. Lá eu e meu tio virava três garrafas de wisky por dia, fessor, juntos. Mistureba ainda.

(Entrevista 5, Lina)

Chico, por sua vez, compartilhou de grande admiração e respeito por seu padrasto, afirmando que o chamava de pai e o considerava como tal. Todavia, o menino disse que tinha vergonha de contar para os amigos que o pai/padrasto estava preso em decorrência de um flagrante no qual transportava uma carreta com drogas e mentia dizendo que seu pai/padrasto morava em outro bairro.

Por fim, com relação a este tema, Elza, Lina e Chico falaram sobre suas expectativas em relação ao futuro. Apesar da escola não ter tido grande relevância ao longo das conversas, os três indicaram o interesse em terminar os estudos, embora isto viesse acompanhado de certa dúvida quanto à sua concretização.

Elza: Tem vez que eu falo, eu falo assim, eu vou continuar nessa vida até eu morrer, tem vez que eu falo assim, ah não, eu vou estudar, vou ser advogada.

(Entrevista 1, Elza)

Lina: Daqui cinco anos? Como vai tá minha vida? Eu pretendo não continuar usando. Não, não continuar, assim, não vendendo esses trem, sabe?! Eu pretendo terminar meus estudos e me formar. Eu vou ver que que eu faço. Mas, se eu não conseguir... Mas que eu pretendo...

Tayná: Você pretende estudar o que?

Lina: Ou medicina ou advocacia. Se eu vou conseguir, só Deus sabe.

(Entrevista 5, Lina)

A dúvida em relação ao futuro apareceu de maneira mais marcante nos enunciados de Elza, sendo que ela pensa em várias possibilidades, inclusive na morte como cenário de futuro próximo.

Elza: Não faço nem ideia. Faço nem ideia. Que nem, eu não penso no futuro, deixo a vida levar.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Você não preocupa com isso?

Elza: Não, que daqui 5 anos eu não sei se vou tá morta ou não. Vou tá presa ou vou tá estudando, não sei.

(Entrevista 1, Elza)

Elza: É, cada dia eu... Eu não vivo o dia antes, eu deixo a vida me levar. Eu curto cada momento. Eu não sei o dia de amanhã pra mim planejar o dia de amanhã. Você vai planejar pra fazer sem saber o dia de amanhã? Eu não planejo nada.

Tayná: Mas tem coisas que você gostaria que acontecesse?

Elza: Não, não. Tem. Tem coisas que eu gostaria que acontecesse. Que nem o dia que eu tava indo pro frevo, eu queria que, tipo assim, que tivesse o cantor lá que eu amo, esse cantor da minha vida.

(Entrevista 1, Elza)

Elza: Tem vez que eu penso entrar no exército, tem gente... Hoje memo eu tava falando pra mim entrar no exército. Como assim?

Tayná: Como assim?

Elza: Como assim eu entrar no exército? Como assim pra mim ser pfem? Como assim?

(Entrevista 1, Elza)

Chico, diferentemente das meninas, indicou com mais certeza sobre seu futuro.

Tayná: Como que cê imagina que vai tá sua vida daqui cinco anos?

Chico: Aí, eu imagino, assim, que pra mim, com certeza, minha vida vai tá ótima. Eu penso assim, quando eu crescer já, quando eu for maior, eu já quero... menor mesmo, de 14, 15 ano. Eu já quero trabalhar. Dá porque maior de 16 já trabalha.

Tayná: Cê quer trabalhar com o que?

Chico: Ou eu quero abrir um lavajato. Ou, então, eu quero abrir uma oficina de som. Que lá do lado eu fico muito na oficina de som do lado de casa, muito. Eu vejo eles montar som, que eu acho muito bom, nossassinhora, eu adoro!

(Entrevista 7, Chico)

Com base nas minhas observações e nos discursos dos entrevistados, Elza, Lina e Chico tinham diferentes níveis de fascínio e envolvimento com o “mundo do crime”. Desse modo, Elza estava mais envolvida e Chico menos, passando por Lina com envolvimento mediano e diante da mudança eminente de bairro, em que estas relações estavam fragilizadas. Tais graus de envolvimento destacaram-se quanto ao último assunto deste tema, sendo que, Elza – com maior envolvimento – apresentou maior dúvida quanto ao seu futuro, ao mesmo tempo em que Chico apresentou menor dúvida.

O quadro formado por estes enunciados aponta para as relações estabelecidas pelos entrevistados no contexto da criminalidade, principalmente, no que diz respeito à comercialização de drogas ilícitas. Além disso, os enunciados se fundem com aqueles que versam sobre as experiências e vínculos criados por eles nas situações de uso de drogas, permitindo a aproximação com aspectos da territorialidade do crime na Vila, bem como fragmentos de como Elza, Lina e Chico se inserem, se apropriam e (re)produzem discursos neste quadro.

Este tema possibilita, assim, um diálogo com os trabalhos da área, levantados a partir da revisão de literatura, especificamente em relação aos apontamentos acerca do envolvimento com o crime.

Assim, nas duas primeiras perspectivas observadas, a aproximação com crime era tido a partir da visão centrada no jovem, em que elementos como ideia de doença e transtorno, culpabilização da família e pedido dos jovens por socorro e limites se destacavam. Os discursos de Elza, Lina e Chico não apontaram para esta direção, evidenciando, em direção oposta, que múltiplos são os fatores e atores que enredam essa complexa teia.

O contexto social é um deles, juntamente com os diferentes modos pelos quais os jovens se apropriam dele, tal qual apontam os trabalhos agrupados na terceira perspectiva. Neste prisma, destacam-se a vulnerabilidade social, falta de equipamentos e políticas públicas, criminalização da juventude pobre, invisibilidade e visibilidade perversa.

Esses apontamentos colaboram para a construção de uma percepção ampliada acerca do contexto social no qual se desenha o envolvimento de meninos e meninas com o crime. Nesse sentido, é possível retomar as contribuições bakhtinianas que reafirmam a constituição social do sujeito, através da produção de discursos em diálogos com outros, tanto no nível das interações entre sujeitos, quanto a partir das relações com entre sujeitos e estruturas sociais (Pucci, 2011).

A última categoria destacada diz respeito a uma falta de limites precisos no que se refere ao envolvimento com o crime, ressaltando uma infinidade de elementos contextualizados histórica e socialmente. As falas dos entrevistados e os movimentos ocorridos ao longo da pesquisa indicaram para essa permeabilidade entre estar ou não estar envolvidos com o crime, conforme apontado acima, reforçando tal perspectiva.

Entretanto, é importante salientar que, ao mesmo tempo em que essa fluidez se mostra em torno das possibilidades de aproximações com o crime, há uma delimitação marcada dos limites e fronteiras estabelecidos entre o bairro e a cidade, refletindo nos modos como Elza, Lina e Chico se apropriam e se movimentam em Uberlândia. Cria-se, então, uma tensão entre dois pontos: fronteiras difusas do crime *versus* fronteiras delimitadas da cidade, de modo que esses dois pontos em dialogia se mostraram pertinentes na constituição dos entrevistados.

3.4. Visão de criança

Este tema reúne os enunciados de Elza, Lina e Chico onde se destacaram diferentes dimensões de ser criança, o que resultou na criação de duas categorias: criança como elemento fora do tráfico; e passado/momento anterior.

No que diz respeito à primeira, os enunciados de Elza e Chico apontaram, de maneiras distintas, para a concepção de que crianças não são associadas ao tráfico, ou ao crime de maneira geral. Assim, em diferentes trechos, Elza contou que se aproxima de crianças ou se veste com elementos infantis para disfarçar quando está vendendo drogas. Neste caso, os policiais são os interlocutores imediatos dessa ação.

Tayná: E por que que você acha que nunca aconteceu [enquadre] com você?

Elza: Ai, eu não sei, sorte.

Tayná: Você não toma nenhum cuidado?

Elza: Uai, tomo. Tem vez quando eu to no corre com os menino, quando chega polícia eu já falo na hora, falo na... Tem uns menino jogando bola, falo assim 'eu to de próximo aí, to nem aí, não quero nem saber, to de próximo'.

Tayná: Ah, então, você tem uma malandragem?

Elza: É. 'Tô de próximo'. Tem vez que eu, eu saio de casa com aqueles vestidinhos de criançinha, ponho uns laçinhos no cabelo, saio.

Tayná: Sai de menininha? Disfarçando?

Elza: É, de menininha, que nem mocinha. Os truta fala 'e a amarela, amarela?'. Eu falo assim 'cola aqui, cola e eu solto na hora, não solta tudo, você vira?'. Eu começo com algumas coisas, inventar altas coisas, eu falo assim 'como que tá sua mãe? Faz tempo que eu não vejo ela. Depois fala pra ela ir lá em casa'. Falo um monte de coisa.

(Entrevista 1, Elza)

Tayná: Você tem medo de acontecer alguma coisa, assim, com você?

Elza: Não, que eu sou ligeira. Eu desbaratino demais. Tem vez que eu to lá de boa, sempre quando eu to trampando... quando eu to sozinha, tem criança do meu lado. Sem criança eu não fico. Criança tipo, eu tenho uns amigo criança que eu falo que é meus amigo e que não é envolvido.

(Entrevista 1, Elza)

Chico, por sua vez, associou certas brincadeiras às crianças e, diante disso, quando estava próximo do tráfico, não se interessava por elas. Contudo, o cenário se modificou no momento em que ocorreu o afastamento destas atividades ilícitas e, assim, ele passou a experimentar e a gostar das brincadeiras de “criançinha”.

Chico: Ele é o Arthur que mora na rua de casa, nói brinca com ele, nói brinca agora de coisa de criançinha.

Tayná: Como que é brincar de coisa de criançinha?

Chico: Aaaa, nói brinca de batatinha 123.

(Entrevista 7, Chico)

Chico: Eu gosto. Eu não gostava não, eu nunca brinquei. Aí, eu tava vendo os menino brincar, aí falei assim 'aa, isso aí é chato'. Aí eu fui brincar também, aí eu gostei. Aí as menina brinca de bola com nós, nós chama as menina pra brincar de bola, né?! Porque menina é ruim, menina chuta errado? Não, é porque é assim, nós brinca pra se divertir, não só pra ganhar.

(Entrevista 7, Chico)

No caso de Chico, a associação entre tráfico e a figura da criança ocorreu de forma mais sutil, ainda assim, esta indica para a afirmação ou negação da visão de si como criança. Porém, Lina e Elza indicaram, de maneira mais marcante, para uma negativa da visão de si como criança, conforme os enunciados agrupados na segunda categoria quando falam sobre ser criança como um momento anterior de suas vidas. Vale destacar que Chico, de fato, era mais novo que Elza e Lina e, além disso, a brincadeira tinha grande relevância dentre as atividades de lazer do menino, diferentemente das entrevistadas.

Tayná: E aí, você falou que era criança nessa época, agora você se vê como?

Elza: Como assim?

Tayná: Você não é mais criança?

Elza: Não, por causa que eu não hajo como criança mais. Antes eu era grande, com mente de criança. Ainda sou grande, mas não tenho mais mente de criança, só algumas vezes.

Tayná: Em que vezes?

Elza: Algumas vezes. Quando tô brincando com meu sobrinho e aí tenho que ter mente de criança. Se não tiver, como que vou entender ele? Rs.

Tayná: Então você tem mente de criança pra...

Elza: Pra ajudar umas criança também. Que nem, tem criança que pede ajuda pra mim, alguma coisa. Eu tenho que ter mente de criança pra entender o que eles quer. Se nós for toda adulta, nem adulta sabe entender criança... Ah, você tem que cortar um pouco da sua sobrancelha que tá muito grossa, tá muito grande.

(Entrevista 3, Elza)

Este enunciado destaca a noção de que, para Elza, ser criança não tem a ver com idade ou tamanho, e sim com atitude e “mente”, apontando para certa fluidez das margens entre ser ou não criança. Neste contexto, destaca-se, também, a possibilidade de não ser criança, mas *ter a mente* para se relacionar com outras, reforçando a mobilidade desta concepção.

Este tema aponta para um dialogismo acerca dos entendimentos sobre ser criança, abarcando os limites fluidos apresentados acima e aqueles demarcados pela primeira categoria, em que crianças tem um lugar marcado de distanciamento em relação ao tráfico e, por isso, não são associadas a ele. Assim, Elza, Lina e Chico são e não são vistos como crianças, dependendo do contexto, dos interlocutores e das relações entre eles.

Esta perspectiva posiciona um distanciamento em relação à primeira categoria levantada nos trabalhos da revisão da literatura. Nela, a adolescência é entendida como uma fase do desenvolvimento humano, dentro de uma trajetória linear, recheada por tormentas e dificulda-

des. A terceira e a quarta categoria elencada da revisão da literatura também se mostram distantes das falas de Elza Lina e Chico, já que dizem respeito, respectivamente, à patologização do jovem que se envolve com o crime, desconsiderando os contextos nos quais estão inseridos; e ao entendimento de que exista um “perfil” destes jovens, com base em características econômicas, gênero, ato infracional, entre outras.

Em oposição a essas visões, as falas dos participantes dentro deste recorte temático se aproximam da segunda perspectiva destacada, em que são admitidas diversas possibilidades de ser jovem e todas elas se relacionam com os contextos que o circundam. Com isso, a construção do panorama de ser jovem e constituir-se sujeito abarcam as questões sobre quem eu sou no território, como sou vista pela família, amigos, primo, vizinhos e como eu me vejo.

4. Para não concluir

A caminhada da pesquisa está chegando ao fim e a folha em branco, antes desafiadora e convidativa para a construção de uma das interfaces desta pesquisa, em diálogo com a rua, está preenchida por diversas vozes. Apesar disso, este momento de reflexão expande-se para outros interlocutores, ecoando em possibilidades de novos diálogos que giram em torno da constituição de jovens que se envolvem com o crime. Assim, as considerações aqui registradas não visam apresentar conclusões fechadas e prontas, mas apontamentos que fomentam outros discursos a partir de uma experiência singular vivida diante de encontros igualmente únicos e ímpares nesta trajetória.

Perante o interesse em compreender como jovens que se envolvem com a criminalidade produzem discursos neste contexto, considerando, especificamente, seus entendimentos sobre si, sobre o crime e sobre o território, foi possível entender que diferentes sentidos são atribuídos a estas categorias e estes, por sua vez, dialogam e são tensionados cotidianamente. Isso se dá com base nas dialogias entre discursos, tanto a nível do território – base concreta e material do lugar onde vivem – quanto das territorialidades do uso e venda de drogas, com dinâmicas e relações específicas do tráfico na região. Nesta perspectiva, a rua destacou-se como lugar privilegiado nas relações, de modo que o território e suas territorialidades se mostraram como elementos importantes na composição da diversidade e complexidade das experiências de sujeitos e, especificamente, de jovens que se envolvem com o crime, em um mundo em constante transformação.

O olhar para a pesquisa se construiu com base nas contribuições bakhtinianas e fez interagir concepções construídas no cotidiano com saberes teóricos, possibilitando o encontro e a interação entre visões de mundo e seus discursos. Neste processo, Freitas, Souza e Kramer (2007, p. 8) indicam que:

Os indivíduos e os grupos podem conquistar uma consciência crítica, cada vez mais elaborada, sobre a experiência humana, na medida em que são capazes de permitir que os diferentes gêneros de discurso (desde o discurso acadêmico até as formas cotidianas de expressão, através de ações, opiniões e representações sociais) possam interagir, transformando e re-significando mutuamente as concepções, sobre conhecimento e a experiência humanas que circulam entre as pessoas num determinado espaço sociocultural, e num dado momento histórico.

Assim, a interação dos trabalhos reunidos na revisão da literatura apontou para diferentes enfoques dentro do tema juventude e criminalidade. Além disso, possibilitou o agrupamento em categorias de acordo com o compartilhamento de concepções sobre infância e adolescência e de apontamentos sobre o envolvimento com o crime, considerando que as diferentes visões de mundo e de homem adotadas por uma perspectiva marcam o lugar de onde se fala e influenciam o conhecimento produzido. Isso criou um panorama sobre o que tem sido construído em relação a este tema, do qual serão retomados os seguintes aspectos: 1) questões relacionadas ao adolescente em conflito com a lei; 2) o território abordado em poucos trabalhos enquanto dimensão relevante; 3) olhar individual e patologização de jovens que se envolvem com o crime.

No que diz respeito ao primeiro ponto, durante a pesquisa, participei de alguns espaços, acadêmicos e informais, em que pude contar sobre ela. Nestes momentos, sempre que eu me referia a jovens que tinham interesse pelo crime, era surpreendida por respostas que associava estes ao conflito com a lei, e, ainda que eu destacasse que não necessariamente estes meninos e meninas estavam nesta situação, tal visão permanecia. Da mesma maneira, grande parte dos trabalhos levantados na revisão da literatura foi construída em torno deste conflito e os locais em que foram desenvolvidos se inseriam em instituições do campo da segurança pública.

Isso produz um retrato acerca das aproximações entre juventude, crime e o sistema jurídico, uma vez que esta dimensão é composta pela experiência de apreensão e de responder legalmente por isso, para além do envolvimento com o crime. Dessa forma, é preciso considerar que o elemento judicial provoca marcas no discurso do sujeito, principalmente, considerando a realização da pesquisa no exato momento do cumprimento de medida. Os jovens com os quais tive contato durante a pesquisa contaram de experiências com equipamentos de segurança pública, porém, não tinham conflito com a lei, e, ainda assim, relataram de maneira rica e intensa, movimentos de aproximação com o crime. Diante desse panorama, o presente trabalho insere-se neste quadro, como uma voz atenta para outros modos possíveis de abordar o tema, valorizando contextos que extrapolam a questão jurídica.

Em relação ao segundo ponto, o conjunto de trabalhos que compuseram a revisão não considerou, em sua maioria, o território como aspecto relevante dentro da temática. Ao mesmo tempo, o somatório de enunciados produzidos durante as entrevistas, bem como de seus contextos, elucidou o modo singular que Elza, Lina e Chico se apropriaram dos discursos que circulavam sobre lugar onde viviam, em dialogia com as aproximações com o crime. A poesia de Luz Ribeiro (2006), que inicia esta dissertação, critica o distanciamento entre pesquisado-

res e os *meninos e meninas-mapa* e conta de muitos sentidos construídos no contexto do território. Sensível a isso, esta pesquisa reforça a necessidade da construção de um olhar que considera as vozes dos sujeitos e as singularidades vividas por eles, tanto em contextos de pesquisa quanto de intervenções no campo da Psicologia ou de outras práticas.

Neste prisma, destaco a relevância das caminhadas durante a pesquisa como transformadora do processo de pesquisar. Voloshinov e Bakhtin (n.d.) salientam que o discurso verbal não é auto-suficiente, uma vez que surge a partir de uma situação pragmática extraverbal com a qual mantém conexão e, além disso, é intimamente ligado à vida em si, sendo impossível separar ambos sem perda de significação. Com isso, caminhar me permitiu maior aproximação com as situações que as engendrava.

Assim, o conjunto das entrevistas foi composto por conversas realizadas no local onde havia a atividade da qual os jovens participavam e outras feitas em circulação pelo bairro com os participantes. Além disso, caminhei pelo bairro, algumas vezes, sozinha ou com a companhia de outras pessoas que conheci no local. Cada uma destas situações gerou um diálogo diferente e a riqueza daquelas que se deram na ação de andar foram marcadamente mais intensas, tanto para mim quanto para os que me acompanhavam.

Isso se deu em decorrência: 1) da possibilidade dos entrevistados de mostrar lugares que frequentavam e não apenas contar sobre eles; 2) de passar por lugares e se lembrar, contar e reviver situações associadas a eles, que extrapolavam os limites do roteiro de entrevista; 3) estar nestes lugares me colocou na situação de compartilhamento daquele espaço, aproximando-me dos entrevistados, assim, eles se empolgavam e aprofundavam em temas conversados em momentos de não circulação; 4) andar com os entrevistados, com outras pessoas e sozinha criou diferentes modos de olhar para o bairro e de estar nele, favorecendo a construção polifônica deste lugar; 5) por fim, os meus discursos de estranhamentos e naturalizações foram colocados em tensão com aqueles trazidos pelos entrevistados, produzindo outros, nestes encontros.

Diehl, Maraschin e Tittoni (2006) apontam o ato de percorrer como uma ferramenta que possibilita questionamentos em relação ao lugar de onde falamos e onde conseguimos transitar. Os autores inserem essa reflexão no campo da Psicologia Social, entendendo-a a partir de sua dimensão política e ética, que se constitui na problematização de contextos naturalizados. Assim:

O deslocamento é essencial no trabalho do psicólogo social, pois o coloca em condição de experimentar diferentes mundos e viagens às vezes bem perto de casa, e muitas vezes se questionar sobre sua própria morada e a morada de todos. É abertura à expe-

riência da viagem no cotidiano, não como turista que procura o mesmo e o esperado nos lugares que encontra, mas como viajante, estrangeiro, na condição de poder se surpreender com o estranhamento de lugares distantes e próximos, na possibilidade de encontros engendrados pela abertura ao outro, na medida em que surge quando me deixo suspender em minha construção de meu lugar de morada. (Diehl, Maraschin & Tittoni, 2006, p. 414).

Diante disso, os deslocamentos realizados neste trabalho possibilitaram múltiplas apreensões sobre os confinamentos vivenciados no cotidiano da cidade, no que diz respeito aos modos como os diferentes sujeitos circulam dentro do espaço coletivo e em quais confinamentos estão inseridos. Assim, foi possível reconhecer a existência de “barreiras invisíveis” na cidade que se desenham entre os contornos de determinados espaços, e apesar de ocultas, estas são fortemente marcadas nos discursos de seus habitantes, se infiltrando de forma rígida na construção de enunciados sobre a cidade, seus bairros e seus moradores.

Da mesma maneira, esses deslocamentos colocaram em movimento entendimentos sobre o crime, de modo que suas barreiras, entendidas cotidianamente como cerradas e determinantes na vida de quem dele participa, mostraram-se fluidas, como um elemento com o qual se dialoga de diferentes formas, permitindo aproximações e afastamentos de acordo com o contexto.

A ambivalência dessas fronteiras indica que qualquer ação voltada para intervenção no contexto de sujeitos que se envolvem com o crime deve ser pautada na apreensão dos modos singulares construídos nessas relações, que se expandem para as interações cotidianas com a cidade de modo geral e não focadas no território limitado pelos bairros. Isso se opõe radicalmente ao terceiro ponto elencado acima. Nele, ressalta-se a posição de alguns trabalhos da revisão da literatura que desconsideram os contextos no quais jovens envolvidos com o crime estão inseridos e apontam para aspectos individuais que justificam tal envolvimento.

Essa visão contribui para a patologização destes jovens e fomenta ações individuais de repressão e punição, ao invés da construção coletiva de alternativas implicadas ética e politicamente com a transformação social. Em contrapartida, olhar para estes jovens a partir de uma visão histórico-cultural, com base na constituição histórica e nos movimentos dialógicos estabelecidos por eles com outras pessoas e com a sociedade, denunciam um contexto social excludente.

A ação de percorrer permitiu o questionamento sobre a minha participação nessa malha e de quais formas isso dialoga com o confinamento a céu aberto de populações marginalizadas, resultando, de forma imediata, na ruptura com hierarquias do lugar de saber ao qual o

pesquisador ou psicólogo é colocado. Sensível a isto, pude reconhecer que a pesquisa e a atuação do psicólogo se configura como uma “pequena tecnologia de relação possibilitadora de novos encontros e outras formas de perceber o mundo e a si mesmo” (Diehl, Maraschin & Tittoni, 2006, p .414).

É preciso destacar, ainda, que a potência do encontro se faz entre caminhos tortuosos, de modo que, neste processo e diante da minha inexperiência com a pesquisa e entrevistas, muitas vezes eu atravessei as falas dos entrevistados, não explorei vários de seus enunciados por achar que tinha entendido o sentido, conversei como se fôssemos amigos, ainda que estivesse claro que se tratava de uma pesquisa. Entretanto, isso possibilitou encontros singulares, marcados por este contexto e, ao mesmo tempo em que eu ia me apropriando do lugar de pesquisadora, os participantes iam transformando os modos de envolvimento com o crime, o que repercutiu na pesquisa e nestas considerações.

Por fim, entendendo que esta conversa não se encerra aqui e tendo em vista que cada enunciado é singular e guarda uma unidade com a realidade concreta em que foi produzido (Pucci, 2011), um desdobramento possível deste trabalho incorre no aprofundamento das relações de alteridade nos quais os enunciados se constituem, bem como em diálogo com outras contribuições bakhtinianas, permitindo a produção de novos sentidos acerca da constituição de sujeito no que diz respeito ao fascínio e envolvimento com o crime.

Referências

- Abramovay, M.; Feffermann, M. & Régnier, J. C. (2012). Coesão Social e Vulnerabilidade no Brasil: juventudes e violências. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Tubarão, n. especial, 165-183. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1172>.
<http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v5e02012165-183>
- Adorno, S. (2002). Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, n. 8, 84-135. Recuperado em 16, junho, 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222002000200005&lang=pt.
<https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200005>
- Amorim, M. (2002). Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, pp. 7-19. Recuperado em 23, junho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14396.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200001>
- Bastos, S. S. & Rabinovich, E. P. (2012). Jovens de classes médias infratores e a questão da autoridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 12(2), 539-553. Recuperado em 23, abril, 2017 de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8281>.
<https://doi.org/10.12957/epp.2012.8281>
- Brandão Neto, W.; Brady, C. L.; Freitas, R. B. N.; Monteiro, E. M. L. M. & Aquino, J. M. (2010). Jovens de Unidades Socioeducativas em Regime de Semiliberdade da FUNASE, Recife-PE: vivências e expectativas. *Revista Mineira de Enfermagem*, 14(4), 529-538. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/147>. DOI: <http://www.dx.doi.org/S1415-27622010000400011>
- Canetti, A. L. (2010). *Jovens encarcerados e os sentidos de suas experiências criadoras* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em 12, junho, 2016 de <http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0402-D.pdf>.
- Canetti, A. L. & Maheirie, K. (2010). Juventudes e Violências: implicações éticas e políticas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(3), 573-590. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n3/v22n3a10.pdf>.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922010000900009>
- Cardoso, U. C. (2014). *OSCIP: organização da sociedade civil de interesse público* (Série Empreendimentos Coletivos). Brasília: Sebrae. Recuperado em 23, junho, 2017 de [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d859d470786e9468569ec9ba3c8b7496/\\$File/5194.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d859d470786e9468569ec9ba3c8b7496/$File/5194.pdf).
- Carvalho, D. W.; Freire, M. T. & Vilar, G. (2012). Mídia e Violência: um olhar sobre o Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, [s.l.], 31(5), 435-438. Recuperado em 16, junho, 2017 de <http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v31n5/a12v31n5.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/S1020-49892012000500012>

- Carvalho, M. J. L. (2013). Do Outro Lado da Cidade: crianças, urbanização e violência na área metropolitana de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.72, 79-101. Recuperado em 20, abril, 2017 de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5400>. <https://doi.org/10.7458/SPP2013722619>
- Carvalho, P. (2010). Gangues de Rua em Luanda: de passatempo a delinquência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 63, 71-90. Recuperado em 20, abril, 2017 de <https://ras.revues.org/565>.
- Castro, A. C.; Portugal, F. T. & Jacó-Vilela, A. M. (2011). Proposição Bakhtiniana para Análise da Produção em Psicologia. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 16(1), 91-99. Recuperado em 06, agosto, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a11v16n1.pdf>. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100011>
- Corrêa, R. L. (2000). Espaço: um conceito-chave da Geografia. Em: I. E. Castro, P. C. C. Gomes & R. L. Corrêa (Org.), *Geografia: conceitos e tema*, pp. 15-48. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Costa, L. R. & Santos, A. P (2014). Os Jovens e seus Territórios: um estudo de caso acerca da sociabilidade de uma adolescente em cumprimento de Medida Socioeducativa. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n.10, 127-141. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/254/239>. <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n10p%25p>
- Costa, N. B. (2015). Dialogismo e Análise do Discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, 15(2), 321-335. Recuperado em 15, janeiro, 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/ld/v15n2/1518-7632-ld-15-02-00321.pdf>. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150207-1215>
- DaMatta, R. (1985). *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos* (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Matemática, Departamento de Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado em 06, agosto, 2017 de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>.
- Diehl, R.; Maraschin, C. & Tittoni, J. (2006). Ferramentas para uma Psicologia Social. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(2), 407-415. Recuperado em 13, junho, 2016 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a19>. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200020>
- Feffermann, M. (2006). Vidas Arriscadas: um estudo sobre jovens inscritos no tráfico de drogas. *Boletim do Instituto de Saúde (BIS)*, São Paulo, ano XI, n.40, 32-34. Recuperado em 23, abril, 2017 de <http://www.saude.sp.gov.br/instituto-de-saude/bis/bis-40>.
- Feffermann, M. (2007). A Vulnerabilidade dos Jovens Trabalhadores do Tráfico de Drogas. *Boletim do Instituto de Saúde (BIS)*, n. 47, 41-42. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://www.saude.sp.gov.br/instituto-de-saude/bis/bis-41>.
- Feffermann, M. (2013). Reflexões sobre os jovens inseridos no tráfico de drogas: uma malha que os enreda. *Saúde e Transformação Social*, Florianópolis, 4(2), 55-65. Recuperado em

23, abril, 2017 de <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/2255>.

- Feltran, G. S. (2013). Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do “crime” numa tradição musical das periferias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.56, 43-72. Recuperado em 28, junho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n56/03.pdf>. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p43-72>
- Ferreira, M. B. A. (2011). *Criminalidade Urbana Violenta: uma análise sócio-espacial dos crimes violentos letais e intencionais na região metropolitana do Recife* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Recuperado em 08, junho, 2017 de <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3317>.
- Fiorin, J. L. (2006). *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- Flick, U. (2004). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa* (S. Netz, Trad., 2ª Ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Freitas, M. T.; Souza, S. J. & Kramer, S. (2007). *Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. 2ª Ed, Coleção Questões da Nossa Época, v. 107. São Paulo: Cortez.
- Gaskell, G. (2002) Entrevistas Individuais e Grupais. Em: Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (Pedrinho Guareschi, Trad.), pp. 64-89. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Geraldi, J. W. (2007). A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos Bakhtinianos de construção ética e estética. Em: M. T. Freitas, S. J. Souza & S. Kramer (Org.), *Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. 2ª Ed, 39-56, Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez Editora.
- Gomes, C. C. & Conceição, M. I. G. (2014). Sentidos da Trajetória de Vida para Adolescentes em Medida de Liberdade Assistida. *Psicologia em Estudo*. Maringá, 19(1), 47-58. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n1/06.pdf>. <https://doi.org/10.1590/1413-7372189590005>
- Gondim, G. M. M.; Monken, M.; Rojas, L. I.; Barcellos, C.; Peiter P.; Navarro, M. & Gracie, R. (n.d.). *O território da Saúde: A organização do sistema de saúde e a territorialização*. Recuperado em 13, junho, 2016 de http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/TEXTOS_CURSO_VIGILANCIA/20.pdf.
- Guerra, A. M. C.; Moreira, J. O.; Lima, N. L.; Pompeo, B. D. S.; Soares, C. A. N.; Carvalho, L. M. S. & Pechir, N. A. N. (2010). Construindo Ideias sobre a Juventude Envolvida com a Criminalidade Violenta. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 10, n.2, 434-456. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8967/7437>. <https://doi.org/10.12957/epp.2010.8967>
- Guerra, A. M. C. & França Neto, O. (2012). Laço Social e Adolescência: o pai e a infração. *PSICO*, Porto Alegre, 43(4), 490-499. Recuperado em 03, maio, 2017 de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10335/8508>.

- Guerra, A. M. C.; Soares, C. A. N.; Pinheiro, M. C. M. & Lima, N. L. (2012). Violência Urbana, Criminalidade e Tráfico de Drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 18(2), 247-263. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v18n2/v18n2a06.pdf>.
<http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n2p247>
- Lucena, C. D. (2016). O Fenômeno da Ideologia e a Criminalidade Infantojuvenil. *Rev. Katal.*, Florianópolis, 19(1), 73-80. Recuperado em 20, abril, 2017 de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/download/40241/31966>.
<https://doi.org/10.1590/1414-49802016.00100008>
- Luiz, M. C. G.; Souza, L. O.; Vitiello, M. G. F.; Anhucci, L. P. K.; Suguihiro, V. L. T. & Barros, M. N. F. (2015). A Representação da Prática do Tráfico de Drogas para os Adolescentes. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n.12, 268-279. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/3222/2941>.
<http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n12p%25p>
- Magalhães, A. S. & Silva, A. P. P. F. (2016). Heterogeneidade na Pesquisa em Linguística Aplicada: dialogismo como princípio de construção do conhecimento. *D.E.L.T.A.*, [s.l.], 32(4), 981-1010. Recuperado em 07, agosto de 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/delta/v32n4/1678-460X-delta-32-04-00981.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/0102-445082794980825023>
- Martins, M. C. & Pillon, S. C. (2008). A Relação entre Iniciação do Uso de Drogas e o Primeiro Ato Infracional entre os Adolescentes em Conflito com a Lei. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(5), 1112-1120. Recuperado em 07, julho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n5/18.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000500018>
- Mattos, C. S. (2016). Uma Etnografia da Expansão do Mundo do Crime no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(91), 1-15. Recuperado em 30, junho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v31n91/0102-6909-rbcsoc-3191102016.pdf>.
<https://doi.org/10.17666/319110/2016>
- Meirelles, Z. V. & Gomez, C. M. (2009). Rompendo com a Criminalidade: saída de jovens do tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5), 1797-1805. Recuperado em 20, abril, 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232009000500021&script=sci_abstract&tlng=pt.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000500021>
- Moreira, J. O.; Guerra, A. M. C. & Costa, D. B. (2012). Pós-modernidade e Mercado Informal de Drogas Ilegais: o jovem na criminalidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, 12(1-2), 389-418. Recuperado em 22, abril, 2017 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482012000100014.
- Moreira, J. O.; Rosário, A. B. & Costa, D. B. (2008). Criminalidade Juvenil no Brasil Pós-moderno: algumas reflexões psicossociológicas sobre o fenômeno da violência. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, 8(4), 1021-1046. Recuperado em 22, abril, 2017 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400008.

- Moreira, M. R.; Sucena, L. F. M. & Fernandes, F. M. B. (2008). Juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. En Brasil, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, *Um olhar sobre o jovem no Brasil*, Série B, Textos Básicos de Saúde, 151-170. Brasília: Editora do Ministério da Saúde. Recuperado em 16, maio, 2017 de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar_sobre_jovem_brasil.pdf.
- Neiva, A. L. (2015). A Desistência da Conduta Infracional por Adolescentes no Brasil: uma discussão teórica. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n.13, 338-357. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/3484/3071>. <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n13p%25p>
- Oliveira, C. S.; Wolff, M. P.; Henn, R. & Conte, M. (2006). Criminalidade Juvenil e Estratégias de (Des)confinamento na Cidade. *Katálysis*, Florianópolis, 9(1), 53-62. Recuperado em 17, maio, 2017 de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S141449802006000100006/5469>. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802006000100006>
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, Narrativa e Desenvolvimento na Adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(2), 427-436. Recuperado em 06, agosto, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21>. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>
- Patti, A. R. & Romão, L. M. S. (2011). Que voz de criança fala no narcotráfico? *Psicol. Argum.* 29(66), 269-283. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA/pdf/?dd1=5286>.
- Pekelman, R. & Santos, A. A. (n.d.). *Território e lugar - espaços da complexidade*. Recuperado em 12, junho, 2016 de http://escoladegestores.virtual.ufc.br/PDF/Territ%C3%B3rio_e_lugar_esp%C3%A7os_da_complexidade.pdf.
- Perec, G. (2001). *Especies de espacios* (J. Camarero, Trad., 2a Ed.). España: Montesinos.
- Pereira, E. R. & Maheirie, K. (2016). Aprendiz circense e contemplador: olhares que dialogam entre a incompletude e o acabamento. *Fractal, Rev. Psicol.*, [s.l.], 28(1), 134-138. Recuperado em 13, junho, 2016 de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0134.pdf>. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1179>
- Porto, M. S. G. (2002). Violência e Meios de Comunicação de Massa na Sociedade Contemporânea. *Sociologias*, [s.l.], n. 8, 152-171. Recuperado em 16, junho, 2017 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222002000200007&lang=pt. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200007>
- Priuli, R. M. A. & Moraes, M. S. (2007). Adolescentes em Conflito com a Lei. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1185-1192. Recuperado em 20, abril, 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500015. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000500015>
- Pucci, R. (2011). Questões de Alteridade e Identidade. *Impulso*, Piracicaba, 21(51), 43-49. Recuperado em 30, junho, 2017 de <https://www.metodista.br/revistas/revistas->

unimep/index.php/impulso/article/viewFile/517/548.<https://doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v21n51p43-49>

- Reis, A. F. (2013). Violência e Desenvolvimento Local: um estudo sobre a criminalidade entre jovens de 15 a 24 anos em comunidades periurbanas de Campo Grande, MS. *Interações*, Campo Grande, 14(2), 155-164. Recuperado em 18, maio, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/inter/v14n2/a02v14n2.pdf>.<https://doi.org/10.1590/S1518-70122013000200002>
- Ribeiro, L. (2006). (2016, março, 21). *Menimémetros I LUZ RIBEIRO* [Arquivo de vídeo]. Recuperado em 07, agosto, 2017 de <https://www.youtube.com/watch?v=09KDfTVPAeE>.
- Ribeiro, W. C. (Org.) (2002). *O País Distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania/ Milton Santos* (Ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves). São Paulo: Publifolha.
- Rosa, M. D. & Vicentin, M. C. (2010). Os Intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. *Psicologia Política*, 10(19), 107-124. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a10.pdf>.
- Santos, L. I. C.; Oliveira, A. M.; Paiva, I. L. & Yamamoto, O. H. (2012). Juventude e violência: trajetórias de vida e políticas públicas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 12(2), 521-538. Recuperado em 23, abril, 2017 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180842812012000200012
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Santos, M. A. F. (2012). *Criminalidade Violenta e Contradições Socioespaciais na Cidade de Uberlândia- MG* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Recuperado em 12 de junho de 2017 de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15948>.
- Sawaia, B. B. (1990). Morar em Favela: a arte de viver como gente em condições negadoras de humanidade. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 2(4), 46-50.
- Schmitt, R.; Pinto, T. P.; Gomes, K. M.; Quevedo, J. & Stein, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Rev. Psiq. Clín.*, 33(6), 297-303. Recuperado em 03, maio, 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000600002.
<https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000600002>
- Sentença judicial (Processo nº 0011534-56.2013.4.01.3803 – 1ª VARA FEDERAL)*, de 22 de setembro de 2016. Permite policiamento ostensivo e constante nos campi da UFU. Recuperado em 30 de junho de 2017 de http://www.prefe.ufu.br/sites/prefe.ufu.br/files/media/arquivo/sentenca_policia_militar.pdf.
- Sento-Sé, J. T. & Coelho, M. C. (2014). Sobre Errâncias, Imprecisões e Ambivalências: notas sobre as trajetórias de jovens cariocas e sua relação com o mundo do crime. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, 327-357. Recuperado em 19, maio, 2017 de

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200013.
<https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200013>

Silva, A. P. S. (2017). Pesquisa e Atuação da Psicologia na Cidade e no Campo: apontamentos e deslocamentos produzidos desde a categoria espaço. Em: E. F. Rasesa, M. S. Pereira & D. Galindo (Org.), *Democracia Participativa, Estado e Laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção*, pp.309-322. Porto Alegre: Abrapso Editora.

Silva, E.; Neves, G. R. & Martins, L. B. (Org.) (2011). *O espaço da cidadania e outras reflexões/ Milton Santos* (Coleção O Pensamento Político Brasileiro, v.3). Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães. Recuperado em 12, junho, 2016 em <http://www.fundacaoulysses.org.br/uploads/acervos/15/pdf/1440003461-1398280172-vol-03-milton-santos.pdf>.

Silva Filho, D. S. (2008). Tráfico de drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro: diferenciação de *status* e fatores intervenientes: o caso da favela de Acari. In Brasil, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, *Um olhar sobre o jovem no Brasil*, Série B, Textos Básicos de Saúde, 171-188. Brasília: Editora do Ministério da Saúde. Recuperado em 16, maio, 2017 de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar_sobre_jovem_brasil.pdf.

Sobral, A. & Giacomelli, K. (2016). Observações Didáticas sobre Análise Dialógica do Discurso – ADD. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, 10(3), 1076-1094. Recuperado em 07, agosto, 2017 de <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>.
<https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15>

Souza, L. O.; Luiz, M. C. G.; Vitiello, M. G. F.; Anhucci, L. P. K.; Suguihiro, V. L. T. & Barros, M. N. F. (2014). O envolvimento de adolescentes na prática de atos infracionais no Município de Londrina - PR. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n.11, 152-161. Recuperado em 16, maio, 2017 de <http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/adolescencia/article/view/2969/2795>.
<http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n11p%25p>

Souza, M. J. L. (2000). O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Em: I. E. Castro, P. C. C. Gomes & R. L. Corrêa (Org.), *Geografia: conceitos e temas*, pp. 77-116. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Souza, S. J. & Albuquerque, E. D. P. (2012). A Pesquisa em Ciências Humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7(2), 109-122. Recuperado em 07, agosto, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>.
<https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000200008>

Telles, T. S.; Carlos, V. Y.; Câmara, C. B.; Barros, M. N. F & Suguihiro, V. L. T. (2006). Criminalidade Juvenil: a vulnerabilidade dos adolescentes. *Revista de Psicologia da UNESP*, 5(1), 28-40. Recuperado em 22, abril, 2017 de <http://revpsico.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/download/138/170>.

Velho, G. (1996). Violência, Reciprocidade e Desigualdade: uma perspectiva antropológica. Em: Velho, G. & Alvito, M. (Org.). *Cidadania e violência*, pp. 10-24. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, Editora Fgv.

- Voloshinov, V. N. & Bakhtin, M. M. (n.d.). *Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica*. Tradução para uso didático feita por Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.
- Welter, P. & Scortegagna, S. A. (2016). Adolescentes que cometeram homicídio: Quais os fatores de risco? *Adolesc. e Saúde*, Rio de Janeiro, 13(2), 7-15. Recuperado em 16, maio, 2017 de http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=552.
- Zaluar, A. (1996). A Globalização do Crime e os Limites da Explicação Local. Em: Velho, G. & Alvito, M. (Org.). *Cidadania e violência* (Cap. 3, pp. 48-68). Rio de Janeiro: Editora Ufrj, Editora Fgv.
- Zaluar, A. (1999). Um Debate Disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*, 13(3), 3-17. Recuperado em 13, junho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf>.<https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000300002>
- Zaluar, A. (2012). Juventude Violenta: Processos, Retrocessos e Novos Percursos. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 55(2), 327-365. Recuperado em 13, junho, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/dados/v55n2/a03v55n2.pdf>.<https://doi.org/10.1590/S0011-52582012000200003>
- Zago, N. (2003). A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. Em: Zago, N.; Carvalho, M. P. & Vilela, R. A. T. (Org.). *Itinerários de Pesquisa: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação* (pp. 287-309). Rio de Janeiro: Dp&a.
- Zilli, L. F. (2015). O “Mundo do Crime” e a Lei da Favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. *Etnográfica*, 19(3), 463-487. Recuperado em 20, abril, 2017 de <https://etnografica.revues.org/4074>.<https://doi.org/10.4000/etnografica.4074>

APÊNDICE A – Revisão de Literatura: Categorias de Análise

Referência	Objetivos	Tipo de estudo	Disciplina	Referencial Teórico	Metodologia
Feffermann, M. (2006)	Refletir sobre a inserção de jovens no tráfico de drogas da periferia de São Paulo.	Empírico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Utiliza conceitos de Marx e Adorno.	Não descreve processos metodológicos.
Oliveira, C. S.; Wolff, M. P.; Henn, R.; Conte, M. (2006)	Cartografar a relação adolescente-cidade e, em especial, a inserção da juventude pobre. Discutir as implicações desses cenários para o acompanhamento de jovens infratores em meio aberto a partir de conceitos como vulnerabilidade e inclusão social.	Empírico.	Resultante de pesquisa transdisciplinar “Criminalidade e (trans)mutações na cidade”, mas não foca nenhuma disciplina.	Utiliza conceitos de Bauman.	Análise do município de São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, através de levantamentos de dados junto ao sistema socioeducativo e grupos de discussão com adolescentes em cumprimento de medidas.
Schmitt, R.; Pinto, T. P.; Gomes,	Comparar a psicopatia, a reincidência criminal e a	Empírico.	Não foca em ne-	Não explicita um referen-	Estudo transversal, controlado, utilizando a escala Hare’s Psychopathy Checklist Revised (PCL-R) (es-

<p>K. M.; Quevedo, história de maus-tratos J.; Stein, A. entre adolescentes infratores versus a vida e outros adolescentes infratores. (2006)</p>		<p>nhuma disciplina.</p>	<p>cial teórico</p>	<p>cala para adultos) para avaliação de psicopatia em uma amostra de 48 adolescentes cumprindo medida socioeducativa no Centro de Educação Regional de Chapecó/SC em decorrência da prática de ato infracional. Os indivíduos selecionados foram submetidos a uma entrevista psicológica com duração de uma hora, sendo preenchida após a escala de avaliação de psicopatia PCL-R.</p>
<p>Telles, T. S.; Analisar o contexto familiar Carlos, V. Y.; e as condições sociais e Câmara, C. B.; estruturais, de forma a explicitar a realidade dos jovens do Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator, instituição responsável pelo internamento provisório do adolescente em conflito com a lei, pelo prazo máximo de 45 dias. T. (2006)</p>	<p>Empírico.</p>	<p>Psicologia e Serviço Social.</p>	<p>Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com ECA.</p>	<p>O trabalho foi feito a partir da pesquisa intitulada “Mapeamento da Criminalidade Juvenil no município de Londrina”, em que foram analisados dados disponíveis no Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator no período de 1999 a 2004. A sistematização das informações buscou a organização dos dados considerando algumas variáveis, tais como: condições socioeconômicas; grau de escolaridade; idade; estrutura familiar; número e natureza dos delitos praticados; número de passagens pelo internamento provisório, entre outros.</p>

Feffermann, M. (2007)	Refletir sobre a inserção de jovens no tráfico de drogas.	Empírico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Utiliza conceito de Adorno.	Não descreve processos metodológicos.
Priuli, R. M. A.; Moraes, M. S. (2007)	Levantar perfil sociodemográfico, infracional e relacional de adolescentes em conflito com a lei do município de São José do Rio Preto no ano de 2003.	Empírico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com ECA.	A população estudada consistiu de adolescentes do sexo masculino, residentes na cidade de São José do Rio Preto, entre 14 e 18 anos de idade completos, os quais cumpriam a medida socioeducativa de internação na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM/SP) no ano de 2003, totalizando 48 adolescentes. A coleta dos dados do estudo foi realizada mediante consulta aos prontuários dos adolescentes disponibilizados pela instituição. Foi construída uma base de dados em DBase III e utilizando-se do programa EPI - INFO foram produzidas as tabulações das informações para a caracterização da população em razão das variáveis arroladas.
Silva Filho, D. S. (2008)	Abordar condições econômicas e referenciais em que se dá a socialização dos jovens pobres de uma favela carioca.	Empírico.	Ciências Sociais.	Não explicita um referencial teórico para discussão, mas	Não descreve processos metodológicos.

Martins, M. C.; Pillon, S. C. (2008) Analisar a possível relação entre a primeira experiência do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei.	Empírico. Psicologia.	dialoga com outras pesquisas.
		Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com outras pesquisas. Em 2006, foi realizado um estudo transversal nas unidades da FEBEM de Ribeirão Preto e Sertãozinho, Estado de São Paulo, Brasil, perfazendo um total de 312 vagas. A amostra foi composta por 150 (48%) adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 21 anos, que estavam cumprindo medida sócio-educativa de internação pela primeira vez. A coleta de dados foi obtida usando-se um questionário estruturado com perguntas fechadas, dividido em três categorias: (i) contendo questões com relação às informações sócio-demográficas; (ii) contendo informações com relação à primeira experiência com as drogas e o uso de drogas entre os amigos e familiares; e (iii) contém informações da primeira experiência com relação à prática infracional. O questionário foi aplicado individualmente pela autora principal e dois profissionais que foram treinados para a coleta de dados que foi realizada em uma sala de aula com a presença do agente de segurança na porta. As infor-

<p>Moreira, J. O.; Rosário, A. B.; Costa, D. B. (2008)</p> <p>Objetiva o estudo interdisciplinar da criminalidade e da violência na contemporaneidade.</p>	<p>Teórico.</p>	<p>Sociologia, Psicanálise Direito.</p>	<p>Psicanálise.</p>	<p>mações coletadas foram registradas em um banco de dados no programa de estatística SPSS o que possibilitou a análise descritiva das informações sócio-demográficas, o primeiro uso de drogas e o primeiro ato infracional dessa população. Foi utilizada para a análise univariada a metodologia não-paramétrica.</p> <p>Dialoga com vários autores que tratam de aspectos da modernidade e da pós-modernidade, da juventude e da violência.</p>
<p>Moreira, M. R.; Sucena, L. F. M.; Fernandes, F. M. B. (2008)</p> <p>Contribuir para melhor compreensão das relações entre a juventude e o tráfico de drogas, dando voz aos jovens que participaram de um projeto-piloto após serem retirados do sistema socioeducativo onde cumpriam medidas.</p>	<p>Empírico.</p>	<p>Não foca em nenhuma disciplina.</p>	<p>Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com ECA.</p>	<p>88 jovens que participaram do projeto-piloto “Sistema Aplicado de Proteção” implantado em 1998 no Rio de Janeiro com intuito de criar novas formas de atendimento a jovens infratores que cumpriam medidas socioeducativas por envolvimento com o tráfico de drogas. Esses jovens tiveram a reclusão substituída pela participação no projeto-piloto e voltaram para ela quando o projeto acabou.</p>
<p>Meirelles, Z. V.;</p> <p>Analisar as circunstâncias e</p>	<p>Empírico.</p>	<p>Não foca em ne-</p>	<p>Não explicita</p>	<p>O método utilizado para a coleta de dados foi a histó-</p>

Gomez, C. M. (2009)	condições específicas que impulsionam os jovens a abandonarem o tráfico, entendido como atividade, ilícita de trabalho.	nhuma disciplina.	um referencial teórico para discussão, mas dialoga com outras pesquisas.	ria de vida tópica que permitiu conhecer o percurso de entrada e saída de trinta jovens do tráfico, moradores de sete favelas das regiões norte e centro da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro que estão sob o julgo da mesma facção do crime organizado, o Terceiro Comando. Participaram da pesquisa trinta jovens com idade entre 16 e 24 anos que ingressaram no mercado do tráfico de drogas a partir do ano de 1995. Para a seleção do grupo: (1) optou-se por entrevistar apenas os rapazes, tendo em vista que eles são em número muito mais elevado que as meninas nesse tipo de atividade; (2) trabalhou-se com o critério de ao menos um ano de envolvimento com o tráfico para que se dispusesse de uma experiência mais densa por parte dos entrevistados. As entrevistas aconteceram nas dependências de uma ONG em Vila Isabel.
Canetti, A. L.; Maheirie, K. (2010)	Revisão bibliográfica e análise crítica sobre a relação historicamente construída entre juventudes e violências.	Teórico. Psicologia.	Materialista histórico e dialético.	A autora dialoga com alguns autores que tratam tanto de violência quanto de juventude, bem como da associação entre ambas, mas não explicita o modo de escolha desses autores.

Carvalho, P. (2010)	Examinar as causas da delinquência juvenil na capital angolana, apresentando características e formas de atuação das gangues de rua.	Empírico.	Ciências Sociais.	Não explicita um referencial teórico para discussão.	Entrevistas aprofundadas (método qualitativo de investigação sociológica) com 5 jovens de 20 a 24 anos pertencentes a grupos de gangues que atuam nos bairros Ingombota, Maculusso, Maianga, Petrangol, São Paulo e Sambizanga em Luanda. As entrevistas ocorreram no período entre 5 2 12 de agosto de 2005 no pátio da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. Os entrevistados foram recrutados por um assistente do autor e não se especifica os procedimentos.
Guerra, A. M. C.; Moreira, J. O.; Lima, N. L.; Pompeo, B. D. S.; Soares, C. A. N.; Carvalho, L. M. S.; Pechir, N. A. N. (2010)	Levantar algumas hipóteses que possam contribuir com a ampliação da leitura do tema da juventude envolvida com violência.	Teórico.	Psicologia.	Psicanálise.	A partir do questionamento sobre a relação que os jovens estabelecem com a criminalidade violenta a partir do modo como eles se inscrevem no laço social, foi realizada extensa revisão bibliográfica buscando a relação entre a juventude de aglomerados urbanos e a criminalidade violenta, entendendo jovens as pessoas entre 14 e 24 anos.
Brandão Neto, W.; Brady, C. L.; Freitas, R. B. N.; Monteiro, E. M.	Investigar a vivência de jovens que cumprem medida socioeducativa de semiliberdade, considerando os	Empírico.	Enfermagem.	Não explicita um referencial teórico para discussão.	Pesquisa descritivo-exploratória com abordagem qualitativa em que aplicou-se roteiro de entrevista com 30 adolescentes, do sexo masculino, que cumpriam medida socioeducativa de semiliberdade nas

L. M.; Aquino, J. M. (2010)	fatores socioeconômicos, culturais e afetivos que concorrem para sua inserção na criminalidade, assim como identificar suas expectativas em relação ao futuro.	são, mas dialoga com outras pesquisas.	unidades Casas de Semiliberdade I e II da FUNASE, durante os meses de julho a setembro de 2009. Os depoimentos foram gravados, transcritos e analisados mediante o Discurso do Sujeito Coletivo, sendo decompostos em oito ideias centrais: vivência dos adolescentes na escola; relacionamento intrafamiliar dos adolescentes; situação socioeconômica dos familiares dos adolescentes; vivência dos adolescentes como moradores de rua; vivência dos adolescentes com o uso de drogas; familiares dos adolescentes que cometeram atos infracionais; vivência delituosa dos adolescentes; e desejo de mudanças e expectativas dos adolescentes em relação ao futuro.
Rosa, M. D.; Vicentin, M. C. (2010)	Discutir os modos hegemônicos de gestão social dos riscos que a juventude pobre coloca à ordem social; analisar a tensão entre posições teóricas e políticas e entre os discursos da saúde e do campo jurídico; propor (1) uma abordagem da vio-	Teórico. Psicologia.	Psicanálise e Análise institucional. O trabalho se estabelece em duas direções: (1) discute-se o exílio principalmente da juventude pobre no Brasil, promovido pelas noções médico-jurídicas contidas nos diagnósticos de distúrbio antissocial, que os caracterizam como perigosos e intratáveis ou irrecuperáveis; e (2) problematiza a temática da adolescência, o ato e a violência.

lência advinda do discurso da defesa social, em favor de uma prática ético-política e (2) outra perspectiva de análise da adolescência, do ato e da violência.

Patti, A. R.; Romão, L. M. S. (2011)	Investigar as condições de produção do narcotráfico no país, analisando como são/foram produzidos e sustentados sentidos de vida e morte pelos sujeitos-criança inseridos nas tramas do tráfico de drogas.	Teórico.	Psicologia.	Teoria discursiva de Michel Pêcheux e análise de releitura lacaniana.	Selecionou-se para este trabalho um corpus composto de recortes do documentário Falcão – Meninos do Tráfico (Athayde & Bill, 2006a), do livro fruto do documentário – com o mesmo título (Athayde & Bill, 2006b) –, e de recortes das pesquisas de Dowdney (2003) e Feffermann (2006). Cada material proporcionou o acesso a alguns discursos dos envolvidos no contexto do narcotráfico e as gerações fruto desse meio de vida.
Abramovay, M.; Feffermann, M.; Régnier, J. C. (2012)	Refletir acerca das relações entre juventudes e violências, ressaltando os contextos de vulnerabilidade social que fomentam o cenário da violência e a coesão	Teórico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Não explicita um referencial teórico para discussão.	Dialoga com vários textos que versam sobre o tema da violência e juventude.

social como possibilidade de transformação.

Bastos, S. S.; Rabinovich, E. P. (2012)	Compreender a visão das trajetórias de vida por adolescentes de classes médias em conflito com a lei a partir deles próprios e das relações por eles construídas em determinados contextos sociofamiliares e historicoculturais, enfocando a questão da autoridade parental.	Empírico.	Psicologia.	Psicanálise.	Entrevistas livres e individuais com seis jovens entre 16 e 19 anos, de ambos os sexos, três dos quais sentenciados e três que ao passaram pelo sistema judiciário. A pesquisa foi iniciada na Central de Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto de Salvador –BA. Realizou-se, também, análise documental de prontuários e relatórios de equipes técnicas, e conversas com as técnicas de apoio da cada jovem.
Guerra, A. M. C.; França Neto, O. (2012)	Discutir a subjetividade dos jovens envolvidos com a criminalidade violenta a partir da análise da incidência da figura paterna em suas múltiplas funções e registros, sem desconsiderar o macrocosmos sócio-econômico e político no	Empírico.	Psicologia.	Psicanálise.	Foram realizadas , três sessões de conversação psicanalítica em três regiões do Aglomerado Santa Lúcia em Belo Horizonte, Minas Gerais, caracterizado pelo alto índice de criminalidade violenta durante o período de Setembro de 2010 a Maio de 2011. Inicialmente, foi feita aproximação através do Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo! da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais, parceiro dessa investigação; e, em seguida, as conversações.

qual o jovem se insere.

Foram necessárias cerca de dez a doze idas a campo em cada região para que as conversações fossem realizadas. Elas foram transcritas e analisadas com base na análise de discurso de Pêcheux associada à lógica da psicanálise estruturalista lacaniana. Ao todo, participaram trinta e dois jovens, a maioria envolvida diretamente no tráfico de drogas ilícitas.

<p>Guerra, A. M. C.; Soares, C. A. N.; Pinheiro, M. C. M.; Lima, N. L. (2012).</p>	<p>Discutir a hipótese de que, na ausência do compasso de espera que a adolescência representa, o adolescente atravessado pela criminalidade parece encurtar o tempo de passagem da infância à vida adulta, num curto-circuito que quase suprime a passagem pela elaboração característica da adolescência. Como resposta sintomática, aliena-se ao saber do Outro do tráfico e se identifica com as figuras</p>	Teórico.	Psicologia.	Psicanálise.	<p>Situa conceitualmente a diferença entre puberdade e adolescência, e entre violência, agressividade e ato agressivo para a psicanálise, tendo como pano de fundo as mudanças quanto à composição do laço social na contemporaneidade.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------	-------------	--------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

do crime como resposta às dificuldades que a puberdade lhe apresenta, como experiência de reencontro com o furo estrutural do sexual traumático.

<p>Moreira, J. O.; Guerra, A. M. C.; Costa, D. B. (2012).</p>	<p>Investigar as estratégias subjetivas, coletivas, comunitárias e sociais de estabelecimento do laço social de jovens envolvidos direta ou indiretamente com a criminalidade violenta, moradores de territórios de alta concentração de violência urbana.</p>	Empírico.	Psicologia.	Psicanálise.	<p>Metodologicamente, o estudo estruturou-se em dois tempos. No primeiro, realizou-se um mês de observação participante, em novembro de 2008, nas oficinas do Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo!, da Secretaria de Defesa Social de Minas Gerais, a fim de se estabelecer um laço com os jovens, sujeitos da pesquisa, e, ao mesmo tempo, colher informações gerais acerca de sua participação no laço social. Em seguida, realizaram-se oito entrevistas com 13 jovens moradores do aglomerado onde a investigação aconteceu. Os jovens tinham entre 13 e 27 anos e, salvo o jovem da entrevista 7, todos estavam envolvidos diretamente com a criminalidade, mais especificamente com o tráfico de drogas.</p>
<p>Santos, L. I. C.; Oliveira, A. M.;</p>	<p>Abordar a trajetória de vida de jovens que foram víti-</p>	Empírico.	Psicologia.	<p>Não explícita um referen-</p>	<p>Entrevistas com familiares de sete jovens assassinados em Natal-RN, atendidos pela Coordenadoria de</p>

Paiva, I. L.; Yamamoto, O. H. (2012)	<p>mas de homicídio, pela perspectiva de seus familiares, investigando o contexto no qual esses jovens estão inseridos, como esse contexto é significado pelas famílias dos jovens mortos por homicídio, se as políticas públicas eventualmente presentes são conhecidas por essas famílias e por esses jovens, e como essas políticas chegam a essa população.</p>		<p>cial teórico para discussão, mas dialoga com outras pesquisas.</p>	<p>Direitos Humanos e Defesa das Minorias. Discutiram-se questões como: violência e possíveis vetores, políticas públicas, entre outras.</p>
Carvalho, M. J. L. (2013)	<p>Analisar modos de vida de crianças em seus bairros de realojamento na área metropolitana de Lisboa, em particular do seu envolvimento em violência e delinquência.</p>	<p>Empírico. Ciências Sociais.</p>	<p>Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com outras pesquisas.</p>	<p>Estudo de caso de base etnográfica realizado entre 2005 e 2009, centrado na problematização dos modos de vida de crianças, entre os 06 e 12 anos de idade, em seis bairros sociais de realojamento, no Concelho de Oeiras, na área metropolitana de Lisboa. Utilizou-se de observação participante, conversas informais, entrevistas semi-estruturadas com crianças e familiares, técnicas visuais e análise documental.</p>

Feffermann, M. (2013)	Possibilitar uma reflexão sobre os jovens traficantes de drogas em São Paulo.	Empírico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Perspectiva sócio-histórica.	Não descreve processos metodológicos.
Reis, A. F. (2013)	Discutir juventude, violência e capital social a partir do número de homicídios cometidos em Campo Grande, estabelecendo relações com fenômenos sociais da pobreza e do capital social.	Empírico.	Não foca e nenhuma disciplina.	Utiliza conceito de Capital Social com aporte em Coleman e Putnam.	A pesquisa de caráter quantitativo enfocou os dados referentes às ocorrências policiais registradas nos bairros escolhidos da cidade de Campo Grande, entre 2001 e 2005. Como fonte de dados foram tomados os registros da Secretaria de Estado e Justiça e Segurança Pública de Mato Grosso do Sul, Secretaria de Estado de Planejamento, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, Secretaria Nacional de Segurança Pública e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Além disso, foram feitos levantamento, leituras de relatórios e análises de pesquisas avançadas sobre a temática da violência produzidas pelas seguintes instituições: Escola de Conselhos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo; e, Guto (Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana e Trabalho Organizado) da Unesp de Marília. Outro procedimento utilizado a fim de medir o capital social foi a construção de um questionário com base em

					uma pesquisa realizada pela Universidade de Tecnologia de Sidney, Austrália, que testou e aprovou um questionário para medida de capital social. Fez-se um <i>survey</i> e a amostra atingiu 115 indivíduos em cada comunidade, sendo estes escolhidos de forma aleatória, tendo como único parâmetro ser um ator social morador das comunidades pesquisadas.
Costa, L. R.; Santos, A. P. (2014)	Discutir a importância do território, compreendido como espaço de produções discursivas, na sociabilidade de jovens pobres envolvidos na criminalidade. Pontuar as incidências de contingências excludentes em sujeitos sociais que já se encontram à margem e só consolidam, na opção pelo crime, este lugar de segregação.	Empírico.	Sociologia Psicologia.	e	Não explicita um referencial teórico para discussão, dialoga com autores que discutem criminalidade.
Gomes, C. C.; Conceição, M. I.	Compreender os sentidos atribuídos por adolescentes	Empírico.	Psicologia.		Psicossociologia.
					Foram realizados sete sociodramas semanais (método sociodramático e de história de vida) com 21 adoles-

G. (2014)	que cumpriam medida socioeducativa de liberdade assistida às trajetórias de vida e ao envolvimento com infrações à lei.	centes (18 do sexo masculino), vinculados à medida socioeducativa de Liberdade Assistida de uma Unidade de Atendimento em Meio Aberto vinculada à Secretária da Criança do Distrito Federal. As informações foram analisadas com base no modelo construtivo-interpretativo de González-Rey e analisadas à luz do aporte teórico da Psicossociologia.	
Sento-Sé, J. T.; Coelho, M. C. (2014)	Problematizar correlações entre juventude, vínculos familiares, inserção escolar, perspectivas de futuro e envolvimento com a violência, como vítimas ou agressores por meio de estudo comparativo de relatos de jovens em três diferentes situações concernentes às formas de institucionalização: a) em cumprimento de medidas socioeducativas; b) inseridos no sistema escolar público; c)	Empírico. Ciências Sociais. Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com outras pesquisas e autores que discutem a criminalidade.	Entrevista em profundidade, com roteiro que versou sobre as relações familiares, a trajetória escolar, projetos para o futuro e experiências com a violência e o crime. Optou-se por ouvir relatos de jovens, de ambos os sexos, em três diferentes situações: cumprindo medidas socioeducativas; jovens inseridos no sistema escolar público do Rio de Janeiro; e jovens que interromperam precocemente sua trajetória escolar e que se encontravam, no momento da entrevista, afastados de qualquer tipo de vínculo institucional. Foram realizadas 38 entrevistas no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase), das quais utilizou-se 28. As entrevistas realizadas com jovens escolarizados são em número de 17.

afastados de qualquer vínculo institucional.

<p>Souza, L. O.; Luiz, M. C. G.; Vitiello, M. G. F.; Anhucci, L. P. K.; Suguihiro, V. L. T.; Barros, M. N. F. (2014)</p> <p>Apresentar o perfil dos adolescentes que cumpriram internação provisória, no Centro de Socioeducação Londrina I (CENSE I), nos anos de 2008 e 2009. A pesquisa teve por base o Projeto de Pesquisa “Desenho Urbano e Violência Praticada Contra Crianças e Adolescentes”, realizado pelo Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL.</p>	<p>Empírico.</p>	<p>Não foca em nenhuma disciplina.</p>	<p>Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com leis e outras pesquisas.</p>	<p>O texto aponta que “utilizou-se a metodologia qualitativa, o que permite articular a pesquisa de base qualitativa e quantitativa, possibilitando a integração dos dados”, mas não explicita os procedimentos de coleta e de análise, apenas apresenta os dados. Diz, ainda, que a pesquisa teve por base o Projeto de Pesquisa “Desenho Urbano e Violência Praticada Contra Crianças e Adolescentes”, realizado pelo Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL.</p>
<p>Luiz, M. C. G.; Souza, L. O.; Vitiello, M. G. F.; Anhucci, L. P. K.; Suguihiro, V.</p> <p>Apresentar dados do Projeto de Pesquisa Desenho Urbano e Violência Praticada Contra Crianças e Adolescentes referente aos</p>	<p>Empírico.</p>	<p>Não foca em nenhuma disciplina.</p>	<p>Não explicita um referencial teórico para discussão, mas</p>	<p>Pesquisa por meio do levantamento dos dados registrados nos Boletins de Ocorrência Circunstanciado (BOC’s), na Delegacia Especializada do Adolescente, do município de Londrina-PR, durante os anos de</p>

L. T.; Barros, M. N. F. (2015)	atos infracionais praticados por adolescentes em Londrina-PR.			dialoga com leis e outras pesquisas.	2008 a 2010.
Neiva, A. L. (2015)	Discutir o conceito de desistência da conduta infracional por adolescentes e sua relação com os fatores de risco e proteção, sob a perspectiva da teoria da criminologia crítica.	Teórico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Teoria da criminologia crítica e dialoga com outras pesquisas.	Buscou-se estudos científicos relacionados ao tema desistência da conduta infracional e aos subtemas: adolescente autor de ato infracional, delinquência juvenil e reincidência infracional.
Zilli, L. F. (2015)	Discutir as dimensões simbólicas que perpassam as práticas da violência entre grupos de jovens delinquentes que atuam em favelas e bairros pobres das periferias da região metropolitana de Belo Horizonte.	Empírico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Não explicita um referencial teórico para discussão.	Foram realizadas 40 entrevistas em profundidade com adolescentes e jovens com intensa trajetória de envolvimento com grupos criminosos armados que atuam em favelas e bairros pobres da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O acesso a atores com este perfil se deu dentro de unidades de internação da Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), onde jovens sentenciados cumpriam medidas socioeducativas de privação de liberdade. Dentro do universo total de jovens custodiados em unidades da SEDS, foram selecionados para as entrevistas aqueles cuja sentença de internação havia sido apli-

Lucena, C. D. (2016)	D. Abordar concepções ideológicas sobre a infância e juventude e a inserção precoce na criminalidade.	Teórico.	Não foca em nenhuma disciplina.	Marxismo.	cada em função da prática de atos infracionais mais usualmente relacionados à violência de gangues: homicídios, tentativas de homicídio, tráfico de drogas, associação para o tráfico de drogas, assaltos, porte ilegal de armas e formação de quadrilha. Mesmo dentro deste perfil mais específico, foram convidados a participar do estudo apenas aqueles que, em entrevista preliminar, demonstraram com clareza que sua trajetória pessoal e infracional recente vinculava-se à dinâmica de gangues.
Welter, P.; Scortegagna, S. A. (2016)	P.; Investigar os fatores de risco relacionados à conduta de adolescentes que cometeram homicídio.	Empírico.	Psicologia.	Não explicita um referencial teórico para discussão, mas dialoga com outras pes-	Parte de pesquisas bibliográficas referente à temática, explanação das representações de ideias sobre infância e juventude, a violência e exposição dos possíveis determinantes da inserção deste segmento no mundo do crime. Foram analisados os prontuários de jovens detentos em um Centro de Atendimento Sócio Educativo, no período de 2014 a 2015, em uma cidade no norte do Estado do Rio Grande do Sul. As variáveis consideradas foram idade, gênero, estado conjugal, escolaridade, uso de drogas e álcool, circunstâncias do crime,

quisas. contexto social e familiar.

APÊNDICE B – Análise temática da entrevista de Elza

Tema	Conteúdo dos temas	Elza
Território	Circulação	Elza fica o dia todo na rua
		Elza diz que os únicos lugares que gosta no bairro é a casa de show e a praça
		Elza gosta de ir para a praça conversar com as pessoas que encontra
	Lugar de não circulação	Elza mostra os grafites do bairro que participou, porque são as coisas que ela fez e não outras pessoas
		Elza estava traficando e encontrou amigos que a chamaram para “dar um rolê”
		Elza foi parada pela polícia e ameaçada de ser detida enquanto andava pela praça porque usava uma blusa com estampa do coringa
Esse bairro é perigoso?	-	
Casa, entre responsabilidades e falta de liberdade		Elza cuida mais dos sobrinhos do que a irmã. Ela os leva para escola, dá comida e banho
		Mãe de Elza não deixa ir pro frevo, ficar muito na rua e faltar aula
		O pai, a mãe e a irmã de Elza ficam em casa durante todo o dia e a noite. Apenas a

	mãe sai às vezes para trabalhar e a irmã para namorar
Escola, que espaço é esse?	<p>Elza viu colegas de sala usando drogas durante a aula e o professor não viu. Esses colegas sempre perguntavam se ela também usava</p> <p>Elza reprovou três vezes na escola</p> <p>Elza não sabe fazer operações básicas de matemática e tem dificuldades com outras matérias</p> <p>Elza acha que a única coisa boa da escola é o recreio porque tem lanche</p>
Outros pontos da cidade	<p>Elza diz que não tem dinheiro e outros lugares na cidade para ir</p> <p>Elza nunca foi ao shopping, diz que irá quando tiver dinheiro porque não quer ficar olhando as coisas e as pessoas comendo</p>
Julgamento dos vizinhos	<p>Elza acha que as meninas do bairro são “falsiane” porque falam da sua vida e do jeito que ela se veste</p> <p>Elza se sente julgada pelas pessoas do bairro que dizem o que ela deve ou não fazer</p>
Tráfego marca seu lugar no bairro	<p>Elza acha o bairro bom, mas aponta para grande tráfego no bairro como ponto negativo, já que as pessoas a ofereciam muita droga quando ela ainda não usava</p> <p>Elza gostaria que tivesse menos polícia no bairro (Polícia não traz segurança e sim</p>

		medo)
Territorialidades: crime e uso	Adrenalina/ correr risco	Elza acha que uma fuga da polícia, pegar refém e portar armas gera adrenalina
	Alguns pontos sobre uso de drogas: os limites, o grupo e morte	Elza não gosta de sua amiga que faz uso exagerado, principalmente de crack. Não gosta do cheiro que fica na mão quando vende, por isso quer vender apenas maco- nha
		Elza diz que amigos usam várias drogas e em grandes quantidades e depois “dá branco” (desmaiam)
Medos: nenhum, morrer e ir presa		Elza tem medo de ir presa e “manchar” o nome
		Elza não tem medo de pessoas que tem passagem na polícia porque diz que conhece gente pior, referindo-se a pessoas que já cometeram vários assassinatos, explodiu caixa eletrônico e traficou grande quantidade de droga
		Elza não sente medo de parceiro que esfaqueou a ex-mulher porque conhece gente pior
Discursos sobre ser preso: o contato com a polícia e a ideia de penitenciária		Elza diz que nunca entrou em uma penitenciária e que não tem vontade de entrar
		Elza diz que nunca levou uma revista policial, apesar de andar com grande quantidade de droga escondida em seu corpo
		Elza diz que odeia polícia, mas os respeita e deseja que policiais morram. Entretan-

	to, diz que pensava em ser policial quando era pequena
	Elza diz que o bairro estava cheio de polícia no dia, atrapalhando seu trabalho.
	Elza nunca levou um enquadre da polícia e acha que todo mundo vai passar por isso. Então, ela só espera que seja um enquadre sem agressão física por parte da polícia.
Familiares: proximidades com o tráfico e com o uso de bebidas	Todos no bairro conhecem Elza por causa de seu irmão que era do tráfico
	Elza não acha bom ser associada ao irmão porque isso a coloca em ameaça em relação à polícia
	Elza admira e se orgulha do irmão e acha que é assim (“sangue quente”) porque “puxou” ele
Voa aviãozinho: “menor” no tráfico	Elza tem vontade de crescer no crime, mas uma amiga disse que menor só serve para “abraçar droga”
	Elza acha que mulher não tem coragem de matar, por isso não cresce tanto no crime. Elza não tem coragem de matar, só de bater e espancar se for para fazer valer o “código da favela” (não roubar no bairro)
	Elza começou a traficar ajudando um amigo na praça
	Elza diz que vende quando dá vontade, porque sempre tem oportunidade

	Elza diz que usa o dinheiro que ganha para comprar coisas para a casa
	Elza não conhece/ nunca conversou com as pessoas do tráfico, apenas sabe o nome
Responsabilidade no tráfico	Elza diz que nunca levou um prejuízo no período de venda de droga, nem quando ficou “lokona”
	Elza se negou a vender crack para um menino porque ele tinha oito anos e ela não acha isso certo
	Elza fica com receio de falar o nome das pessoas para não “arrastar”
Amigos no uso, no tráfico e fora dele	Elza diz que tem muitas meninas no tráfico, mas ela só tem amigo homem e todos são envolvidos com o crime
E o futuro?	Elza às vezes pensa em continuar no tráfico até morrer e às vezes pensa em estudar para ser advogada
	Elza tem dúvidas quanto ao seu futuro e prefere deixar a vida levá-la
	Elza não sabe se vai estar viva ou morta nos próximos 5 anos
	Elza prefere não se planejar quanto ao futuro, e diz que curte cada momento
	Elza diz que algumas vezes pensa em entrar para o exército e virar policial, mas ela não entende esses pensamentos

Visão de criança	Elemento fora do tráfico	Elza acha que nunca levou um enquadre policial porque se aproxima das crianças quando está no corre e a polícia chega. Às vezes se veste como “menininha” com vestido de criança e laço no cabelo para disfarçar
	Estratégia para fugir da polícia	Elza diz que não tem medo de que nada aconteça a ela porque sempre que está traficando cerca-se de crianças. Mantém amizade com crianças (fora do tráfico)
	Possibilidade de outras relações fora do tráfico	
	Passado – momento anterior	Elza diz que na há alguns anos não gostava de drogas, nem uso nem tráfico. Mas agora as coisas estão diferentes
		Elza não se vê mais como criança porque não age como criança, diferentemente de antes, quando “era grande com mente de criança”. Sua mente mudou e agora ela só tem mente de criança quando está brincando com seu sobrinho para entendê-lo
		Elza gostava de correr atrás de pipa, jogar biloca e bater cartinha. Por causa disso, ela se considerava praticamente um menino

APÊNDICE C – Análise temática da entrevista de Lina

Tema	Conteúdo dos temas	Entrevistado
Território	Circulação	<p>Lina gosta de andar, de ir para casa das amigas e de ir à praça para usar drogas</p> <p>Lina diz que anda muito, que é o que sabe fazer de melhor</p> <p>Lina adora a avenida onde ela começou a beber. Ao mesmo tempo sente vergonha por lembrar que aprontou muito. Preocupa-se com o que as pessoas pensam sobre isso.</p> <p>Lina acha que mudar para outro bairro vai ser a pior coisa do mundo e imagina que a pior coisa que poderia acontecer é não ter lugar para sair. Afirma que tem frevo em todo lugar, mas que o da Vila é o melhor, é o “fluxo de verdade”</p>
	Lugar de não circulação	-
	Esse bairro é perigoso?	Lina compara o bairro atual com o anterior, sendo que no último podia ficar na rua até de madrugada brincando e nesse não, porque o atual é perigoso
Casa, entre responsabilidades e falta de liberdade		<p>Lina fuma narguile dentro do quarto escondida ou na rua com as amigas porque os responsáveis não gostam e brigam</p> <p>O avô de Lina permanece em casa durante o dia e a noite</p> <p>Lina não gosta de ficar em casa</p>

	Lina diz que tem vontade de ir embora (de perto da mãe) porque não gosta de ficar em um lugar onde não pode fazer nada e isso resulta em várias brigas
Escola, que espaço é esse?	-
Outros pontos da cidade	Lina diz que vai ao bairro vizinho quando tem frevo e em outros dois bairros onde seus tios moram
Julgamento dos vizinhos	<p>Lina diz que vizinhos falaram para sua mãe que ela usava drogas e sua avó veio lhe perguntar com descrição se era verdade. Ela disse que tinha usado apenas uma vez</p> <p>Lina diz que suas amigas não usam drogas e que não a julgam em decorrência de seu uso</p> <p>Diferentemente dos vizinhos do bairro que a julgam, principalmente, as amigas de sua mãe</p> <p>Lina gostaria que as pessoas do bairro respeitassem o espaço e as escolhas das outras pessoas porque não sabem o que elas sofrem</p> <p>Acha que as pessoas fazem fofoca para destruir as famílias, causando brigas, discussões e desunião</p> <p>Lina diz que ela e seu primo são vistos pelas tias como vagabundos</p>
Tráfico marca seu lugar no	Lina acha o bairro bom, mas as pessoas o enxergam como ruim porque escolhem olhar

	bairro	para “o mundo das droga” que tem na região
Territorialidades: crime e uso	Adrenalina/ correr risco	<p>Lina sentiu adrenalina ao usar heroína como efeito</p> <p>Lina diz que não fazia nada de diferente quando sentia adrenalina após o uso, porque usava outra coisa depois e porque tinha hora para chegar em casa</p> <p>Lina prefere um ponto de venda de drogas por causa da companhia de um amigo que deixava a situação mais emocionante</p> <p>Lina diz que ama o perigo, mesmo sabendo que é o perigo</p> <p>Lina acha que o perigoso é sempre melhor, estimulando aquilo que é proibido</p>
	Alguns pontos sobre uso de drogas: os limites, o grupo e morte	<p>Lina não usa drogas injetáveis se a seringa for compartilhada por medo de pegar doença</p> <p>Lina afirma que alguém do próprio grupo vende seringas sem uso</p> <p>Lina afirma que o grupo aponta a quantidade de uso com base na experiência da pessoa para evitar overdose</p> <p>Lina diz que viu uma amiga morrer após uso de várias substâncias e em grande quantidade</p>
	Medos: nenhum, morrer e ir presa	Lina diz que a morte não a assusta porque já viu muita gente morrer. Que quando está no mundo da droga alguém sempre morre, por dívida, por falar demais ou por machucar

alguém. Que é triste ver os colegas do começo morrendo e ela ficar. Diz que não tem medo de morrer, mas que todo mundo tem esse medo, mesmo que negue

Lina diz que viu um homem ser executado porque não pagou uma dívida. Primeiro ele sofreu agressão com pauladas, mas não morreu. Em seguida, deram um tiro nele

Lina diz que quer parar o uso porque criou mais mente e porque vê muita gente morrendo e indo presa

Lina tem medo de morrer ou de ir presa

Discursos sobre ser preso: o contato com a polícia e a ideia de penitenciária

Lina conta de uma situação em que apanhou muito da polícia. A policial deu tapa e bateu a botina em seu rosto. Lina diz que se não fizer o que a polícia manda, eles agridem mais. E que não é verdade que polícia não bate

Lina foi presa ao responder uma policial, mas foi solta no mesmo dia com a presença da avó. Não sabe se isso conta como passagem ou não

Lina acredita que a penitenciária não é um lugar bom porque tem muitas mulheres e elas são agressivas e, ainda, porque não se sente livre

Familiares: proximidades com o tráfico e com o uso de bebidas

Lina admira o tio traficante, que foi expulso do bairro, mas agora voltou porque é protegido por alguém

Tio traficante de Lina não apoia seu envolvimento e a ameaça agredi-la caso descubra

	algo. Porém, ela não tem medo
	Lina diz que bebe muito com seus tios por parte de pai, comportamento que os tios por parte de mãe não aprovam
	Lina diz que sua mãe aprontou tudo que ela apronta hoje quando era mais nova
	Lina diz que aprendeu a beber com os tios por parte de pai, em outro Estado
Voa aviãozinho: “menor” no tráfico	Lina diz que apenas traficou enquanto esteve no crime, sem desenvolver outras funções
	Lina diz que vendeu durante alguns meses
	Lina diz que resolveu traficar para ganhar dinheiro e que é muito dinheiro
Responsabilidade no tráfico	Lina afirma que “sempre andou pelo certo”, ou seja, nunca deixou faltar o dinheiro da venda
	Lina diz que a responsabilidade no tráfico é algo ruim porque a coloca em risco
Amigos no uso, no tráfico e fora dele	Lina diz que a primeira vez que fumou maconha foi com os colegas na praça e que hoje alguns estão presos, outros morreram e outros estão na vida
	Lina diz que começou a usar porque seus colegas ficavam chamando e deu vontade
	Lina diz que teve um sangramento no nariz após cheirar um “planeta” inteiro de cocaína

feito por seus colegas. Nesse dia, ela já estava bêbada e havia usado loló

Lina diz que quando está com as amigas brinca, mexe com meninos na rua e fuma narguile

Lina diz que gasta seu dinheiro com comida e possui um esquema com as amigas de que quem tem dinheiro paga para todas

Lina começou a participar de algumas atividades esportivas no bairro após ter sido presa. Suas amigas sempre a chamavam e ela não ia, mas foi e gostou

Lina tira foto de uma rua onde todos os seus amigos moram e diz que vai se emocionar quando ver a foto

Lina diz que conversa de tudo quando está fumando narguile. Falam sobre o dia, trocam experiências e falam das relações com os pais

E o futuro?

Lina pretende parar com o uso e com o tráfico no futuro, terminar os estudos e se formar. Mas não sabe se vai conseguir

Lina pretende estudar medicina ou advocacia, mas diz que só Deus sabe se ela vai conseguir

Visão de criança Elemento fora do tráfico

-

Estratégia para fugir da polícia

Possibilidade de outras relações fora do tráfico

Passado – momento anterior Lina gostava de jogar bola e subir em árvores

APÊNDICE D – Análise temática da entrevista de Chico

Tema	Conteúdo dos temas	Chico
Território	Circulação	Chico gostava de brincar na rua, andar pelo bairro e ir na porta das escolas com os amigos Chico diz que ficava o dia todo na rua, brincava na porta de casa e depois ia em vários lugares
	Lugar de não circulação	Chico foi ameaçado de ser detido pela polícia se for visto na rua Chico acha que alguém do conselho tutelar está o vigiando o tempo todo Chico diz que agora não sai e para se acostumar a ficar em casa busca novas atividades de lazer, como soltar pipa no quintal de casa, jogar videogame. Quando sai, vai para a porta de alguma escola e volta rápido.
	Esse bairro é perigoso?	Chico compara o bairro atual com o anterior, sendo que no último podia ir para a escola sozinho, porque o atual é perigoso
	Casa, entre responsabilidades e falta de liberdade	Chico diz que gosta brincar durante o dia e de assistir novela em casa durante a noite
	Escola, que espaço é esse?	Chico não estava estudando porque não conseguiu vaga na escola. Após ser apreendido, o conselho tutelar foi acionado e ele conseguiu uma vaga

		Chico reprovou duas vezes na escola
	Outros pontos da cidade	Chico já foi em outro bairro para participar de uma atividade esportiva com uma ONG do seu bairro e ia sempre no bairro vizinho para jogar bola Chico já foi em outro bairro para visitar uma tia, mas agora ela mudou de país
	Julgamento dos vizinhos	-
	Tráfico marca seu lugar no bairro	Chico aponta que o tráfico como ponto negativo do bairro, bem como risco de acidente de trânsito, falta de praça e lugar para lazer, presença da polícia como ameaça, em decorrência de balas perdidas.
Territorialidades: crime e uso	Adrenalina/ correr risco	-
	Alguns pontos sobre uso de drogas: os limites, o grupo e morte	-
	Medos: nenhum, morrer e ir presa	Chico acha que se entrar no crime não tem saída, ou morre ou vai preso
	Discursos sobre ser preso: o contato com a polícia e a ideia de penitenciária	Chico diz que não gosta de polícia, mas tem que respeitar, porque eles podem prendê-lo. Ele tem medo de ir preso porque os policiais disseram que na penitenciária ele será agredido por eles e vai passar fome
	Familiares: proximidades com o tráfico e com o uso de bebidas	Chico conta que seu pai está preso há 5 anos, cumprindo uma sentença de 28 anos por transportar carreta com droga. Chico não conta isso para as pessoas por-

		que sente vergonha.
		Chico diz que sua mãe não trabalha e que o padrasto manda dinheiro de dentro da penitenciária para as despesas da casa. Chico não sabe o que ele faz para conseguir o dinheiro.
	Voa aviãozinho: “menor” no tráfico	Chico diz que é a nova geração do crime
	Responsabilidade no tráfico	-
	Amigos no uso, no tráfico e fora dele	Chico diz que não brinca mais com os amigos de antes (do tráfico) e que agora está escolhendo melhor suas amizades.
		Chico diz que antes só brincava com meninos, os colegas do tráfico e que agora brinca com meninas porque é o que tem na rua de sua casa, e com os dois quando aparecem meninos por lá.
	E o futuro?	Chico acha que vai estar ótimo daqui a cinco anos, pois pretende estar trabalhando.
		Quer abrir um lavajato ou uma oficina de som
Visão de criança	Elemento fora do tráfico	Chico diz que agora brinca de “criançinha”, quando estava envolvido não brincava.
	Estratégia para fugir da polícia	Antes, quando estava próximo do tráfico, Chico achava as brincadeiras de criança

Possibilidade de outras relações fora do tráfico	chatas, mas foi brincar e gostou. Agora brinca com meninas, brinca de tacar chinela e que se diverte muito.
Passado – momento anterior	-
